



Departamento de Ciências Sociais e de Gestão

Mestrado em Relações Interculturais

# OS USOS DOS TEMPOS DAS MULHERES IMIGRANTES ORIUNDAS DE ÁFRICA DA QUINTA DO CHEGADINHO

Sérgio Manuel de Oliveira e Encarnação

Lisboa, Julho de 2013

OS USOS DOS TEMPOS DAS MULHERES IMIGRANTES  
ORIUNDAS DE ÁFRICA DA QUINTA DO CHEGADINHO

Sérgio Manuel de Oliveira e Encarnação

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em  
Relações Interculturais

Orientadora: Professora Doutora Bárbara Bäckström

*Aos meus pais*

*Não há dois lugares, nem talvez duas horas, em parte alguma, exactamente iguais.  
Quão diferente é o cheiro do meio-dia do da meia-noite, o cheiro do Outono do cheiro  
do inverno, o de um momento de brisa de outro de calma!*

*O mundo é na verdade um festim da vida!*

Walt Whitman

## **Agradecimentos**

O primeiro agradecimento vai para uma pessoa que foi incansável, que emprestou tanto do seu tempo, privando-se de algumas coisas para me apoiar: a Prima Raquel Cabrita.

Devo também agradecer a Cristina Câmara, Tânia Reis, Ana Coelho e Associações com que durante estes últimos meses mantive contacto, também deixo o meu profundo agradecimento.

E por último um sinal de gratificação mor para a Orientadora: Professora Bárbara Bäckström.

## **Resumo**

Este trabalho incide sobre as experiências concretas de *tempos* e dos seus usos por parte das mulheres oriundas de África, moradoras na Quinta do Chegadoinho.

A sociedade cada vez se caracteriza por interconexões tempo-lugar mais complexas, onde os vínculos laborais foram tomados pela flexibilização que por sua vez impôs novas durações, sequencias temporais e intensidades. Este conjunto de mudanças representa novos estilos de vida. Partindo do passado, procura-se identificar aspectos ligados a experiências profissionais e familiares ainda no país de origem, depois a linha do tempo faz uma escala no presente para procurar a descrição do dia-a-dia de cada mulher e por último procura-se conhecer expectativas ou metas em perspetiva para um futuro mais próximo ou mais distante. Este trabalho analisa ainda a dimensão da pontualidade.

Palavras-chave: Mulheres, tempo, trabalho, passado, presente.

## **Abstract**

This paper focuses on the practical experiences of times by women from Africa, living in Quinta do Chegadoinho.

The society increasingly characterized by interconnections more complex time-place where labor bonds were taken by loosening which in turn has imposed new: duration, intensity and temporal sequences. This set of changes represent new lifestyles. From the past, attempts to identify aspects related to professional experiences and family still in the country of origin, then the timeline is a scale in the present to find the description of the day-to-day life of every woman and finally looking up meet expectations or goals in perspective for a future closer or farther away. This research also includes a short chapter on punctuality

Keywords: Women, time, work, past, present.

## ÍNDICE

Introdução -----	p.1
1. O tema -----	p.3
2. Questão de partida -----	p.3
3. Objetivos -----	p.3
<b>I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	
<b>1. Resenha histórica -----</b>	<b>p.5</b>
1.1. Noções de tempo-----	p.5
1.2. O tempo e a mudança -----	p.9
<b>2. Dimensões temporais-----</b>	<b>p.11</b>
2.1. O Tempo numa perspectiva de género-----	p.11
2.2. Pressão e velocidade temporal -----	p.13
2.3. O valor do passado -----	p.15
<b>3. Sistemas temporais -----</b>	<b>p.17</b>
3.1. Os Sistemas temporais monocrónicos e policrónicos -----	p.17
3.2. O tempo em alguns Lugares de África -----	p.21
<b>4. Espaço-----</b>	<b>p.23</b>
<b>III - PARTE II -INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA</b>	
<b>1. A descoberta dos tempos -----</b>	<b>p.27</b>
1.2. Tipo de estudo-----	p.27
1.3. A Construção da Amostra -----	p.28
1.4. A Caracterização da Amostra -----	p.29
1.5. Limitações do estudo-----	p.41

<b>2. Métodos</b> .....	p.43
2.1. Técnicas de Recolha de dados .....	p.43
2.2. A entrevista. ....	p.43
2.3. Observação participante .....	p.44
2.4. Pesquisa documental .....	p.44
2.5. A análise de conteúdo .....	p.45
<b>3. Caracterização sócio demográfica e migratória do Concelho de Almada</b> .....	p.45
3.1. O Concelho de Almada .....	p.45
3.2. O Feijó.....	p.46
3.3. População Concelho de Almada .....	p.47
3.4. Migrações no Feijó / Almada .....	p.49
<b>4. A Quinta do Chegadinho</b> .....	p.51
4.1. Enquadramento geográfico .....	p.51
4.2. Acessibilidades .....	p.51
4.3. Resenha histórica .....	p.52
4.4. Comércio e movimento .....	p.53
4.5. População adulta .....	p.55
4.6. Tipologias dos Agregados Familiares da População .....	p.55
4.7. Nacionalidades .....	p.56
4.8. Satisfação dos moradores .....	p.58
4.9. Pontos fracos e fortes do Bairro .....	p.58
4.9.1. Ponto fracos do Bairro .....	p.59
4.9.2. Pontos Fortes do Bairro.....	p.60
<b>5. Resultados</b> .....	p.61
5.1. Introdução.....	p.61
5.2. As redes de apoio informais e formais.....	p.63
5.3. Trajectórias e Expectativas .....	p.65
5.4. Experiências profissionais.....	p.75

5.5. Pressão e intensidade temporais -----	p.80
5.6. Pontualidade -----	p.85
5.7. As expectativas em relação ao futuro -----	p.89
5.7.1. Relações sociais no Bairro -----	p.90
5.7.2. Expectativas -----	p.91
<b>6. Considerações finais</b> -----	<b>p.107</b>
<b>Bibliografia</b> -----	<b>p.111</b>

### **Índice de Quadros, Tabelas e Figuras**

Quadro 1: Pessoas Monocrónicas e Pessoas Policrónicas-----	p.20
Quadro 2 - Dados relativos à população do Concelho de Almada -----	p.47
Quadro 3: Migrações relativamente a 31/12/2005 Censos 2011 -----	p.50
Quadro 4: Migrações relativamente a 31/12/2009 Censos 2011 -----	p.50
Quadro 5: Caracterização dos pontos de maior e menos satisfação dos moradores ---	p.58
Quadro 6: Rede de apoios formais e informais-----	p.63
Tabela 1 – Idade das entrevistadas -----	p.29
Tabela 2 – Estado civil e agregado familiar -----	p.30
Tabela 3 – Data de nascimento, ano de chegada, e nacionalidades à chegada e no ano de 2012 -----	p.32
Tabela 4 – Escolaridade, rendimento individual, rendimento do agregado, número de horas de trabalho e área profissional-----	p.37
Tabela 5 – Idade das entrevistadas-----	p.48
Tabela 6 – Idade das entrevistadas-----	p.49
Figura 1 - Nacionalidade das inquiridas -----	p.34
Figura 2 - Idade das entrevistadas quando chegaram a Portugal-----	p.35
Figura 3 - Anos de permanência das inquiridas em Portugal -----	p.35

Figura 4 - Nível de escolaridade das inquiridas-----	p.36
Figura 5- Rendimento mensal individual das inquiridas segundo estado civil-----	p.39
Figura 6 - Rendimento mensal do agregado familiar das inquiridas segundo estado civil----	p.40
Figura 7- Mulheres e afiliação em associações -----	p.41
Figura 8 - Acesso ao Bairro pelo Parque da Paz-----	p.52
Figura 9 - Caminho que atravessa o Chegadinho Velho -----	p.53
Figura 10- Distribuição da população adulta por sexos -----	p.55
Figura 11 - Tipologia dos agregados familiares -----	p.56
Figura 12 - Distribuição por nacionalidades -----	p.57
Figura 13 - Indivíduos com dupla-nacionalidade-----	p.57
Figura 14 - Pontos fracos do Bairro -----	p.59
Figura 15 - Pontos fortes do Bairro-----	p.60

### **Índice de anexos**

Anexo I. Inquérito de Caracterização das entrevistadas	
-----	p.123
Anexo II. O Guião de Entrevista	
-----	p.125

## **Introdução**

O âmbito deste trabalho é pesquisar sobre os usos dos tempo por parte das mulheres oriundas de África da Quinta do Chegadinho, identificando experiências, mas também desconstruir perspectivas temporais. Outro objectivo será colmatar uma ausência de pesquisas empíricas na área das ciências sociais, nomeadamente no estudo de temporalidades na área das relações interculturais. Pretende-se que este trabalho possa ser de alguma forma uma ferramenta útil para a melhoria de contextos de vida.

No que se refere à estrutura deste trabalho, ele encontra-se dividido em 7 capítulos que mais não pretendem do que dar uma visão reflectida sobre a temática dos usos dos tempos das mulheres imigrantes oriundas de África, da Quinta do Chegadinho, baseada num trabalho de campo desenvolvido segundo uma metodologia qualitativa

Assim, no primeiro capítulo é feita uma breve introdução ao tema, onde se justifica o objecto e o problema em estudo, explicando qual a sua importância para a comunidade científica; salientam-se os objectivos gerais e específicos da investigação, enquanto linhas mestras orientadoras da pesquisa.

No capítulo 2 também daremos destaque aos pensadores clássicos, mas já dentro de uma perspectiva de género, onde são identificados alguns dos argumentos que reforçavam a desigualdade entre mulheres e homens.

Posteriormente iremos rever questões ligadas à pressão e intensidade temporais, porque cada geração e cada indivíduo entendem o tempo de modo diferente. Partiremos do contexto sócio-económico geral vigente para o quotidiano num Bairro, já na parte dos resultados.

Antes dos dois últimos capítulos, será apresentado uma breve síntese acerca do valor do passado. A terminar observaremos os sistemas temporais de várias regiões do globo e de diferentes culturas, onde faremos também a distinção entre tempos monocrónicos e policrónicos.

Já na parte empírica, observaremos que as mulheres imigrantes oriundas de África na Quinta do Chegadinho vivem num tempo imposto externamente, por isso mesmo não possuem elevadas expectativas, nem constroem planos a nível individual ao que hoje

tão comumente se denomina de empreendedorismo, esta pesquisa ainda demonstrará o porquê dessa ausência metas a longo prazo.

As questões relacionadas com pontualidade também se encontram incluídas na presente pesquisa, onde será realizada uma apreciação crítica sobre um sistema temporal que "obriga" ao cumprimento de horários.

## 1- O tema

Os estudos do tempo o âmbito das ciências sociais têm tido uma expressão crescente, embora ainda exista uma tendência para produção de ensaios, e poucos trabalhos junto de população. Este trabalho cruza tempo com estudos das mulheres e relações interculturais.

## 2- Questão de partida

A questão principal da presente investigação incide sobre como as mulheres do Bairro Quinta do Chegadinho oriundas de África usam e perspectivam o tempo.

## 3- Objectivos

1. Caracterizar o quotidiano das mulheres no país de origem e no país de destino.
2. Relacionar pressão e intensidade temporais com contextos específicos de vida, tais como o desemprego ou a proliferação de trabalhos a tempo parcial, ou trabalho doméstico
3. Identificar como a questão da pontualidade é encarada, que passa pela desconstrução da própria noção de pontualidade e a forma como esta se aplica.
4. Identificar as expectativas e o grau de satisfação em relação ao futuro, percebendo quais os projectos, as motivações, e as estratégias para o alcance de algumas metas.



## PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

### 1. Resenha histórica

#### 1.1. Noções de tempo

De acordo com Durkheim o tempo é produto de uma construção social, que é instituído colectivamente, caracterizando-se pela sua objectividade e pensamento abstracto. (Silva, 1994)

O tempo, de acordo com o pensamento de Bergson, o tempo tem origem na consciência, é um fluxo continuo caracterizado pela sua indivisibilidade, não sendo acessível ao pensamento racional que representa uma série de estados: fixo, imóvel e finito. O tempo real é vivido e intuído e não apreendido pelo pensamento e mensurabilidade. As medidas cronológicas integram a investigação racional que elenca *"repetição, mesmidade e a incapacidade de englobar uma coesão temporal"*. Segundo o autor estas características só acessíveis ao tempo espacializado. (Bergson, in Adam, Barbara, 2004:56)

Ainda para Bergson a fragmentação do tempo em partes é um meio de facilitação da acção, que no entanto induz a uma apreensão da realidade de carácter estático, logo a continuidade e mudança, o tempo real é obstruído pela estaticidade por parte dos indivíduos por meio de hábito (Rossetti, 2001). A sequência de dinâmicas temporais vinculadas à mudança são consideradas heterogéneas e instáveis, tal como explicitou Franklin Leopoldo e Silva: (...) *"situação concreta, aquilo que de real é efectivamente dado ao sujeito, é a vivência na temporalidade, na sucessão dos instantes que introduz no Eu algo como uma instabilidade constitutiva. Esta sucessão de instantes não se resolve na pura cronologia, isto é, ela não pode ser considerada como uma sequência homogénea. Os instantes diferem qualitativamente e são vividos sempre no limite da diferença que mantêm entre si"* (Silva, 1996).

Deste modo, podemos concluir que em Bergson, o tempo real, mais intrínseco ao indivíduo, se encontra num plano metafísico.

Gaston Bachelard critica as ideias de Bergson acerca de duração, dissertando sobre a função da experiência que assim deixa de ser um fragmentador de fluxos temporais, pelo contrário cabe a esta dar sentido a existência do tempo. O autor expõe acerca da importância do acontecimento, neste caso específico o conceito de tempo vazio: "(...) *o tempo vazio, o tempo sem acontecimentos [...] Nós, porém, nos obstinaremos em afirmar que o tempo nada é se nada acontece*" (Bachelard, 2007:42).

Outro noção abordada por Bachelard, foi a de duração que é constituída por um sistema de instantes, formando-se ritmos. A partir desta premissa poder-se-á concluir que as sequências temporais em Bachelard são descontínuas, segundo sintetizou Rita Souza: "*Para alcançar uma recordação completa faz-se imprescindível a reconstituição de inúmeros e múltiplos instantes*" (Paiva, 2005).

É de salientar que a ausência de uma unidade temporal contínua leva que as rupturas temporais estejam na base de uma abordagem epistemológica experimental. O conceito de verdade é substituído por verdades provisórias, que no entendimento do autor não passam só pela rectificação de erros, mas também pela sua síntese: "*Ora, o espírito científico é essencialmente uma rectificação do saber, um alargamento dos quadros do conhecimento. Julga seu passado histórico, condenando-o. Sua estrutura é a consciência de suas faltas históricas. Cientificamente, pensa-se o verdadeiro como rectificação histórica de um longo erro, pensa-se a experiência como rectificação da ilusão comum e primeira*" (Bachelard, 1982:120).

A partir de uma análise crítica sobre a perspectiva temporal na epistemologia Bachelardiana poder-se-á observar que a primazia do papel da memória é variável. Concordamos que a evolução do conhecimento é feita também através da revisão de erros, mas também pela observação de convergências de saberes processados numa dada época. Será a memória um espaço fragmentado unilinear? Ou contínuo? Provavelmente ambas perspectivas coexistirão.

Para Santo Agostinho a verdade transcende o indivíduo, a Entidade Divina representa um guardião fiel da memória, o que não implica que os indivíduos deixem de ser detentores de livre arbítrio. Assim a memória mantém um carácter dinâmico. Também se pode descortinar ao longo da obra Confissões, que o tempo é interior ao homem, logo o passado e futuro não existe fora do espírito humano (alma/mente). (Adam, Barbara; 2006:53) De acordo com Santo Agostinho (em Costa) é da memória de onde "se tira

tudo o que se diz", porque a mesma é intrínseca ao indivíduo: "(...) *o tempo qualitativo ou da consciência, que é percebido na interioridade do homem, na alma, a qual, pela memória...*" (Agostinho in Costa, 2010). As emoções que compõem a alma: o desejo, a alegria, o medo, a tristeza e a antecipação são componentes fundamentais para equilibrar as vivências do dia-a-dia.

Os processos presentes na regulação da mente compreendem três funções: espera (expectativa), a atenção e a lembrança (memória). Damos algum destaque à função atenção, sobre a qual Santo Agostinho disse: (...) "*já existe no espírito a expectativa do futuro. Quem pode negar que o passado não mais existe? Contudo, existe ainda no espírito a lembrança do passado. E quem nega que o presente carece de extensão, uma vez que passa em um instante? No entanto, perdura a atenção, diante da qual continua a retirar-se o que era presente. Portanto, não é o tempo futuro que é longo, pois não existe, mas o longo futuro é a longa espera do futuro*" (Agostinho, 1984: 354, 355).

Além do tempo dado à construção do pensamento epistemológico ou ligados a crenças, interessa demonstrar o papel consciente do Outro na construção de um tempo mais relacional que implica ter conhecimento sobre a maneira como outro se apresenta nas suas diferentes maneiras, caracterizadas por relações de proximidade e familiaridade, que marcam a coexistência num dado tempo e num espaço. Salientamos algumas ideias de Schutz (por Bruno Pinheiro ): "*É o próprio Schutz que nos diz que o "(...) imediatamente temporal e espacial é uma característica essencial da relação face-a-face"*" (Schutz in Pinheiro, 2007:54).

Ainda para Schutz (em Pinheiro) a atenção constitui uma variável de peso: *porque permite o reconhecimento constante da expressividade própria de cada um dos intervenientes, sendo que, para tal, a dimensão corpórea assume um papel fundamental, enquanto veículo de transmissão de significações de carácter social* (Schutz in Pinheiro, 2007:56).

A crescente sincronia gerada pelas tecnologias de informação e comunicação pode criar a sensação de uma extensão do presente para o futuro. A partir dessa premissa existem vários argumentos de Bruno Pinheiro com base em Schutz que levantam alguns pontos de reflexão:

O passado comporta mais do que apenas o calendário cristão, porque abrange o Homem desde do primeiro instante, assim poder-se-á concluir que há mais passado do que presente, este último é apenas uma "*parcela ínfima da temporalidade*". (Schutz in Pinheiro 2007:76); o futuro é descrito como algo vago, "*fundamentalmente aberto e indeterminado*". As ferramentas usadas para alcançar o futuro são a inefabilidade e a especulação (Schutz in Pinheiro 2007:76, 83).

Para Elias, os instrumentos de leitura de precisão do tempo e os calendários integram os processos civilizadores das sociedades. A mudança é realizada a partir dos saberes adquiridos no passado, sem que se consiga determinar um princípio ou o fim: "*Na verdade, essa evolução não tem fim, ou antes, não tem começo*" (Elias, 1984:49). Os seres humanos são dotados de memória e síntese, além da linguagem, que em Elias é um veículo de regulação social, cujo resultado traz o incremento de auto-disciplina e controlo das pulsões, desempenhando também um papel de meio de orientação (temporal e espacial). Esses símbolos (desde da infância) transmitidos são a base da socialização que permitem a atribuição de significados a experiências (Elias, 1984).

Por último ainda referir que Gurvitch afirmou que o modo dos ajustamentos temporais entre e intro comunidades é realizado de modo diferente. Destacamos as ideias do autor sobre migrantes e bairros sociais, de onde podemos deduzir dinâmicas colectivas que (re)criam um tempos heterogéneos (Gurvitch, 1964).

## 1.2. O tempo e a mudança

Barbara Adam salienta que a busca da mudança reduz significativamente a estabilidade e segurança estrutural da sociedade. Concordamos em parte quando da autora enuncia que várias frentes de conhecimento e crescimento económico serão enzimadoras de mudanças (Adam, 2005). No entanto falta identificar (faremos em seguida) quais têm sido os factores de manutenção de alguns sistemas sociais mais "cristalizados", quer sejam eles construídos por teóricos ou por sistemas políticos.

Na análise da divisão sexual do trabalho, Durkheim estabelece como ponto de partida a origem biológica evolutiva das diferenças entre homem e mulher, com forte influência da escola positivista: *"O volume do crânio do homem e da mulher, mesmo quando se comparam indivíduos de idade igual, de estrutura igual e de peso igual, apresenta diferenças consideráveis a favor do homem, esta desigualdade vai igualmente crescendo com a civilização, de maneira que o ponto de vista da massa encefálica e, por consequência da inteligência, a mulher tende a diferenciar-se cada vez mais do homem"* (Durkheim, 1984:156). A partir da volumetria mais acentuada dos cérebros masculinos foi construído um conjunto de impressões, onde afirmou que as mulheres possuíam mais aptidões para letras e arte e os homens para a ciência. (Durkheim, 1984:75) A complementaridade entre papéis de homens e mulheres seria um factor de estabilidade social na medida em que o papel familiar e doméstico estariam sob quase exclusiva responsabilidade por parte das mulheres (Hirata, 2002).

Já as teorias do estruturalista Talcot Parsons são caracterizadas por Merton (1949) como portadoras de uma componente demasiado abstracta, cuja pretensão é abarcar todos os sectores da sociedade.

Parsons procurou então construir uma estrutura, cujo sistema é constituído por subsistemas de acção a operar entre si, constituindo-se como interdependentes, onde o resultado seria a relativa manutenção da estabilidade social (Parsons, 1974).

A família representa o principal agente de socialização, onde as mulheres tinham um papel decisivo na educação das crianças, cuidadora providencial e trabalhadora doméstica, enquanto o homem seria o "ganha-pão" da família. Dos autores detentores da sociologia da estabilidade, destacamos Talcott Parsons que prediz

complementaridade entre papéis sociais de homens e mulheres e a sua acentuação ao longo do tempo. As mulheres são observadas predominantemente como expressivas e os homens possuem o atributo de instrumentalistas. Mesmo considerando a evolução do pensamento do autor em relação ao papel das mulheres no trabalho, a família nunca deixou de constituir uma estrutura insubstituível (Parsons, 1955). As mulheres teriam o seu grande viés impeditivo em relação à inserção no mercado de trabalho, segundo o autor, pelo facto de se demonstrarem demasiado expressivas, o que retinha o seu papel ao domínio privado, nomeadamente o trabalho doméstico e cuidado de terceiros (Parsons, 1955).

Já Leach caracterizou as sociedades sustentadas através dum equilíbrio instável. É de salientar que este autor discorda da existência de leis no processo histórico e de probabilidade sociológica no contexto específico da antropologia social (Leach, 1961).

Este autor partiu da premissa que a sociedade não se pode caracterizar como culturalmente homogénea, pelo contrário esta é caracterizada pela sua infinita diversidade” (Leach, 1989).

Em suma, as estruturas sociais construídas por sociólogos, antropólogos são dadas e afectas a tempos e espaços específicos. No entanto, a delimitação rigorosa de fronteiras no que diz respeito a equilíbrios e desequilíbrios entre sistemas sociais, poderá também depender de aspectos mais ligados ao quotidiano dos indivíduos, nomeadamente, os interesses individuais. Supomos que será por esta razão que este autor enfatiza que certos investigadores atribuem demasiada importância a certos aspectos aliados à organização social (Leach, 1961).

Outros de ponto de vista sobre questões ligadas a instabilidade e estabilidade provém de Huntington. Segundo o mesmo a instabilidade terá íntima relação com a incapacidade de satisfação de novos desejos criados, por outras palavras, serão metas a serem alcançadas. Já a estabilidade, nem sempre surge nos períodos de maior prosperidade económica, pelo contrário o factor pobreza contribui para a manutenção de uma dada ordem social, tal como é foi descrito pelo autor: *A pobreza em si mesma é uma barreira à instabilidade. Os que estão preocupados com o objectivo imediato da próxima refeição não estão propensos a se preocuparem com a grande transformação da sociedade* (Huntington, 1975: 66).

É justamente o hiato entre aspirações e expectativas que podem gerar níveis maiores de instabilidade social, acrescentámos que as aspirações estão relacionadas com desejos e a busca de sua realização. A expectativa é a esperança ou a crença de que um objetivo pode ser alcançado, enquanto as aspirações implicam na transformação dos desejos em projetos pessoais ou coletivos (Giovinazzo, 2005).

Partindo do positivismo de Durkheim, passando pelo estruturalismo de Parsons, contrapomos com a dicotomia estabilidade e instabilidade através das ideias de Leach e Huntington. Chegamos à conclusão que os processos sociais são caracterizados por contingências e que a promoção intencional da pobreza é uma ferramenta usada por parte do estados mais conservadores.

Em síntese dir-se-á que pobreza e o modelo de nuclear de família tradicional prevaleceram como importantes factores de manutenção de poder por parte das elites, durante a vigência do Estado Novo. A família tradicional então foi alvo de ferramenta de propaganda como precursor de estabilidade social, como se pode auferir no seguinte excerto: (...) *“É a família que assegura o bom funcionamento da sociedade e a sua “regeneração”* (Cova; Pinto, 1997:73).

## **2. Dimensões temporais**

### **2.1. O Tempo numa perspectiva de género**

As características dadas a uma sociedade tais como a hegemonia do presente, o chamado tempo real, a imediatez, a ubiquidade e a instantaneidade poderão integrar projectos sustentáveis no tempo? A resposta é não (Innerarity, 2011). Justificaremos a nossa resposta seguindo uma perspectiva de género.

Maria José Nuncio salienta a conciliação de múltiplas actividades, *“as mulheres que correm e se apressam”*. Porque lhes são exigidas a conciliação de várias actividades em duplas jornadas que são preenchidas com responsabilidades profissionais e familiares, que segundo o nosso ponto de vista mais global, actualmente mais do que produto de uma escolha deliberada, serão motivadas por orientações educativas castradoras. As

mulheres procuram adoptar comportamentos que possam responder às expectativas dos outros (Núncio, 2008).

Outros factores que têm confinado as mulheres à esfera privada são as diferenças de salários e a concepção de mulher como ser natural, que em parte conduzem aos estereótipos ligados à maternidade, cujo resultado é o confinar das mulheres ao espaço privado em função da educação dos filhos e tarefas domésticas inerentes. (Pateman, 1994) O resultado leva a uma imagem da mulher potencial desistente, porque até porque em algumas profissões, o salário além de pautado pela desigualdade, não constituiu um elo de ligação directo à esfera pública, tal como é o caso específico do trabalho doméstico que continua a conter uma forte conotação com a esfera privada, que leva à sua desvalorização e conseqüente invisibilidade (Grint, 1998:311), (Baptista, 2008).

De facto, a posição das mulheres no mercado de trabalho o panorama não é mais animador, porque o trabalho feminino tem tido uma estreita ligação com mão-de-obra barata (Perista, 1999).

A diferença de salários assume significado de uma construção identitária baseada no factor desigualdade, que retira capacidades de reivindicação. Pelo contrário, a mulher encontra-se mais propensa a situações, que segundo o nosso ponto de vista acabam por entrar mais na dimensão dos direitos humanos, tal como é explicado por Teresa Cunha: *“Quanto menor capacidade de conseguir capacidade económica, mais a mulher ter de se submeter e sofrer, mesmo violências de várias ordem. Pensam alguns que sem capacidade de independência económica a mulher, olhará o divórcio como uma miragem-longínqua”* (Cunha, 2005:38).

A realização das mulheres pode assumir uma orientação mais pública e de dedicação exclusiva que não necessariamente passará pela maternidade ou constituição de família (Friedan, 1963). No entanto são as mulheres que decidiram migrar que se encontram ainda mais afastadas dos centros de decisão e em certos casos a decisão de migrar a solo coloca as mulheres em situações de maior vulnerabilidade em relação aos homens no que diz respeito a riscos, tais como o trabalho informal, surgindo casos de trabalhos forçados, trabalho sexual e prostituição forçada. O tráfico de mulheres e a sua subjugação também têm sofrido um aumento exponencial. Sabendo-se que tangibilidade de um projecto de carreira profissional ou a mobilidade ascendente social em Portugal têm um número baixo de ocorrências (Wall, 2005).

Neste caso em particular, as mulheres imigrantes, sobretudo as oriundas de África encontra-se condicionada nas suas escolhas de vida, de acordo com as palavras de João Peixoto e outros autores: *A mulher migrante considera-se discriminada, sendo as divorciadas aquelas que mais o sentem e as viúvas as que menos declaram ser discriminadas. Estão no grupo das mais discriminadas as ajudantes familiares, costureiras e empregadas de limpeza. Globalmente, são as moçambicanas, guineenses e cabo-verdianas as que se sentem mais discriminadas e, por oposição, as chinesas e as indianas as menos discriminadas. Para as migrantes de origem africana a discriminação de que são alvo é de natureza racial, mais do que pelo facto de serem mulheres* (Peixoto et al, 2006:162).

## **2.2. Pressão e velocidade temporal**

A parte afectiva, o sentido e valorização dados pelos indivíduos sobre cada intervalo temporal não é generalizável, nem sobre estes se podem fazer correlações exactas.

Duração, velocidade e pressão temporal podem ser percebidos de formas diferentes. Uma viagem de 20 minutos de autocarro para um individuo pode ser considerada rápida, para outro o contrário. Já o sentido de pressão temporal está conectado a um desafio ou a uma fonte de stress, porque está implícito um x número de tarefas num dado prazo. E como nos outros casos, cada individuo avalia esse prazo como suficiente ou não. A perspectiva tem origem em sentimentos em cognições, como descreveu: Pomian: *Apesar da sua divergência, os resultados permitem concluir que, para os mesmos indivíduos e até para o mesmo indivíduo em condições diferentes, os minutos, as horas e os dias, metricamente idênticos, não são de modo algum iguais uns aos outros porque as durações que lhes conferimos subjectivamente não coincidem. Diferente do “presente psicológico” durante o qual é suposto nós percebermos como simultâneos os acontecimentos que são na realidade sucessivos, desde que eles não sejam nem demasiado espaçados ou díspares, o nosso presente quotidiano revela-se assim composto de intervalos heterogêneos e incomparáveis cuja extensão depende do número e da complexidade dos acontecimentos percebidos* (Pomian, 1984:220).

A velocidade no mundo ocidental acaba por ser vista como quantificação, descontextualização, racionalização e mercantilização do tempo, que parte da relação com o dinheiro, eficiência, competitividade e lucro perpétuo (Adam, 1995). Na nossa opinião parte da imprevisibilidade que caracteriza a sociedade parte de uma menorização dos laços solidários que são trocados pela "vertigem da velocidade" de transações, daí as noções de *presente alargado ao futuro* (Nowotny, 1996) ou *presente perpétuo* (Adam, 1990) que estão na base de percepções de um tempo mais homogêneo, construído na base da precariedade ou incertezas relativas a várias sequências marcantes da existência humana, nomeadamente as condições para a auto-realização.

As ideias de Hassard também estabelece uma crítica à excessiva "quantificação" de tempo que provoca por sua vez junto dos indivíduos da sociedade industrial uma semelhança com parte dos produtos do processo de produção, a partir do qual se tenta continuamente extrair valor adicional" (Hassard, 2011:133).

No entanto, na actualidade, uma sociedade cujo sistema temporal é orientado para o acontecimento é vista como indisciplinada e partir daí com uma menor capacidade de desenvolvimento (Araújo, 2008). A modernidade capitulou o acontecimento para fora dos quadros temporais, tornando o tempo cada vez mais abstracto. Expomos alguns exemplos: "Pouco depois da Segunda Guerra Mundial", "*Eu te encontro depois do concerto*" (...) estão todas relacionadas a quadros sociais, ao invés de astronómico de referência (Sorokin & Merton, 1937:618).

Segundo Rebeca Warner o stress pode advir de rupturas temporais de sequências de ritmos fisiológicos que resultam de privações, isolamento ou situações de conflito.

As tarefas mais valorizadas pela sociedade por vezes não têm uma perfeita correlação com o interesse e prazer do trabalhador, embora possam ser apresentados outros incentivos tais como: os ganhos monetários e os avanços na carreira. Seja como for a satisfação provém de factores relacionados com a o sentido de acompanhamento, competência e realização, nas quais podem ser experimentadas situações desafiantes (Freedman e Edwards em McGrath, 1988:115).

Os mesmos autores concluem estabelecendo uma relação entre pressão temporal e actividades desafiantes e tédio: "*Algum tempo menor de pressão reduz o desafio, faz com que a tarefa seja menos agradável, e diminui a eficiência; algum tempo de maior*

*pressão interfere com a qualidade de performances mais elevadas e insere tensão que diminui a satisfação"* (Freedman e Edwards, em McGrath, 1988:132).

Por outras palavras as tarefas propostas podem ultrapassar a predisposição e competências adquiridas de dado individuo necessárias ao desempenho de uma dada tarefa e assim proliferarem certas condições para o surgimento de stress. No entanto nem todo o tipo de pressão temporal é uma principal causadora de stress, dever-se-á antes contemplar outros factores tais como: o conteúdo da actividade a ser desempenhada e personalidades. (Freedman e Edwards em McGrath, 1988:114) Complementamos o pensamento dos autores salientado que importa também observar as condições existentes no desempenho das actividades.

### **2.3. O valor do passado**

O passado não é um acervo estático, pelo contrário é trabalhado no presente, que se assume como parte integrante indispensável numa análise diacrónica de contextos diversos: sejam eles educativos, de serviço social ou projectos. A observação do "antes" e depois", não necessariamente implicará uma perda de memórias. Em concreto, o trabalho junto de minorias é sustentado numa calendarização e ao fim de x meses é procedida uma avaliação. Se os resultados forem reveladores de uma situação amplamente favorável, cujos resultados são encorajadores, então pode surgir uma tendência para bloquear (colocar num bloco) o passado? E a partir daí poderá surgir o advento de um tempo sincrónico. Saussure defendeu que é sincrónico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência; é diacrónico tudo que diz respeito às evoluções (Saussure, 2002:96).

Uma perspectiva diferente parte de Joana Miranda: *"Acontecimentos incomuns são mais facilmente recuperados da memória do que acontecimentos comuns e servem de base à avaliação de toda a categoria. Todas estas observações permitem-nos concluir que os comportamentos negativos de membros de grupos minoritários tendem a ser sobrevalorizados na memória"* (Miranda, 1998:601).

Na nossa opinião a manutenção de memórias é uma perpetuação do ou no presente, que eventualmente servirá para ocultar o passado. De acordo com as palavras de Boaventura

Sousa Santos: *"O passado foi visto como passado e, portanto incapaz de fazer a sua aparição, de irromper no presente* (Santos, Boaventura; 1996:6).

No entanto, uma valorização excessiva de comportamentos individuais pode ser o mote para generalizações abusivas, que podem constituir um enviesamento da realidade, pelo que certos dados provenientes das psicologias não são transponíveis para alguns domínios das ciências sociais como destaca Jacques Le Goff: *"Seria errado transpor os dados da psicologia individual para o campo da psicologia coletiva (...)"* (Goff, 2000:206) Reiterando o pensamento do mesmo autor o horizonte temporal consegue-se desenvolver-se para além das dimensões da nossa própria vida (Goff, 2000:206).

Também a ciência se constrói do passado para o futuro, como foi ressaltado por Barbara Adam: *"Sem os factos passados os cientistas não teriam bases seguras nas quais calculassem o futuro"* (Adam e Groves, 2007: 27).

De acordo com os postulados de Zimbardo e Boyd (Zimbardo e Boyd, 2008), as Perspectivas Temporais, o passado é gerador de influências no processo de construção do futuro, assim as situações negativas podem inibir os sujeitos da construção e alcance de metas no futuro. Resta analisar se tais perspectivas terão tanta aplicabilidade junto de populações imigrantes. No entanto não é o nosso interesse discutir indicadores, mas apenas demonstrar o papel das histórias de vida, através da narrativa como ferramenta de integração de imigrantes no país de destino, até porque esta metodologia teve origem nos estados Unidos nos anos 20, segundo Jean Poirier e outros autores: *"as histórias de vida nasceram do confronto entre os imigrantes e os nacionais anteriormente instalados; os migrantes, ao entrarem neste "novo mundo", abandonaram todo o seu passado e sentiu-se que era preciso guardar sinal dessa experiência antiga, tão diferente da nova"* (Poirier, 1999:11).

A fomentação de relações interculturais passa pelo cruzamento de histórias, segundo o ponto de vista de Kazal em Park e Burgess da Escola de Chicago em Rui Pena Pires: *"Um processo de interpenetração e fusão no qual as pessoas e grupos adquirem as memórias, sentimentos e atitudes de outras pessoas ou grupos e, ao assim partilharem a sua experiência e história, são com elas incorporados numa vida social cultural comum"* (Kazal in Park e Burgess in Pires, 2003:97).

### 3. Sistemas temporais

#### 3.1. Os Sistemas temporais monocrónicos e policrónicos

Nesta parte iremos elaborar uma abordagem comparativa entre os sistemas temporais de orientação policónica e monocrónica, apresentando-se alguns casos concretos.

Cada tipo de sistema temporal incorpora um ritmo de vida, uma concepção de temporalidade distinta, o carácter inconsciente de como os indivíduos se comunicam sem o recurso à linguagem verbal envolve: tipos de culturas no que diz respeito à concepção de tempo: monocrónicas e policrónicas, daí uma das possíveis justificações do título do livro Edward Hall: "A linguagem Silenciosa, que segundo este autor: *"os conceitos de espaço e tempo são instrumentos através dos quais todos os seres humanos podem transmitir mensagens."* Desta forma poder-se-á dizer que o tempo e espaço são estruturadores do discurso e da interacção (Hall, 1994: lombada).

Cada cultura tem especificidades únicas que se reflectem nos diversos actos de comunicação. Um grupo cuja proximidade ou mesmo intimidade entre pessoas são factores prevaletentes, nesse caso concreto haverá uma tendência para o policronismo temporal, porque não existe uma separação entre o organizacional e o pessoal/comunitário. Ao longo do intervalo de tempo que medeia o princípio e final de um evento são recorrentes interrupções, várias tarefas são executadas em simultâneo, os objectivos cumprem-se se forem possíveis, e a mutabilidade de planos poderá surgir facilmente. O contexto indexado neste tipo de comunicação é o alto porque a informação se encontra distribuída entre os membros do grupo, prevalecendo um nível mais inconsciente, porque existe mais informação a ser processada e sobretudo porque é a partir daí mais codificada por símbolos não verbais (Hall, 1994) (Hall e Hall, 2002).

O sistema temporal monocrónico faz uma forte distinção entre o plano pessoal e o organizacional, as tarefas são indexadas a horários rígidos, executadas uma de cada vez, pelo que não se encontra simultaneidade entre as mesmas. O contexto é baixo, a informação é directa e linear, embutida de uma codificação simples (Hall, 1994) (Hall e Hall, 2002).

Ambos sistemas de tempo são caracterizados por uma orientação temporal diferente, o policrónico tem origem no passado e vai até ao presente. As previsões que se podem estabelecer seja em função de metas ou projectos são realizadas mais no imediato. O sistema monocrónico, caracteriza alguns países como os EUA e Escandinávia cuja orientação temporal que se estende a partir do presente até ao futuro (Hall, 1994:25,175).

A introdução das tecnologias da informação<sup>1</sup> no quotidiano de milhões de pessoas em todo o mundo trouxe consigo o fenómeno da instantaneidade, muitas das barreiras que separavam a esfera pessoal do privado cada vez mais são diluídas. Tal não invalida que a maioria dos pontos observados por Edward Hall sejam muitos actuais e que alguns significados ligados ao tempo- horário se mantenham inalteráveis, tal como foi descrito por Hall, acerca do telefonar muito cedo ou muito tarde a alguém tem uma conotação com o sentido de urgência nos Estados Unidos, ao invés, segundo o relato de John Useem (in Hall, 1994:20), um antropólogo social citado por Hall, os nativos de uma das ilhas no Sul do Pacífico após uma reunião nocturna que terminou de madrugada que se destinava consertar soluções para reivindicações relacionadas com aspectos laborais, os chefes dessas facções foram ao encontro do empresário norte americano para comunicar as decisões entre as duas e três da manhã com o a intenção de lhe comunicar as suas decisões. A reacção foi severa ("pensou que se encontrava perante um motim e chamou os fuzileiros"), ao que podemos denominar de ausência de sintonia cultural (Hall, 1994:21).

Para os Americanos o não cumprimento de normas indexadas a um plano são considerados desvios, cujo evitamento deverá ser maximizado.

Na América Latina passa-se o oposto, o trabalho e as relações humanas convergem em sequências temporais simultâneas. Ainda segundo o mesmo autor, alguns homens acumulam vários em empregos: *"trabalhando sucessivamente para cada um deles sentado à mesma secretária, ou deslocando-se de um para o outro, dedicando pouco tempo a cada um deles"* (Hall, E.T., 1994:25).

---

<sup>1</sup> Na geração digital, a tecnologia atinge todos os segmentos na vida de uma pessoa: profissional, afetivo, familiar e pessoal. As pessoas estão interligadas em rede, colaborando na troca de informação. O comportamento da geração digital é fortemente influenciado pela revolução tecnológica, com a entrada nas nossas vidas do que nos acostumamos a chamar de tecnologia da informação, ou informática, que transformou nosso dia-a-dia (TELLES, 2009, p.23).

Os Índios Pueblos diferem acerca das concepções de tempo, na medida em que, de acordo com as palavras de Hall: "*os acontecimentos começam quando é oportuno e não antes disso.*" As actividades não são indexadas a horários" (Hall, 1994:27, 28).

Para os Índios Navajos do Norte do Arizona, o tempo é como o espaço apenas é considerado o presente como realidade. O futuro é pouco tangível (Hall, 1994:29).

A visão americana de futuro é circunscrita apenas a alguns anos, senão meses, porque é o ponto até que se pensa ser possível se estabelecerem algumas previsões. Já o futuro dos sul-asiáticos poderá se estender por séculos, não será descabido pensar num longo prazo em termos de milhares de anos ou mesmo por um período interminável. Esta conceptualização temporal foi descrita nos seguintes termos por um colega de Hall: "*O tempo é como um museu com câmaras interiores e corredores intermináveis.*" Segundo o nosso ponto de vista esta visão sobre a eternidade e o intervalo de tempo correspondente (Hall, 1994:26). O quadro 1 compara orientações temporais compara sequências, níveis de compromisso, contextualidades, adesão a projectos ou planos, conveniências sociais versus laços afectivos, disposição sobre a posse e a duração das relações afectivas (Hall in Hofstede, 2002:293,194). Salientar que as culturas provenientes de um contexto elevado possuem uma predominante tendência para o uso de linguagem não verbal, estando a informação com cada pessoa ao invés as mensagens na culturas de baixo contexto são caracterizadas por um código explícito.

Quadro 1: Pessoas Monocrónicas e Pessoas Policrónicas

Mais Individualistas	Orientação mais colectiva
Faz-se uma coisa de cada vez	Fazer muitas coisas de uma só vez leva a distrações e a interrupções
Tempo é associado seriamente a compromissos (de prazos e horários)	Tempo está indexado a uma objectivo, se possível
São baixos os contextos e a necessidade de informação ligada ao trabalho. Enorme adesão a planos	São contextos altos e existe informação
Cada plano é para cumprir tal como fosse uma escritura	A mudança de planos é frequente e fácil
Preocupação em não aborrecer os outros; segue-se regras de privacidade e consideração	Maior preocupação com quem está mais perto (família, amigos, negócios entre próximos) e menos com a privacidade
Grande respeito pela propriedade privada	Facilidade entre empréstimos de coisas
Habituação a relações de curta duração	Enorme tendência para a construção de relações para toda a vida

(Hall and Hall, 2002:170 e 171 in Martin, N. Judith et al.)

### 3.2. O tempo em alguns Lugares de África

Este enquadramento teórico prossegue com a apresentação de resultados de pesquisa documental referentes a diversas regiões e culturas de África no intuito de caracterizar noções temporais dadas a cada região.

Se o continente americano tem concepções de tempo distintas, o continente Africano será também marcado por uma territorialidade difusa.

O Tiv, um povo da Nigéria, encaram o tempo segundo o antropólogo Paul Bahannam (em Hall, 1994) é através do movimento do Sol e da Lua que estabelecem o segmentos temporais que se cruzam em sequências rígidas quase imutáveis, deste modo, como salienta Hall: "*há um tempo apropriado para se visitar alguém, para cozinhar, ou para trabalhar*; e quando se está num desses tempos, não se pode mudar para o outro." E cada dia de semana está vinculado ao nome dos produtos vendidos nos mercados (Hall, 1994:34).

Em Burkina Faso, no leste de África, não se escuta a frase tão familiar ao comum sujeito ocidental: "Isso é uma perda de tempo". Porque o conceito de desperdício de tempo não existe. O estar apenas sentado representa uma acção idêntica a outra qualquer. E as relações interpessoais comportam uma importância tal, que o acto de não dedicar tempos às pessoas mais próximas é tido como quase um pecado (Levine, 1997:91).

No Burundi, mais do que os ciclos naturais ligados a astronomia, tal como o movimento do Sol e Lua, serão ciclo das vacas a serem considerados o padrão regulador temporal de interacções sociais por exemplo (Levine, 1997:87).

Os Nuers do Sudão baseiam o calendário nas mudanças sazonais do meio envolvente. No mês do "kur" são feitas represas e construídos campos de pastorícia. No mês "dwat" retornam às aldeias. A construção do tempo do dia-a-dia estarão mais ancorados a danças e rituais ligados ao casamento (Pritchard,1997).

Na cultura Bantu, em Angola, é considerado o desempenho das gerações anteriores que acabam por desempenhar os papéis de protectores daqueles que vivem o presente. A esta crença está associada um sentimento de gratidão (Kagame, 1978).

Terminamos esta parte com um provérbio ruandês que demonstra o valor dado ao futuro: *iby"ejo bibara ab'ejo:"as coisas de amanhã entram na conversaço das pessoas de amanhã" Ou por outra: " Se eu chegar, amanhã tratarei disso"* (Kagame, 1978:118).

#### 4. Espaço

O conjunto de opções de indivíduos perante as propostas de alojamentos sociais, bastantes vezes se sintetiza em duas premissas e respectivas consequências: a não aceitação do que se propõe e a extrema probabilidade de ficar desalojado ou o consentimento e a ausência de poder para a escolha da habitação e de sua localização (Clavel, 1998).

A nível académico e científico, as temáticas ligadas à habitação social são alvo pesquisas, estudos onde é identificada que a componente de planeamento urbanística da cidade assume uma dimensão transdisciplinar, porque integra o físico, social e psicológico, onde a participação da população sobre o seu contexto sócio-habitacional e sobre as expectativas da reabilitação social. Ainda segundo as ideias da mesma autora é uma perspectiva que parte de uma sociologia de acção, onde são realizados levantamentos das características sociais, culturais e económicas e um diagnóstico da área a intervir (Menezes, 1994). No entanto a prática corrente é outra, o Estado revela-se centralizador e burocrático, incapaz de promover um desenvolvimento participado e capaz de envolver as lógicas não institucionais mais informais (Augusto, 2000).

Os bairros sociais são associados a regiões fechadas, porque a visibilidade social entre a rua e os alojamentos é menor. Na situação de realojamento o fechamento é motivado pela dimensão frágil das ligações entre novas famílias e antigos vizinhos. Por outro lado, como estratégia é possível a existência de ligações a espaços e contextos exteriores ao bairro por parte da população residente do mesmo (Carmo, 2006).

Mais do que fronteiras físicas, o conceito de bairro segundo o pensamento de: *encerra uma carga simbólica que o identifica com um espaço plenamente identificável e caracterizável pelas sociabilidades que gera internamente e pela distinção e separação em relação a outros espaços (identização)*" (Augusto, 2000).

Já os espaços centrais são caracterizados por uma extensão mais ampla entre edifícios e a rua são considerados região aberta (Carmo, 2006).

Outra perspectiva prende-se com a confluência de investimento privado e público na nobilitação arquitectónica e primazia de serviços ligados a negócios terciários e alicerçada num posterior esforço substancial em marketing. Os espaços da cidade

passam por um processo de gentrificação, que pode conter singularidades em termos estéticos, marcando estilos de vida, onde a história das cidades são como um ponto de partida para a formação uma oferta cultural mais erudita, por outras palavras todos os apelos que partem de temporadas de teatro, ópera, exposições, etc. A consequência directa será uma diferenciação de valores comerciais entre espaços. Desta forma, o investimento realizado representa mais do que valores monetários, porque existe uma carga simbólica que sustenta certas tendências e comportamentos, tal como foi explicitado por Zukin: "*os grupos que conseguiram recuperar um espaço histórico e impor sua interpretação de uma narrativa da história pública também reivindicam o espaço físico dessa narrativa. No mais simples sentido material, um grupo pode proteger sua própria área, excluindo outros grupos, ao reivindicar o ambiente construído*" (Zukin, 2000b:110).

Cabe a nós ressaltar que a variável que decide se alguém vive no centro ou na periferia será a capacidade económica para adquirir o imóvel ou apenas arrendá-lo. Podem haver outros factores como a informação ou mesmo a ausência de oferta imobiliária para dadas zonas da cidade.

De um sítio de aconselhamento para emigrantes portugueses, denominado "Viver em Londres", chegamos à conclusão que existe uma relação inversa entre atractividade do espaço e os seus custos monetários. E se for seguido o modelo trade off, onde se analisa a rentabilidade dos custos de deslocações em relação à localização da residência, podem-se atingir conclusões ainda mais complexas (Guerra, 1997). Destacamos então um excerto deste "guia de habitação": *De forma geral (embora hajam muitas exceções) as zonas Norte e Oeste são caras e as zonas Sul e Este são baratas. As zonas Sul e Este são mais baratas por serem mais perigosas ou por serem mais desagradáveis de se viver.*<sup>2</sup>

A nível jurídico, Portugal tem um enquadramento jurídico explícito, e na nossa opinião pleno de justiça social. A lei 48/98 publicada a 11 de Agosto estabelece as bases da política de ordenamento do território e de urbanismo, visa justamente a redução de assimetrias e a satisfação das necessidades específicas da população.

---

<sup>2</sup><http://tugaemlondres.blogs.sapo.pt/4299.html?thread=1493451>

No que diz respeito a planeamento urbano para a integração de imigrantes, destacamos o estudo de Maria Rebelo e Luís Paiva, projecto de 2003, onde na página 18 do mesmo, encontra-se o seguinte texto: *o investimento no planeamento urbano cuidado, a aposta em infra-estruturas sociais e culturais de apoio e a opção pela elevada qualidade estética dos espaços são ferramentas essenciais para um processo de combate à exclusão das populações mais pobres, entre as quais as comunidades imigrantes* (Rebelo, 2003:18).

Os padrões de estética e as necessidades a nível de infra-estruturas não são dados objectivos, pelo contrário são interpretações que exigem um trabalho trans-disciplinar como foi referido anteriormente. Uma residência, um prédio é um investimento a longo prazo, daí a necessidade de se aplicarem ferramentas como a escuta activa entre intervenientes e beneficiários.

E por último, o pós alojamento, não significa o culminar de um processo, é necessário proceder a pesquisas que indiquem o grau de satisfação residencial (Freitas, 2004).



## **PARTE II -INVESTIGAÇÃO EMPÍRICA**

### **1. A descoberta dos tempos**

#### **1.1. Objectivos e questões da investigação**

O objectivo da presente pesquisa empírica consiste em identificar como as mulheres oriundas de África constroem os seus dias ao longo da semana, no presente e como foram certos aspectos da realidade quotidiana, como o emprego, a educação, a mobilidade no passado nos respectivos países de origem. Em parte existe uma abordagem comparativa entre realidades, cujo propósito é procurar avaliar a experiência de migração.

Numa segunda parte pretende-se a descrição de projectos futuros ou apenas desejos ou ambições, e quais as condicionantes que servem de travão à concretização dos mesmos.

#### **1.2. Tipo de estudo**

Quando se pretende uma abordagem no "terreno", onde se podem encontrar práticas locais divergentes ou se tratar de especificidades de contextos sociais é requerida uma metodologia de investigação qualitativa. Este método é caracterizado pela abertura orientada para o entendimento da vida quotidiana. Mais do que testar hipóteses, desejamos pela via de um processo indutivo, criar condições para que surjam novas teorias. Em suma, é uma orientação para o processo fundamentada na realidade, de carácter exploratório, expansionista e indutivo (Reichardt e Cook, 1986 em Carmo e Ferreira, 1997).

### 1.3. A Construção da Amostra

Este é um estudo qualitativo, aleatório, não representativo do total do universos de indivíduos, neste caso específico de mulheres moradores no Bairro Quinta do Chegadinho.

O número de entrevistadas foi de 20 logo não é possível a obtenção de uma generalização à totalidade da população feminina africana do Bairro.

Segundo Neto (Neto, 1986:196) a “amostra é um compromisso entre constrangimentos técnicos e materiais por um lado, e os objectivos pretendidos, por outro. Não é a amostra ideal, é uma amostra possível.”

Antes das marcações das entrevistas foi sempre perguntada e requerida documentação comprovativa da morada e naturalidade, em busca de apenas três critérios: o nascimento em África, morar dentro dos limites do Bairro e ter uma idade superior a 18 anos.

As mulheres indicadas por informadores(as) privilegiados(as) foram seleccionadas segundo o critério de amostragem de conveniência, porque naquele dado momento poucas mulheres se encontravam num situação de maior disponibilidade. Recordarmos que entre as mulheres trabalhadoras formais, uma se encontrava em período de férias e outras a gozarem um período de folga. A técnica de selecção bola de neve também esteve presente no processo de selecção da amostra, na medida em elementos da população feminina foram indicando sucessivamente outras mulheres (Carmo e Ferreira, 1997).

A amostra é constituída por 20 mulheres de origem Africana, procedentes da Rua Almada Negreiros e "Chegadinho Velho".

As entrevistadas foram seleccionadas segundo o critério de amostragem de conveniência, já que foram poucas as mulheres com maior disponibilidade de tempo para participar no estudo. Todas as entrevistadas pertencem a um nível sócio-cultural baixo e homogéneo.

#### 1.4. Caracterização da Amostra

A classe modal relativa à idade das inquiridas situa-se no segundo escalão etário - dos 31 aos 40 anos (Tabela 1). A média de idades é de 43 anos, com uma variação entre os 20 anos e os 61 anos. De salientar, que se reunirmos os segundo e terceiro escalões etários, representam mais de 3/4 da amostra, ou seja, a esmagadora maioria das inquiridas têm entre 31 e 50 anos.

Tabela 1 – Idade das entrevistadas

<b>Idade</b>	<b>n</b>
20 – 30 anos	1
31 – 40 anos	9
41 – 50 anos	6
51 – 60 anos	2
61 anos e mais	2
<b>Total</b>	<b>20</b>

Relativamente, ao estado civil das inquiridas constatamos, que as solteiras representam mais de metade da amostra. O número de mulheres casadas não corresponde a um quarto do total da amostra, e apenas uma mulher declarou viver em união de facto, sendo os grupos a seguir mais representados. Se agregarmos a situação em que as inquiridas declaram não viver em situação de conjugalidade. Podemos verificar que, os laços formais, como o casamento têm uma menor expressão nesta população. Estas tendências podem estar relacionadas com os seus trajetos de vida instáveis e difíceis.

Assim, como se pode deduzir e, apesar dos dados não serem generalizáveis, mas de acordo com a investigação realizada junto da população e dos responsáveis dos

Programas Escolhas, constata-se que existe uma propensão para a existência famílias monoparentais.

Todas as mulheres tiveram mais que um filho. Alguns agregados familiares são compostos por sobrinhos e /ou enteados. Apenas uma das entrevistadas vive sozinha. (Ver Tabela 2)

Tabela 2 – Estado civil e agregado familiar

	<b>Estado Civil</b>	<b>Número de elementos do agregado familiar</b>
E1	Solteira	5/6
E2	Casada	5
E3	Solteira	5
E4	União da facto	5
E5	Solteira	3
E6	Solteira	3
E7	Casada	5
E8	Solteira	4
E9	Casada	5
E10	Solteira	4
E11	Solteira	3
E12	Solteira	3
E13	Casada	6
E14	Solteira	3
E15	Solteira	3
E16	Viúva	2
E17	Viúva	3
E18	Solteira	2
E19	Solteira	5
E20	Divorciada	1

A documentação necessária para uma situação legal para residir e trabalhar em Portugal por parte de mulheres de nacionalidade não portuguesa encontra-se regularizada.

Salientar que antes do projecto de emigração, já duas mulheres tinham nacionalidade portuguesa. Ambas as situações, deveu-se ao facto de a família ser de ascendência lusa. Uma outra situação prendeu-se com a entrada no país de uma emigrante de apenas um ano de idade, que em 1982, alcançou de forma directa a nacionalidade portuguesa. Verificaram-se, apenas, dois casos de dupla nacionalidade. Segundo nos foi descrito por estas mulheres, para conseguir alcançar a nacionalidade, foi necessário ultrapassar uma sucessão de etapas, mais ou menos, burocráticas e demoradas.

Uma das grandes razões para não requer a obtenção de dupla nacionalidade prende-se, eventualmente, com motivos económicos. Esse factor pode, explicar o baixo número de solicitações de nacionalidade, embora, tenham um longo tempo permanência no país.

O factor antiguidade nem sempre prevalece no que concerne à aquisição de dupla nacionalidade, como é no caso de E7 que foi um dos elementos do lustro de 2000 a 2005, que passou a possuir dupla nacionalidade.

Tabela 3 – Data de nascimento, ano de chegada, e nacionalidades à chegada e no ano de 2012

	<b>Data de nascimento</b>	<b>Ano de chegada a Portugal</b>	<b>Idade à chegada a Portugal (anos)</b>	<b>Nacionalidade à chegada</b>	<b>Nacionalidade em 2012</b>
<b>E1</b>	1981	1982	1	S. Tomense	Portuguesa
<b>E2</b>	1973	2001	28	S. Tomense	S. Tomense
<b>E3</b>	1976	1993	17	Angolana	Angolana- Portuguesa
<b>E4</b>	1966	1988	22	S. Tomense	S. Tomense
<b>E5</b>	1961	1990	29	S. Tomense	S. Tomense
<b>E6</b>	1981	2000	19	Cabo-Verdiana	Cabo-Verdiana
<b>E7</b>	1974	2001	27	Angolana	Angolana- Portuguesa
<b>E8</b>	1984	2008	24	S. Tomense	S. Tomense
<b>E9</b>	1977	2000	23	Angolana	Angolana
<b>E10</b>	1979	1999	20	Angolana	Angolana
<b>E11</b>	1973	1976	3	Angolana	Angolana
<b>E12</b>	1962	1971	9	Portuguesa	Portuguesa
<b>E13</b>	1982	2008	26	S. Tomense	S. Tomense
<b>E14</b>	1952	2000	48	S. Tomense	S. Tomense
<b>E15</b>	1970	1982	12	Angolana	Portuguesa

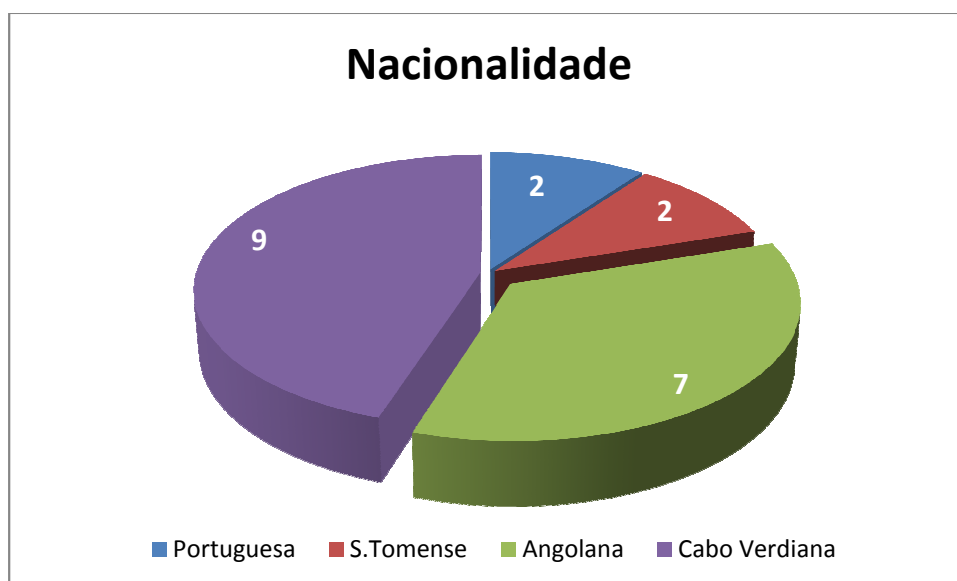
<b>E16</b>	1960	1999	39	Angolana	Angolana
<b>E17</b>	1968	1998	30	Angolana	Angolana
<b>E18</b>	1957	2000	43	Cabo-Verdiana	Cabo-Verdiana
<b>E19</b>	1970	2000	30	Angolana	Angolana
<b>E20</b>	1952	1975	23	Portuguesa	Portuguesa

---

A análise da tabela 3 permite-nos constatar que a primeira entrevistada (E12) a emigrar para Portugal, fê-lo antes da Guerra Colonial, ou seja, em 1971, seguindo-se a E20, em plena Revolução de Abril. Contudo, ambas tinham a nacionalidade portuguesa. As entrevistadas E13 e E8, foram as que consideraram a opção de emigrar, mais recentemente, nomeadamente, no ano de 2008.

A figura 1 ilustra a distribuição das entrevistadas por país de origem. Verificamos que a maior parte das entrevistadas são Angolanas, seguindo-se as S. Tomenses. As Portuguesas e Cabo-Verdianas não apresentam grande valor expressivo.

Figura 1 - Nacionalidade das inquiridas

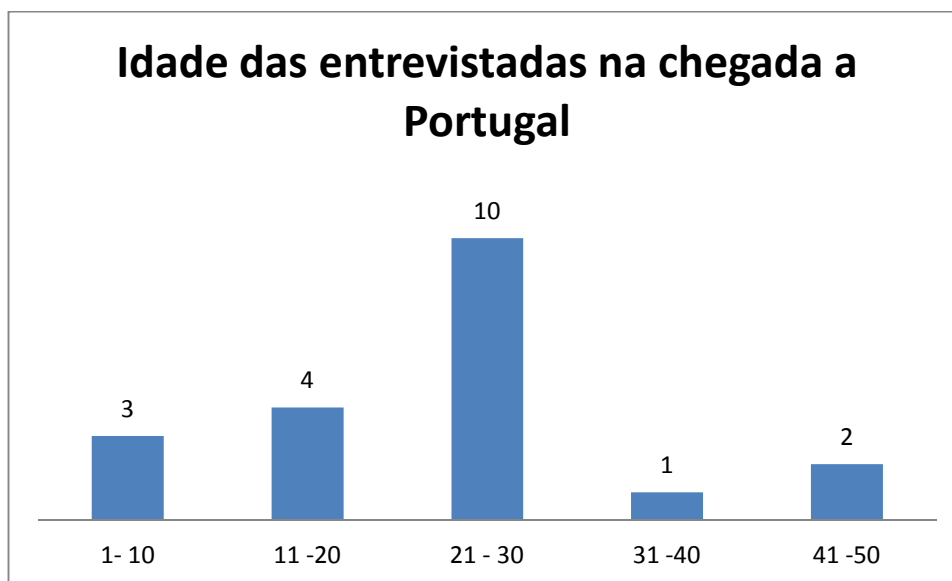


Vejamos, de seguida, como se distribuíam as idades das entrevistadas quando chegaram a Portugal. A classe modal relativa à idade das inquiridas quando chegaram a Portugal situa-se no terceiro escalão etário - dos 21 aos 30 anos seguindo-se a - dos 11 aos 20 anos. A média de idade das inquiridas quando chegaram a Portugal é de 24 anos, com uma variação entre os 1 anos e os 50 anos. Facilmente, se conclui que a maioria tomou a decisão de emigrar entre os 20 anos e 30 anos.

As inquiridas mais jovens foram a E1 que chegou ao país com quase dois anos de idade e a inquirida E11 com 3 anos. Já as que decidiram emigrar mais tarde, foram a E14 com 48 anos e E18 com 43 anos.

Nesta amostra só se encontram duas adolescentes: E12 (9 anos) e E15 (12 anos). (Ver Figura 2)

Figura 2 - Idade das entrevistadas quando chegaram a Portugal



Quanto ao tempo permanência em Portugal das inquiridas, a Figura 3 permite-nos verificar que a entrevistada E12 é quem tem maior tempo de permanência em Portugal, seguindo-se a E20. Com menos tempo encontram-se a E8 e a E13.

Figura 3 - Anos de permanência das inquiridas em Portugal

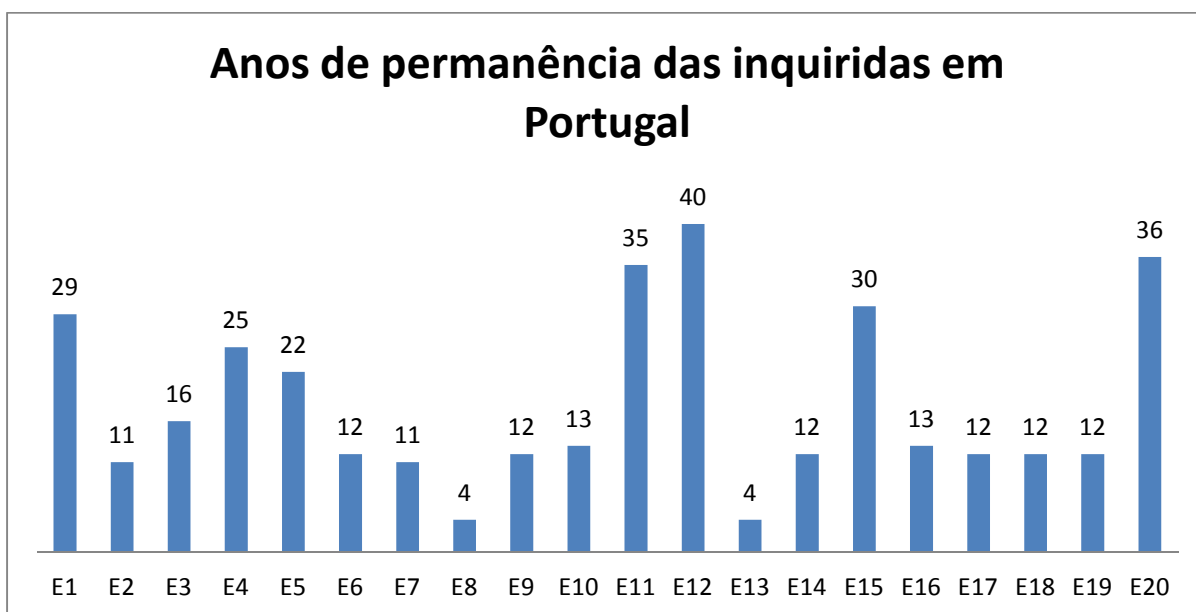
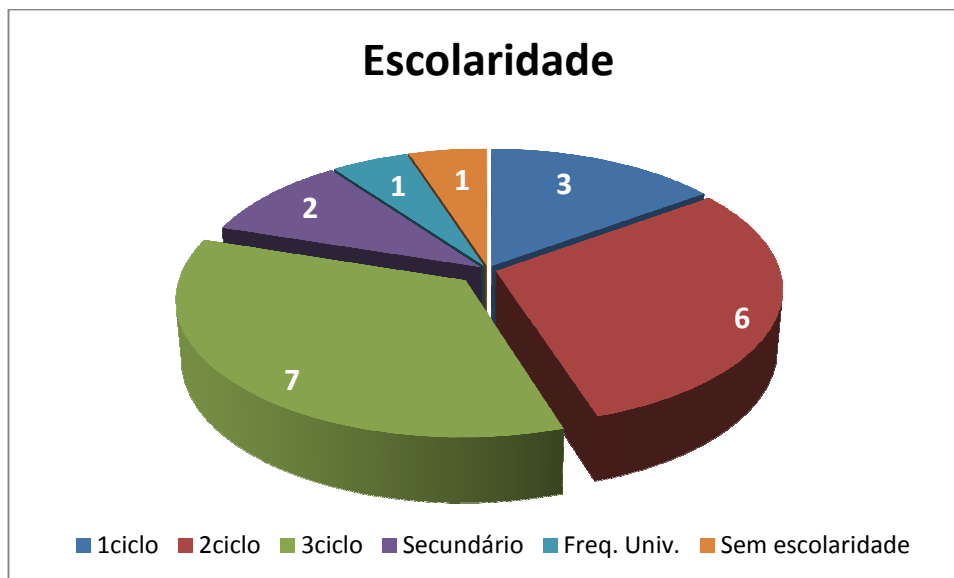


Figura 4 - Nível de escolaridade das inquiridas



A observação figura 4 permite-nos verificar que a classe modal relativa à escolarização se situa no 2º ciclo e 3º ciclo, com a respectiva distribuição de 6 e 7 mulheres, seguindo-se o 1º ciclo.

Agregadas estas três categorias, dão mais de três quartos da amostra. As inquiridas com o 1º ciclo completo corresponde a 3 mulheres, ainda havendo uma mulher sem grau de escolarização. Constatamos assim que existe um baixo nível escolar na população inquirida.

Tabela 4 – Escolaridade, rendimento individual, rendimento do agregado, número de horas de trabalho e área profissional

	<b>Escolaridade</b>	<b>Rendimento individual</b>	<b>Rendimento agregado</b>	<b>Número de horas de trabalho</b>	<b>Área profissional</b>
<b>E1</b>	2º ano faculdade	300-600	900-1100	10	Dinamizadora Social e restauração
<b>E2</b>	12º ano	300-600	600-900	8	Restauração
<b>E3</b>	9º ano	0-300	600-900	0	Limpeza
<b>E4</b>	4º ano	300-600	600-900	0	Limpeza e restauração
<b>E5</b>	3º ano	0-300	0-300	2:30	Limpeza
<b>E6</b>	7º ano	300-600	300-600	4	Restauração
<b>E7</b>	9º ano	0-300	0-300	4	Limpeza
<b>E8</b>	7º ano	300-600	300-600	0	Trabalhadora doméstica
<b>E9</b>	8º ano	0-300	0-300	0	Restauração
<b>E10</b>	10º ano	0-300	0-300	0	Limpeza / Restauração
<b>E11</b>	Sem escolaridade	0-300	0-300	Horário flexível	Trabalhadora doméstica
<b>E12</b>	9º ano	0-300	0-300	0	Assistente Operacional
<b>E13</b>	7º ano	0-300	300-600	0	Limpeza
<b>E14</b>	4º ano	0-300	0-300	0	Reforma invalidez
<b>E15</b>	9º ano	0-300	0-300	0	Jardinagem e restauração
<b>E16</b>	9º ano	300-600	300-600	0	Empregada/cuidadora/ interna/Restauração
<b>E17</b>	8º ano	300-600	300-600	10	Limpeza
<b>E18</b>	4º ano	300-600	300-600	7:45	Limpeza
<b>E19</b>	12º ano	300-600	300-600	0	Limpeza
<b>E20</b>	6º ano	0-300	300-600	0	Operária de calçado / Limpeza e restauração

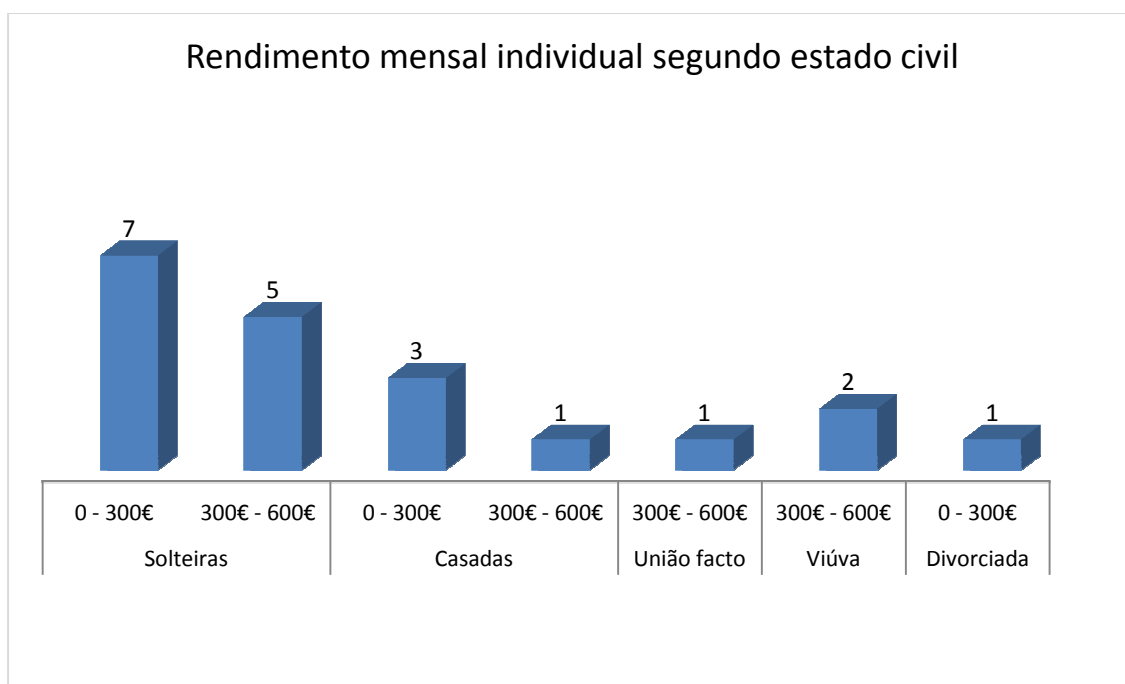
Da análise da tabela anterior (4) destaca-se a elevada expressão das atividades ligadas às limpezas restauração, trabalho doméstico e cuidadora interna, assim como, o reduzido ou nulo de horas de trabalho, que algumas das entrevistadas referem que trabalham, depreendendo-se que se encontram desempregadas ou são simplesmente domésticas.

As entrevistadas estão ligadas a profissões que são desqualificadas socialmente, que implicam menores competências escolares e recursos escolares. Exceções presentes neste grupo são as atividades de animadora social, jardinagem e calçado industrial e rececionista de hotel.

De salientar que o fato de a inquirida E1 frequentar o segundo do ensino superior, o que não lhe trouxe vantagens a nível económico, porque essas 6 horas de trabalho diárias correspondiam a uma compensação pouco mais a 200 euros.

A E19 possui o 12º ano com dupla certificação, sendo a componente profissionalizante a de rececionista de hotel, porém, a nível profissional exerce trabalho ocasional na área doméstica.

Figura 5- Rendimento mensal individual das inquiridas segundo estado civil



Da observação da Figura 5 verifica-se que são as solteiras e as viúvas que auferem os rendimentos mais elevados – entre os 300€ e os 600€. Esta situação pode acontecer já que as inquiridas dependem somente delas para sobreviver, logo terão de arranjar maneira de conseguir auferir um salário mais elevado do que as que vivem em situação de conjugalidade. Tendo em conta que quase todas auferem rendimentos individuais e muitas não têm conjuge, ou mesmo referem que não exercem nenhuma hora de atividade laboral, depende-se que dependam de subsídios sociais ou outros apoios do Estado.

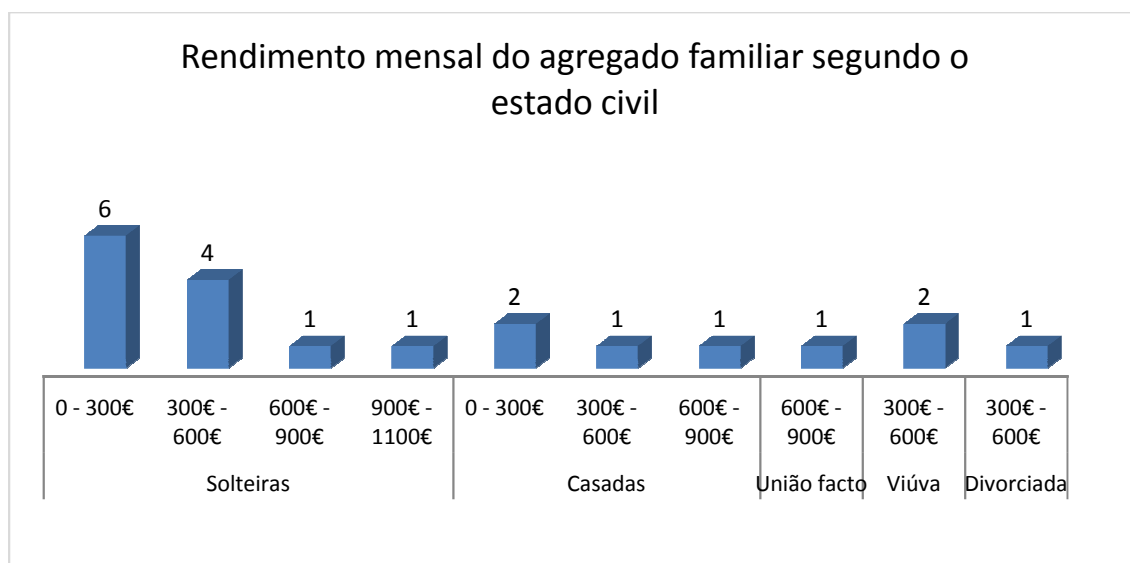
O rendimento máximo do grupo de mulheres em estudo não atinge o ordenado mínimo nacional e pode ainda ser menos de metade desse valor.

A maioria das mulheres trabalha em regime de tempo parcial, não existindo empregos a tempo inteiro. Encontram-se dois casos de duplas jornadas de trabalho, que no total perfazem as 10 horas.

Existem 11 agregados a viver com o valor dos 0 aos 300€ por mês.

Já quanto ao rendimento mensal do agregado familiar das inquiridas segundo o estado civil, são as solteiras que continuam a ter um rendimento superior, no entanto, são também as solteiras que apresentam o maior número de agregados com rendimentos dos 0 aos 300€. A inquirida que vive em facto e uma casada apresentam um rendimento dos – 600€ aos 900€. De salientar que existem oito agregados familiares que vivem apenas com o valor de 0 aos 300€ por mês. (Ver figura 6)

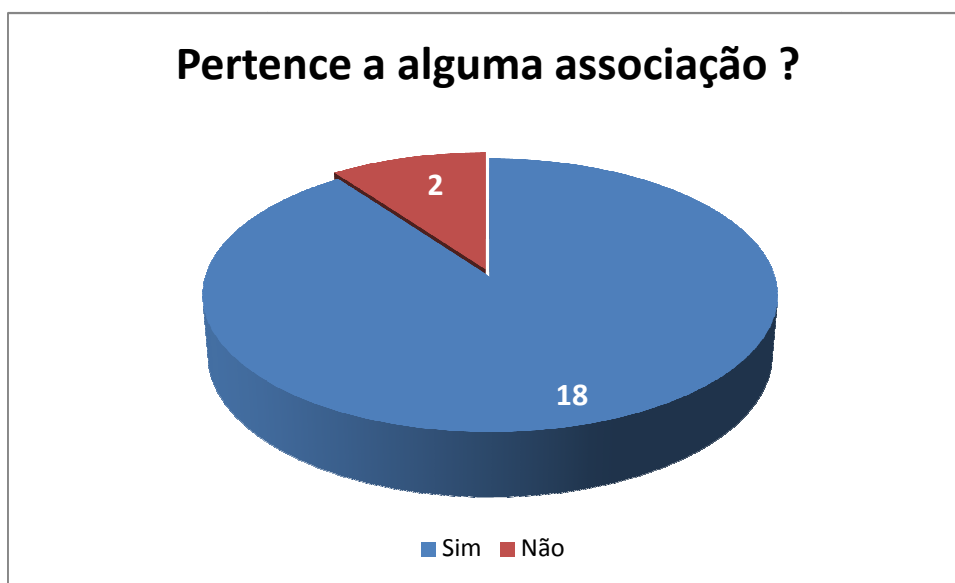
Figura 6 - Rendimento mensal do agregado familiar das inquiridas segundo estado civil



### 1.4.2. Pertença a Associações

Relativamente à questão se pertenciam a alguma associação. A maioria das inquiridas respondeu que não - 18 mulheres, dando como justificação o desconhecimento, a falta de interesse, a falta de tempo, entre outros. (Ver figura 7)

Figura 7 - Mulheres e afiliação em associações



### 1.5. Limitações do estudo

O trabalho social junto das Mulheres da Quinta do Chegadinho ao longo dos anos tem sido liderado e realizado por equipas de mulheres, sendo a participação dos homens residual. Os objectivos da investigação na generalidade foram compreendidos, mais alguma dificuldade existiu em compreender o que motiva o investigador a dedicar-se ao que se propôs.

Outra limitação está relacionada com a ausência de um espaço físico mais familiar, e concreto a sala de reuniões do Centro Social local, apesar da mesma se caracterizar por óptimas condições acústicas, conforto e privacidade. O último viés presente está relacionado com a ausência de certas mulheres por possuírem jornadas de trabalho de muitas horas seguidas e de forma alguma poderem dar o seu contributo na presente pesquisa.

## **2. Métodos**

### **2.1. Técnicas de Recolha de dados**

As técnicas usadas para recolha de informação foram o inquérito por entrevista, observação participante e pesquisa documental.

### **2.2. A entrevista**

A entrevista semi-directiva foi o principal instrumento de recolha de dados. Permitiu, de acordo com Quivy que se tomasse consciência das dimensões e dos aspectos de um dado problema. E não obstante várias pequenas entrevistas no realizadas no decurso das observações nas ruas do Bairro, o método entrevista permitiu a recolha de um conjunto de dados não pensados de forma espontânea por quem esteve responsável pela supervisão e conduziu todo o processo (Quivy, 2008). Poder-se-á ainda dizer que em algumas situações houve a necessidade de segundos contactos que se efectuaram presencialmente ou por telefone no sentido de se pediram clarificações ou esclarecimentos.

Procuramos que o tempo de duração individual de cada entrevista não ultrapassasse os 50 minutos, porque uma narrativa longa não constitui necessariamente uma boa fonte de informação. Apenas em quatro ocasiões esse tempo de duração foi excedido.

O espaço cedido para a realização das mesmas era acolhedor, continha uma boa acústica para o registo sonoro. Porém, algumas das mulheres sentiram-se constrangidas durante os primeiros minutos, a postura corporal, as hesitações constituíram sinais evidentes de um comportamento revelador de menor habituação a uma permanência naquela sala de reuniões. Outro ponto em foco foi a gestão de silêncios, após a audição das primeiras gravações foi decidido valorizar este aspecto, então foram identificados casos em que após uma pausa surgiram ideias novas.

Em suma as entrevistas fluíram, no geral sem fugir ao tema da conversa foram construídos discursos contínuos, por outras palavras o entrevistador deixou de ter a necessidade de reconduzir o tema a fim de evitar desvios.

O inquérito foi estruturado em três partes: o grupo A, visa recolher a identificação, dados demográficos e sócio económicos.

O grupo B aborda temas como as actividades exercidas no país de origem, a decisão de migrar e sobre os eventuais apoios obtidos no período inicial de experiência migratória.

Já o grupo C procura identificar como se estrutura o quotidiano das Mulheres visadas na pesquisa. Este grupo não possuiu um teor meramente descritivo, mas contém pretende recolher informação acerca de percepções: "as actividades onde sente onde o tempo passa mais depressa ou devagar".

O Grupo D foca-se nos horários em diversas vertentes, tais como o horário mais conveniente, espera e pontualidade.

Por último o grupo E está relacionado com as expectativas em relação ao futuro.

### **2.3. Observação participante**

A observação participante foi planeada para o período posterior aos quase dois meses da realização de entrevistas. Durante os dois meses em que foi desempenhado o papel de cooperante junto da população na resolução de pequenas questões, tais como pedido de senhas para o IRS ou então pequenos trabalhos com as crianças do Bairro foram encontradas informações pertinentes. As entrevistas de rua raramente excederam a duração de 10 minutos e para o para o registo foi usado um bloco e uma caneta.

### **2.4. Pesquisa documental**

A primeira parte de pesquisa documental empreendida teve o objectivo de delimitar o conceito de tempo social e psicológico. As obras e os artigos por parte de autores nacionais, sobre questões ligadas à sociologia ou psicologia do tempo é reduzida, pelo que houve a necessidade de procurar pesquisas internacionais e globais.

Outra recolha realizada prendeu-se com acervo de documentos acerca dos problemas das mulheres imigrantes em Portugal, nomeadamente as de origem Africana.

Obras de variadas datas, artigos científicos e alguns ensaios, quer publicados em sítios de referência ou apenas em servidores na web foram alvos de análise. Já artigos de outras publicações serviram de complementarização à pesquisa.

## **2.5. A análise de conteúdo**

O primeiro objecto da análise de discurso foi o de construir grupos de sequências discursivas temáticas e através das mesmas interconectar teoria.

A segunda parte passou por uma análise complementar de carácter mais globalizante.

Dentro das diversas categorias expostas foram encontradas semelhanças e diferenças.

Ainda salientar que a interpretação de dados foi realizada a partir de experiências pessoais e subjectivas, seguindo uma linha temporal (Flick, 2005).

## **3. Caracterização sócio demográfica e migratória do Concelho de Almada**

### **3.1. O Concelho de Almada**

Almada é um dos 13 municípios do Distrito de Setúbal e um dos 18 que compõem a Área Metropolitana de Lisboa. O território tem uma área de 71Km<sup>2</sup>.

Localiza-se na margem esquerda do rio Tejo, fazendo fronteira com o concelho do Seixal a Este e com o concelho de Sesimbra a Sul. Pertence ao distrito de Setúbal e à Área Metropolitana de Lisboa.

A nível populacional importa salientar que Almada-cidade, possui menos habitantes que a maioria das freguesias do Concelho. O Feijó, a freguesia mais jovem do Concelho é um desses exemplos. Antigamente uma zona predominantemente rural, teve um incremento populacional acentuado nas últimas décadas. Enquanto Almada cidade e Cacilhas têm uma recente propensão para o estético, por via de recuperação de espaços memória, já as outras freguesias se caracterizam por um conjunto de estratégias

diferentes (Bezerra, 2011). Nomeadamente, a da Costa de Caparica que se encontra abrangida pelo Programa Polis<sup>3</sup> encontra-se no presente ano numa situação de impasse.

As freguesias urbanas (Almada, Cova da Piedade e Cacilhas) encontram-se mais envelhecidas, em contrapartida as freguesias de características mais rurais (Caparica, Pragal e Charneca de Caparica) apresentam uma maior percentagem de jovens.

### 3.2. O Feijó

O Feijó foi alvo de várias apostas noutros domínios, tal como o industrial, através da construção de um parque industrial, que se encontra conectado com o sector automóvel, a maioria dos entrepostos deslocaram-se de Almada-cidade para uma zona que se situa apenas a pouco mais de 1 km do Almada Fórum, o grande centro comercial da margem-sul. A Freguesia de Feijó situa-se no extremo sul do Concelho de Almada, distrito de Setúbal e possui, segundo dados apontados pelo Censos de 2001, uma população de 15.575 habitantes e 13.366 eleitores. Apesar de se tratar da mais jovem freguesia do Concelho, a sua história remonta ao século VXII, época em que se caracterizava por um espaço rural, coberto de matos e pinhais, intercalados com azinhagas e courelas (in site da Junta de Freguesia do Feijó).

Memórias e antigas identidades dificilmente se encontram nas ruas do Feijó, que actualmente se caracterizam lugares descaracterizados das suas raízes rurais (vinha, damasco e figo gentio, juntamente com actividade pastorícia). Há uns anos atrás não seria exagero afirmar-se que esta região era o "pulmão" de Almada, onde era hábito se juntarem famílias para momentos de lazer e confraternização.

*Terra de bons ares, aos quais não era alheia a existência de uma extensa e aprazível mata, pertença do Dr. António Elvas, a sua fama levou-a a ser procurada por elevado número de pessoas que padeciam de doenças pulmonares para se restabelecerem das suas maleitas.* (in site da Junta de Freguesia do Feijó).

---

<sup>3</sup>Programa Polis da Costa da Caparica: <http://www.costapolis.pt/artigo.php?id=16101210&m=1>

É de salientar ainda que não muito distante do limite da freguesia se encontra um Bairro, a Quinta do Chiado, que se caracteriza pelas construções baixas.

A Quinta do Chegadoinho, está situada mais a nordeste, no eixo do Bairro Bento Gonçalves.

### 3.3. População Concelho de Almada

Quadro 2 - Dados relativos à população do Concelho de Almada

Dados	Frequências absolutas
habitantes	173 298
famílias	72 236
habitações	101 619
edifícios	34 750

De acordo com os dados da Tabela 5, o Feijó encontra-se entre as primeiras cinco freguesias mais populosas do Concelho de Almada. Tem mais habitantes do que a cidade sede de Concelho, Almada, mais ainda fica a valores distantes da Freguesia mais populosa do Concelho: a Charneca de Caparica.

Tabela 5 - Número por habitantes da freguesia de Almada Censos 2011

<b>Local de Residência</b>	<b>Nº de Indivíduos</b>
Almada	16584
Caparica	20454
Costa da Caparica	13418
Cova da Piedade	19904
Trafaria	5696
Cacilhas	6017
Pragal	7156
Sobreda	15166
Charneca Caparica	29763
Laranjeiro	20988
Feijó	18884
<b>Total</b>	<b>174030</b>

Os habitantes da cidade de Almada, durante vários anos foram co-dependentes de algumas indústrias de grande dimensão, a que se pode chamar de projectos mobilizadores orientados para o emprego estável, regular, qualificado e não qualificado.

Os últimos quinze anos trouxeram um processo uma maior valorização do sector terciário e uma reestruturação do sector secundário das grandes indústrias que muitas delas acabaram por sair dos limites do concelho. 76% da população activa está empregada no sector terciário, reflectindo a evolução deste sector de actividade nos últimos anos, em detrimento dos sectores industrial e agrícola (Censos 2001).

Uma imagem dessa transformação é o surgimento novos mega espaços de comércio que recrutam trabalhadores segundo as suas necessidades do momento, procurando

minimizar o número de vínculos contratuais de média ou longa duração e muitas atribuindo um número de horas de jornada de trabalho parciais.

Perante este mundo da flexibilidade do trabalho, as mulheres da Quinta do Chegadinho, na freguesia do Feijó, concelho de Almada, por vezes procuram estruturar o seu dia de trabalho com recurso a diferentes empregadores: formais e informais. Por último registamos o número de funcionários afectos à Câmara Municipal de Almada: 2000 e o índice do poder compra: - 121,41, acima da média da Península de Setúbal (108,33) (Dados de 2007 do INE).

Para a presente pesquisa também é pertinente a identificação das diferenças no que diz respeito ao tipo de núcleo familiar e a sua composição. Também na Freguesia do Feijó, como consta na tabela 2, há uma maior predominância de mulheres com filhos.

Tabela 6: Filhos(as) e Tipo de núcleo familiar Censos 2011

<b>Núcleo Familiar</b>	<b>Nº de</b>	<b>Indivíduos</b>
<b>Local de residência</b>	Feijó	
Pai com filhos	144	
Mãe com filhos	887	
<b>Total</b>	5912	

Núcleos familiares (N.º) por Local de residência (à data dos Censos 2011), Filhos e Tipo de núcleo familiar (Com base na idade dos filhos); Decenal - INE, Recenseamento da População e Habitação

### 3.4. Migrações no Feijó / Almada

Os fluxos migratórios, só em pequena parte se estabeleceram no Feijó. O Concelho de Almada tem outros lugares que captam maior número de migrantes. As mulheres predominam de origem PALOP ou Africana predominam sobre os homens das mesmas origens. (Ver Quadro 3)

Quadro 3: Migrações relativamente a 31/12/2005 Censos 2011

Sexo	HM		H		M	
	PALOP	África	PALOP	África	PALOP	África
<b>Local de proveniência</b>						
<b>Local de residência</b>	<b>Nº Indivíduos</b>					
Almada	1025	1103	451	496	574	607
Feijó	126	133	57	52	76	74

No quadro 4 pode-se observar um decréscimo acentuado de população migrante oriunda de África. A crise económica e o consequente desemprego poderá constituir um dos fatores explicativos.

Quadro 4: Migrações relativamente a 31/12/2009 Censos 2011

Sexo	HM		H		M	
	PALOP	África	PALOP	África	PALOP	África
<b>Local de proveniência</b>						
<b>Local de residência</b>	<b>Nº Indivíduos</b>					
Almada	335	289	165	130	170	159
Feijó	46	42	27	24	19	18

## **4. A Quinta do Chegadinho**

### **4.1. Enquadramento geográfico**

O território do Bairro do Chegadinho é composto pela rua Almada Negreiros, e rua da Barreira, rua do Meio, rua Arsenal do Alfeite e rua Arsenal do Alfeite – Quinta do Jaime. Na rua Almada Negreiros existem 21 prédios, com 364 habitações, construídas e geridas pela Câmara Municipal de Almada, quanto as 50 habitações da rua da Barreira, da rua do Meio, da rua Arsenal do Alfeite e da rua Arsenal do Alfeite-Quinta do Jaime são propriedades de particulares. Ao contrário de várias sub-localidades da Freguesia do Feijó, a Quinta do Chegadinho não tem uma placa indicativa.

### **4.2. Acessibilidades**

Em termos de acessibilidades, é um espaço servido de bons acessos rodoviários. Já a frequência de transportes públicos de proximidade caracteriza-se pela escassez, porque a frequência horária compreende apenas a passagem de um autocarro por hora, cujo o destino é Cacilhas. As áreas mais próximas para apanhar transportes para outros destinos é a estrada nacional 10, onde se encontra o metro sul do tejo e os autocarros TST e Sul Fertagus, que se situa a 800 metros dos limites do Bairro. Outra área de transportes é o entreposto centro sul que fica sensivelmente a 1,2 km da Rua Almada Negreiros, nessa área há uma confluência de transportes bastante alargada: TST, Carris, Rede Nacional de Transportes, MST, para diversos destinos.

A entrada do Bairro pelo lado do Parque da Paz caracteriza-se por um aspeto árido e mesmo por vezes sujo.



Figura 8 - Acesso ao Bairro pelo Parque da Paz

### **4.3. Resenha histórica**

Nos anos 90, o Bairro era composto pela parte do Chegadinho velho, que hoje se mantém idêntica, pela banda de prédios brancos e umas construções inacabadas, mas tendo moradores. Em 2005, deu-se o processo de realojamento de 536 pessoas de um Bairro situado na Mata de Santo António da Costa da Caparica, por motivo do decorrer do Programa Pólis<sup>2</sup> Os moradores então Santo António da Costa da Caparica foram realojados em prédios recém-construídos.

Actualmente a Quinta do Chegadinho apresenta-se como um Bairro complexo, e para quem não recorre a documentação específica dificilmente saberá as delimitações geográficas do Bairro e os prédios que o compõem. Os próprios moradores não estabelecem facilmente essa distinção entre Chegadinho e não Chegadinho. Embora reconheçam facilmente quais são os prédios que compõem a banda do realojamento.

Já o Chegadinho Velho, remonta aos anos 70, sofrendo uma evolução de casas abarracadas para moradias, embora a grande maioria esteja longe de conter as condições mínimas de habitabilidade de acordo com informação dada por moradoras que compõem a amostra da presente pesquisa e amigas destas. No meio das ruas estreitas pode-se encontrar um mini-mercado bastante completo, com botijas de gás à porta, sendo o lugar com mais diversidade de produtos.

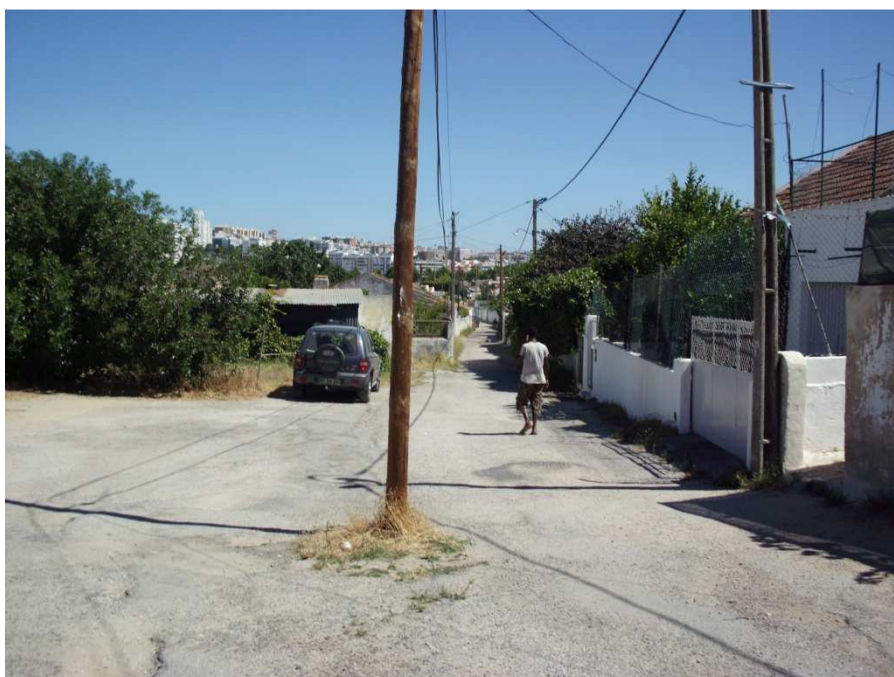


Figura 9 - Caminho que atravessa o Chegadinho Velho

Existe uma associação, ao lado do campo de futebol pelado, "O Alagoas", cujas inscrições naquele momento (Agosto) se encontravam encerradas adesão de novos sócios. Já fora dos limites dos Bairro há o Clube Desportivo da Cova da Piedade, uma instituição de utilidade pública. Existe ainda um pavilhão multi-usos gerido pela Câmara Municipal de Almada.

#### **4.4. Comércio e movimento**

A associação Cerro Alagoa ou cafés adjacentes muito raramente são frequentados por mulheres africanas. Fazendo um exercício de abstração de discursos, apenas focado na observação direta, procuramos encontrar algumas razões, que podem relacionar-se com posturas corporais: homens em "tronco nu" dentro dos estabelecimentos (cafés), o consumo de álcool, ou mesmo o desinteresse dos assuntos que são abordados em cada espaço no seio do Bairro.

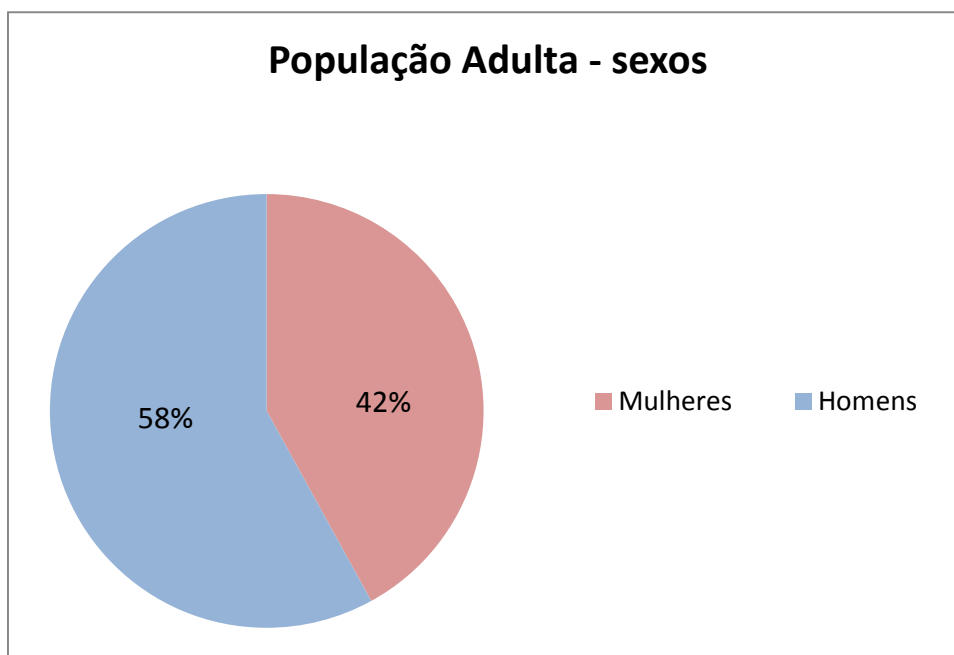
Por último, em cinco tardes de Julho, durante 2 horas, o investigador passou, no bairro a observar deslocações entre a parte mais recente e a zona urbana mais antiga ("Chegadoinho Velho"), chegou à conclusão que apenas uma média de 12 pessoas transpuseram a Rua Almada Negreiros para o "Chegadoinho Velho", já a média de pessoas oriundas do "Chegadoinho Velho que se deslocaram à parte nova, neste caso a Rua Almada Negreiros correspondem apenas a 6 pessoas, nem o equivalente a metade.

Parte da população do Bairro que se desloca de forma pedonal tem que percorrer cerca de 1 km para transportar as compras a partir do "Pingo Doce" mais próximo.

#### 4.5. População adulta

A população adulta é caracterizada por 239 indivíduos, 139 são do sexo feminino e 100 são do sexo masculino. De acordo figura 3, a população do sexo feminino equivale a 58% da população e a população masculina 42%.

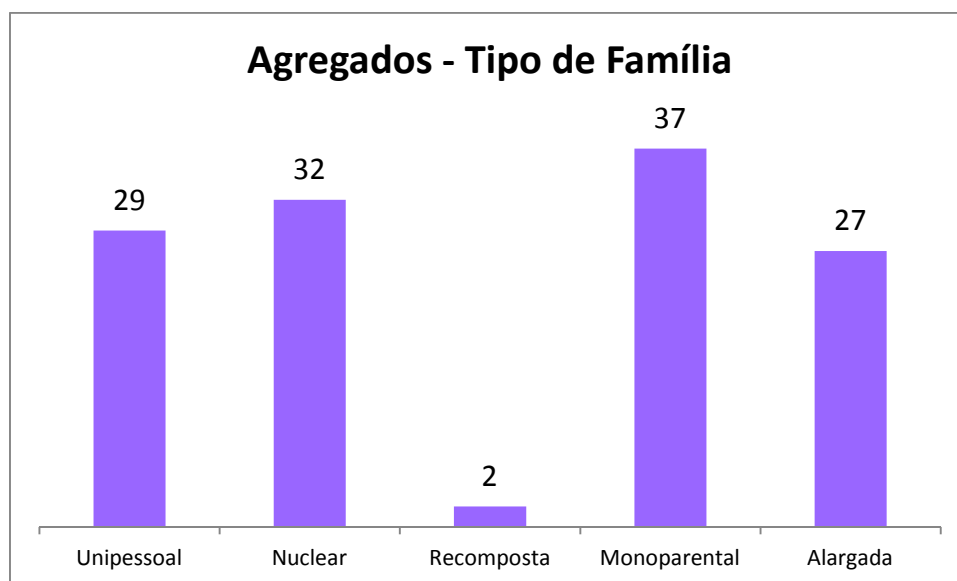
Figura 10- Distribuição da população adulta por sexos



#### 4.6. Tipologias dos Agregados Familiares da População

Como se pode observar na figura 11, a maioria das famílias são de tipo monoparental (38 famílias). O número de famílias de tipo nuclear é de 32. Existem 29 pessoas a viver sozinhas e 27 famílias alargadas, onde várias gerações residem no mesmo domicílio.

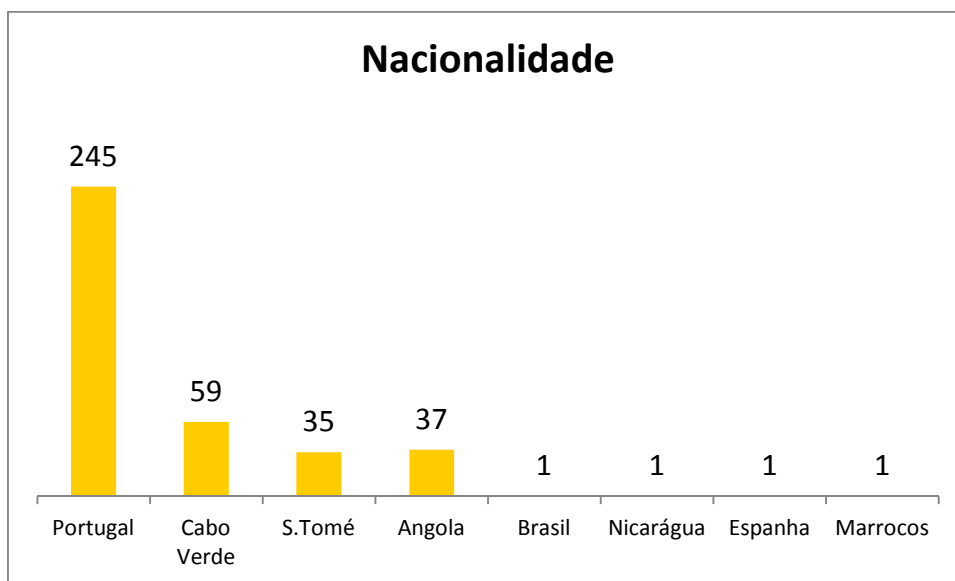
Figura 11 - Tipologia dos agregados familiares



#### 4.7. Nacionalidades

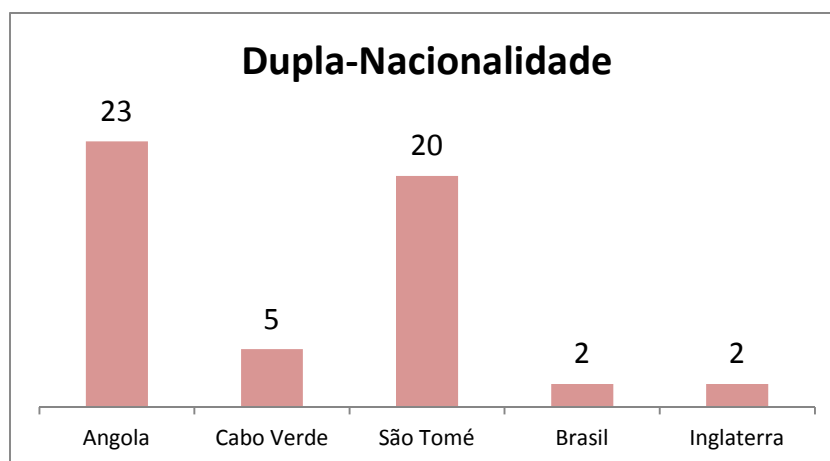
De acordo com inquérito da Equipa do Projeto Agir (projeto de intervenção social que conta com a promoção e gestão do Centro Social Paroquial Padre Ricardo Gameiro, e financiamento do programa escolhas), a população do Bairro é maioritariamente portuguesa (245 indivíduos). De origem Africana encontram-se presentes entre a população do bairro: 59 indivíduos de nacionalidade Cabo-verdiana, 35 de São Tomé e Príncipe e 37 de Angola. Em minoria, e sem uma contagem expressiva ainda se encontram indivíduos de nacionalidade brasileira, espanhola, marroquina e nicaraguense. (Ver figura 12)

Figura 12 - Distribuição por nacionalidades



Segundo a figura 13 de um total de 245 indivíduos, 52 possuem dupla nacionalidade, sendo 23 oriundos de Angola, 20 de São Tomé e Príncipe, 5 de Cabo Verde, 2 do Brasil e 2 indivíduos nasceram em Inglaterra.

Figura 13 - Indivíduos com dupla-nacionalidade



#### 4.8. Satisfação dos moradores

Os aspetos do Bairro que, de acordo com o inquérito<sup>4</sup> da Equipa do AGIR aos moradores geraram, maior ou menor satisfação encontram-se no quadro 5.

Quadro 5 - Caracterização dos pontos de maior e menos satisfação dos moradores

Menor satisfação	Maior satisfação
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fraca rede de transportes públicos</li> <li>• Não gosta nada do bairro</li> <li>• Falta de Higiene dos espaços públicos</li> <li>• Falta de condições habitacionais (Bairro Chegadinho)</li> <li>• Habitações sem acesso para pessoas com mobilidade reduzida</li> <li>• Comportamentos de risco da população do bairro</li> <li>• Desocupação das crianças e jovens</li> <li>• Desocupação dos adultos</li> <li>• Rede de Vizinhança</li> <li>• Falta de civismo por parte de moradores do bairro</li> <li>• Falta de Segurança</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ambiente sossegado do Bairro</li> <li>• Rede de Vizinhança</li> <li>• A habitação</li> <li>• Parque da Paz</li> <li>• Localização do bairro</li> <li>• Segurança do Bairro</li> <li>• Tudo no Bairro</li> <li>• Projeto AGIR</li> <li>• Centro Comunitário Renascer</li> </ul>

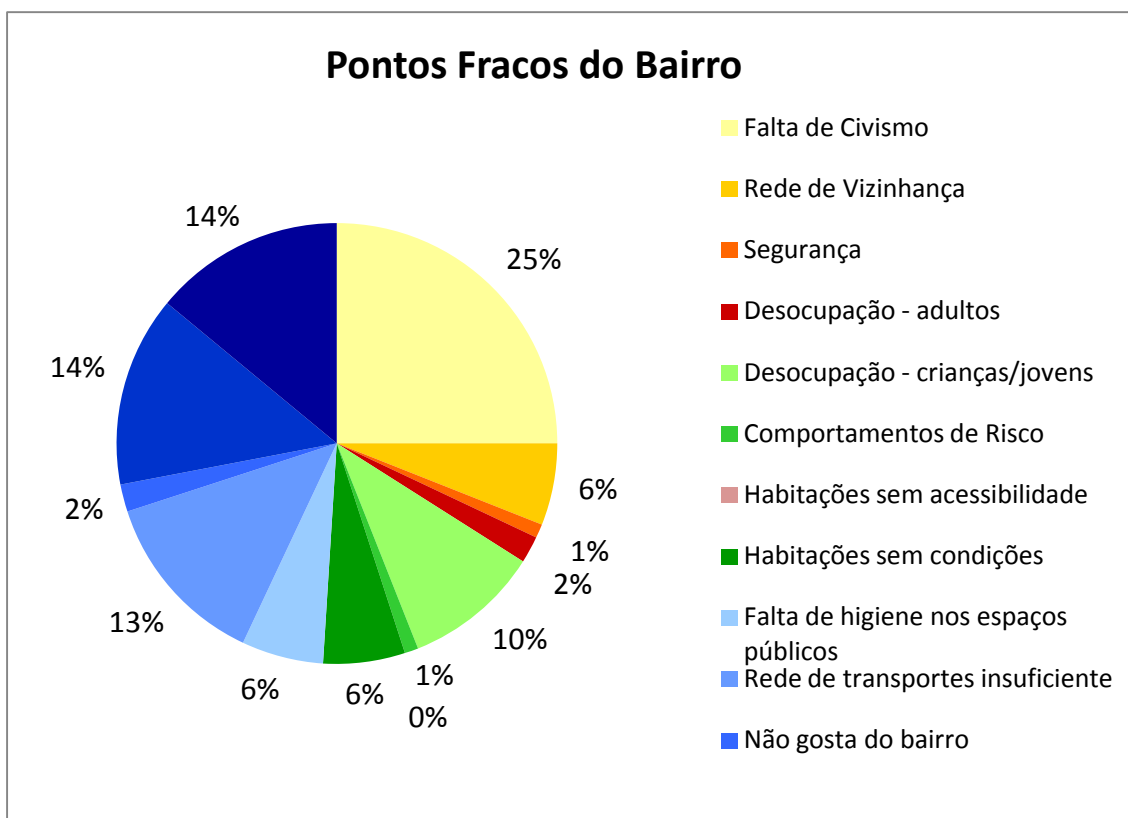
<sup>4</sup>Relatório intitulado Diagnóstico Social, 2012, realizado pela Equipa do Projecto Agir

## 4.9. Pontos fracos e fortes do bairro

### 4.9.1. Ponto fracos do Bairro

Os pontos fracos mencionados, na figura 7 pela população residente são a falta de civismo por parte dos moradores do bairro (25%), a falta de ocupação das crianças e jovens (14%), e os comportamentos de risco da população do bairro (14%).

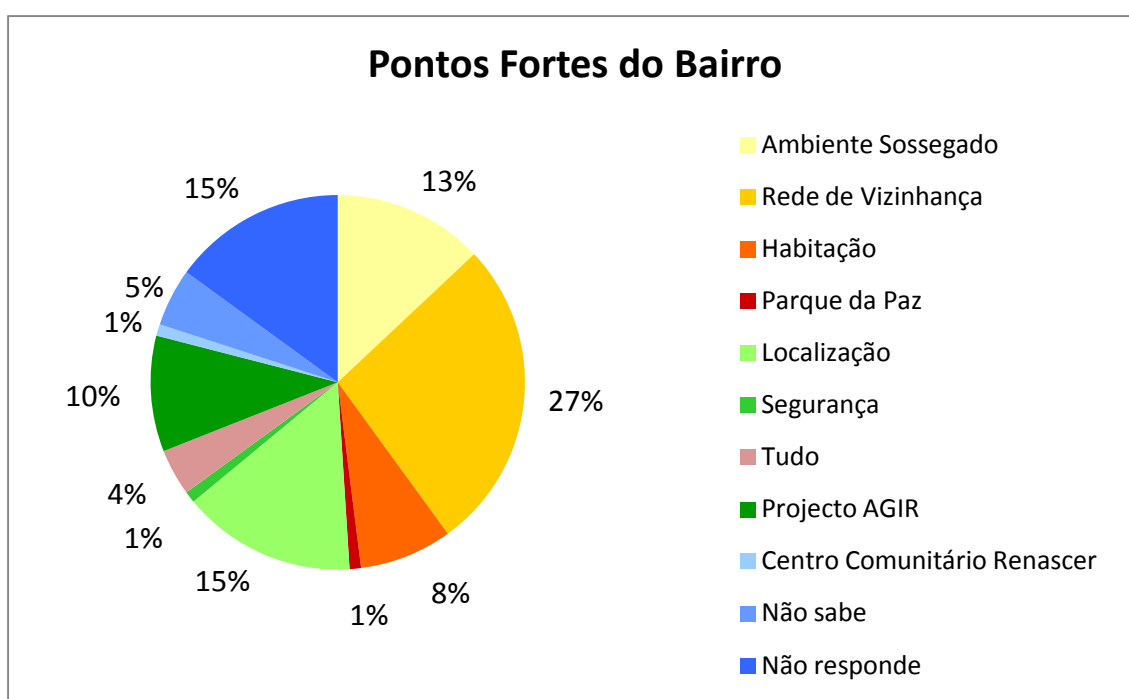
Figura 14 - Pontos fracos do Bairro



#### 4.9.2. Pontos Fortes do Bairro

Foram reconhecidos como pontos fortes, a nível da satisfação por parte da população residente a vizinhança (27%), a localização do bairro (15%) e o ambiente sossegado do bairro (15%).(ver figura 8)

Figura 15 - Pontos fortes do Bairro



## 7. Resultados

### 5.1. Introdução

Se fosse construída uma gradação de expectativas acerca dos resultados da migração, seria plausível que a avaliação tivesse um teor decrescente. Porque a condição de sub-empregadas ou então recém desempregadas tem acompanhado longitudinalmente o projecto de migração destas mulheres desde do primeiro dia no país destino, Portugal.

A participação das mulheres na esfera pública encontra-se condicionada por dificuldades de emprego, acesso a bens culturais e de mobilidade interna. Em simultâneo é perceptível o desenvolvimento de um grupo potencial de lideranças femininas que desejam contribuir com medidas concretas que visam melhorar a qualidade de vida de todos no Bairro e contribuir para um melhor futuro, pleno de oportunidades.

Nesta pesquisa foram encontrados índices elevados de precariedade, a fronteira entre emprego e não emprego é de facto ténue e o trabalho a tempo parcial é uma situação cada vez mais recorrente. A acumulação de dois ou três trabalhos não constituem indicadores de estabilidade laboral, nem de uma compensação monetária acrescida.

Da mesma forma as qualificações escolares e profissionais, obtidas em idade adulta não correspondem a uma mais-valia nas tarefas de complexidade mais elevada, sobretudo a nível profissional. O não cumprimento de expectativas, aliada a rupturas familiares e outras situações poderão contribuir para casos de vulnerabilidade. Porém é redutor a elaboração de diagnósticos colectivos no que diz respeito a saúde mental. Por exemplo o síndrome de Ulisses, uma etnopsicopatologia associada ao stress crónico ou múltiplo desenvolvida por Joseba Atxotegui (2009), no caso da presente pesquisa focalizada num só espaço-bairro, que é constituído por diversas realidades heterogéneas pelo que as histórias de vida são um dos pontos-chave, tal como defende Elsa Lechner: *Reduzir a imigração, ou mesmo a experiência migratória, a uma doença do foro psicológico é cair no erro de atribuir um estatuto ontológico à migração, e homogeneizar experiências que são, no concreto, muito diversas (como diversas são as formas de ser imigrante). De facto, ao aplicar um diagnóstico médico aos imigrantes, está-se*

*rapidamente a sobrepor um sistema de saber hegemónico à realidade dos sujeitos. Está-se a omitir o que cada história, cada imigrante, cada caso clínico, tem de sentido particular, sendo que é esse sentido e não outro que pede uma escuta e ajuda* (Lechner em Oliveira, 2007:85).

Por último, observamos que a maioria das entrevistadas têm projectos para o futuro, entre quais a procura de novas qualificações. No entanto o sentido empreendedor tem o seu ponto fraco por não funcionar sob ponto de vista da vulnerabilidade social, porque o potencial humano de actividade encontra-se afectado pela ausência substancial ou uma efetiva disponibilização de recursos. As entrevistadas neste capítulo demonstraram terem presentes estratégias sólidas de procura activa de emprego e habilidades ou capacidades pessoais que na generalidade se mantêm na esfera privada ou semiprivada.

## 5.2. As redes de apoio informais e formais

Nesta parte são identificadas as pessoas que apoiaram cada Mulher durante nos primeiros meses ou anos em Portugal. Ressaltar quando o apoio é familiar que nem sempre é dado por família directa: pais ou irmãos. Destaque também para o papel de algumas organizações religiosas ao nível da solidariedade.

Identificação da rede de apoios: informais ou formais e suas actuações ao longo das primeiras semanas de permanência.

Quadro 6: Rede de apoios formais e informais

E1- Avó e outros familiares.

E2 - *"É só dos familiares: cunhadas e irmãs que tinha cá."*

E3 - Mãe e padrasto

E4 – Tia

E5 - Cunhada e amiga.

E6 - Um familiar em Santarém.

E7- Igreja da Costa da Caparica, principalmente com roupa de inverno.

E8 – Mãe.

E9 - Amigos e ou testemunhas de Jeová

E10 - Tia e primos.

E11- Padrinhos.

E12 - Valorização do esforço pessoal, considera que as pessoas que conhecia cá não são suficientemente próximas.

E13- Mãe.

E14 - Neste caso há um caso em que a ajuda se mantém ao longo dos anos.

Os meus filhos! E uma irmã também, enfermeira já reformada que mora na Costa. Também ajuda muito.

E15 – Tia.

E16 – Mãe.

E17 - Marido, "Só o marido".

E18 – Prima.

E19 - Centro Paroquial da Costa (roupa) e Associação de carácter religioso.

E20 - Nos primeiros tempos, não teve apoios significativos, posteriormente, já na Costa da Caparica encontrou familiares.

### 5.3. Trajectórias e Expectativas

A grande maioria das mulheres afirmaram passados algum tempo em Portugal que se sentiram defraudadas em relação as expectativas iniciais. Nesta parte iremos apresentar informação sobre a decisão de migrar, estilos de vida antes ou/e depois da chegada a Portugal.

E1 tinha apenas um ano quando chegou a Portugal, no entanto reconhece que a mãe, na condição de imigrante tem encontrado menores oportunidades para o lazer.

*Em S. Tomé, como era o país dela, era diferente, ela não trabalhava tanto como hoje. A vida era mais desafogada, tinha tempo para as coisas dela (trabalho, a vida/questões familiares e lazer), aqui não quer dizer que não tenha tempo de lazer, que tem, mas a nível de horário de trabalho é muito superior do que aquele que ela tinha em S. Tomé. (E1, 32 anos)*

A decisão de migração foi motivada pela reunião familiar: *A minha mãe veio por causa do meu pai, pois o pai já vivia há muito tempo aqui (Portugal), trouxe a minha mãe e vim mais a irmã, pois já eramos nascidas, e um irmão da parte do pai. (E1, 32 anos)*

E2 durante alguns anos foi professora de francês no país de origem. Portugal não foi o primeiro destino de um projeto de migração que assentava na melhoria da qualidade de vida.

*S. Tomé, eu dava aulas, era professora de francês, fui professora de francês durante cinco anos. (E2, 39 anos)*

*Ah... Pronto, posso dizer que saí, saí não foi muito pela minha vontade. Eu tava casada naquela altura, tinha um filho de três anos. Depois as dificuldades começaram a aumentar. Eu era professora, o meu marido era professor. Pronto, depois tivemos um filho, ele achou por bem sair achou por bem sair que era para ter mais condições de vida. Então ele saiu, primeiramente foi para Angola, esteve lá uns dois anos. E depois eu fui lá ter, eu fui lá ter, mas pronto um bocado pressionada, porque não tinha lá... muito sinceramente não tinha lá muita vontade de sair do meu país, apesar dos pesares. (E2,39 anos)*

Em relação ao número de actividades E2 considera que no país destino a carga de trabalho é superior. Na data da entrevista E2 era funcionária num refeitório de uma escola. Ao fim do ano lectivo o contrato termina, obrigando E2 a passar pelo desemprego.

E3 era estudante e a mãe trabalhava como operadora de caixa num hipermercado, no Jumbo. Actualmente E3 faz limpezas num banco. Em Portugal a mãe foi para a limpeza e E3, após um período de colaboração com sua mãe percorreu alguns trabalhos na área da restauração até também se fixar na limpeza.

*Lá só trabalhou*

*mesmo no Jumbo, operadora de caixa e aqui começou a trabalhar como empregada de limpeza na casa doméstica e eu ia com ela, quando cheguei. (E3, 37 anos)*

O motivo para E3 migrar foi acompanhar sua mãe, já numa idade adolescente. E esta última, após algum tempo de ponderação decidiu-se juntar ao seu companheiro.

Motivos de saúde foram o mote para a vinda de E4 para Portugal. Em S. Tomé trabalhava num hospital, como secretária.

*Eu vim para Portugal, porque vim com a minha filha mais velha doente, depois gostei daqui, fiquei. Depois começou a trabalhar. (E4, 47 anos)*

Da entrevista de E5, é das poucas entrevistadas que tinha um estilo de vida predominantemente rural.

*São Tomé trabalha de doméstica, vendia, vendia as hortaliças, essas coisas, nos mercados, era a profissão que eu fazia em S. Tomé. Tive no campo, num campo, pronto eu mesmo cultivava eu às vezes, depois nós deixamos, comprávamos ao camponeses né e íamos vender ao mercado. (E5, 50 anos)*

Em Portugal, passou por vários trabalhos.

*Mais actividades, trabalho na cozinha, pronto já trabalhei muitos trabalhos, já trabalhei cozinha, já trabalhei limpeza, pronto já cuidava das pessoas idosas. Em S.Tomé tava por minha conta, aqui tou sujeita a patrão. (E5, 50 anos)*

O motivo de vinda para Portugal foi também relacionado com problemas de saúde de uma filha.

*Vim cá parar por causa daquela menina que disse que estou a dizer que é deficiente, tinha paludismo cerebral com 11 meses e quando vim para aqui ela tinha um ano e vim para aqui tinha um ano. Cheguei comecei a fazer tratamentos mas pronto não foi possível, ficou mesmo como está ficou deficiente não ficou melhor, e nós ficamos aqui esse tempo todo. Naquele caso o meu país não tinha assim condições para ela ficar, para ela continuar a ficar, pensei em continuar com ela. (suspiro). Ela fazia tratamentos no Hospital. (E5, 50 anos)*

E6 começou a trabalhar com crianças aos 15 anos, não foi possível a continuação dos estudos, porque a família era extensa e não portadora de recursos suficientes.

*Em Cabo Verde também cheguei a trabalhar a partir dos quinze anos, eu deixei de estudar, foi trabalhar para ajudar os meus pai, nós somos muito, então tive que ir trabalhar. Comecei a trabalhar com quinze anos mais ou menos.*

*Tomava conta de criança, era o meu trabalho... lá (E6, 31 anos)*

*Porque aqui sinto mais oportunidade no que na Cabo Verde, né? Há falta, muita falta de oportunidade lá mesmo de trabalho, a nível de trabalho, tudo.*

*Aqui a gente tem sempre mais oportunidade. Isso foi... por causa disso. (E6, 31 anos)*

Como se pode constatar no discurso, E6 tem a opinião de que os ganhos são mais baixos do que os esperados. Foi a cidade do Porto onde E6 esteve pela primeira vez, como empregada interna a trabalhar junto de uma família. Após um período de adaptação menos bem sucedido, rumou a Santarém para casa de familiares e posteriormente, foi para Lisboa e Costa da Caparica antes de chegar ao Chegadinho.

E7 acompanhou o marido na migração. Em S. Tomé, esta era enfermeira estagiária.

*Ah, fazia muito coisa, cheguei a trabalhar porque em Angola antes de vir para aqui tinha feito um curso de enfermagem que era pra aí três anos e meio e tanto quando... quando eu vi para aqui eu já estava nem é "memo" bem trabalhar, mas pronto já estava a estagiar já no hospital de lá, fiz um curso básico de enfermagem, e tava lá a estagiar a coisa de 6 meses depois é que resolvi para aqui. (E7, 37 anos)*

Sobre a comparação entre a vida entre países, E7 diz:

*(...) tem que acordar muito cedo pode entrar às 9:00 no serviço, mas tem de sair casa às 06:00 e tal, essa coisa, tem de apanhar muitos transportes, essa coisa toda, e eu vejo que é bocadinho mais difícil, pronto... eu vejo isso. (E7, 37 anos)*

Actualmente, trabalha numa pousada na Costa da Caparica.

O principal propósito do projecto de migração de E8 (28 anos) está relacionado com "fuga" ao desemprego no seu país, e a tentativa de possuir um trabalho estável.

E9 desempenhou funções num colégio privado, antes da vinda para o país de destino. A lua-de-mel e posterior gravidez de gémeos de elevado risco foram prolongando estadia de E9. A ocupação profissional mais predominante de E9 tem sido a restauração. Sobre a intensidade do trabalho no contexto em que vive afirma:

*Eu acho que é cá. Trabalha-se muito, muitas horas, pelo menos eu trabalha até ao fim-de-semana. (E9, 35 anos)*

E9 foi ajudante de cozinha durante alguns anos até ficar na situação actual de desempregada. Ainda trabalhou na limpeza em Corroios. Na data da entrevista encontrava-se na situação de desempregada.

E10 (32 anos) tomou a decisão de migrar durante uma visita a uma tia, nos tempos em que ainda era estudante.

*Estudava, eu vim, de férias para uma casa de uma tia e acabei por ficar. Cá a minha tia orientava-me também tenho cá primos que vivem cá já a um bom tempo. (E10, 32 anos)*

E11 chegou a Portugal juntamente com os seus padrinhos. As decisão de migrar passaram em grande parte pela fuga à guerra. Trabalha como doméstica numa casa particular, sem contrato de trabalho, com horário flexível.

Ainda procura dar um apoio solidário a uma vizinha que foi submetida a uma cirurgia ao coração:

*Como ela foi operada ao coração,*

*ela não pode fazer muito esfor... pronto esforço, não é, ela pede-me e vai ajudar, quer dizer ela trabalha, né, mas pronto. E11 sobre a frequência do apoio: Pronto não vou todos dias, pronto vou amanhã, né. E11 sobre o tipo de apoio: aspirar, limpar o pó, limpar cozinha, limpar casa-de-banho, quando ela precisa pede para limpar os vidros, isso. (A senhora vive sozinha?) Agora o filho tá na trop..., pronto o filho tá aqui a passar férias da Páscoa.*

*Principalmente ela vive lá... sozinha. (E11, 38 anos)*

E12 relatou que sua mãe prosseguiu a actividade profissional de enfermagem, que desempenhava antes da vinda para o país destino. A decisão de migrar partiu do pai de E12, por motivos de decisão da empresa onde trabalhava.

E 12 tem trabalhado como assistente operacional de educação, sobre a sua actual situação profissional, E12, faz uma síntese no presente discurso:

*Neste momento estou desempregada, trabalhei nesta Escola do Chegadinho, trabalhei ali em Vale Flores um ano, trabalhei aqui dois, nesses últimos aqui, estamos a falar destes últimos 6 anos. Agora não faço nada, como não há é*

*óbvio, não por vontade própria. (E12, 50 anos)*

A decisão de migrar por parte de E13 está relacionada com reunião familiar, a mãe já se encontrava no país há alguns anos. Segundo ela afirma:

*Através da minha mãe, a minha já tava cá há 8,9 anos e eu vim ter com ela.  
Porque é assim eu, depois que fiquei lá com o meu pai, arranjei um filho e viver  
com o marido, o marido também não quis saber de nós mais e eu separei com  
ele, e eu fiquei lá e eu fiquei lá nessa vida, na vida de S. Tomé, né, não é  
aquela coisa, depois sem emprego. Tem que ir, tem ir, a minha viu-me nessa  
vida do sofrimento e eu vim ter com ela! (E13, 29 anos)*

O primeiro trabalho de E13 foi no país de destino, nas limpezas. Até ao dia da entrevista encontrava-se na situação de desempregada.

E14, de todas as entrevistadas foi aquela que teve uma experiência de trabalho mais abrangente entre S. Tomé e Angola.

*Sim, trabalho na fábrica de bolachas, fábrica de tabacos lá em Angola, então  
tive depois os filhos, dois filhos lá em Angola, né, depois começou aquela  
guerra em 75. (E14, 59 anos)*

*Eu comecei a trabalhar desde de criança. Eu fui sozinha para Angola. Tinha lá  
a minha tia e o meu irmão. Fiquei lá com eles. Que não tinha pessoa para  
cuidar de mim. (E14, 59 anos)*

Veio para Portugal por motivos de saúde, e possui a reforma de invalidez.

A reunificação familiar mais uma vez foi o mote da decisão de emigração por parte de mulheres africanas:

*Porque só vivíamos lá eu e a minha mãe, não tínhamos lá mais ninguém. A*

*minha mãe tava separada do meu pai. (E15, 41 anos)*

Esta família desempenhou exclusivamente trabalhos domésticos. E15 classifica o trabalho em África por parte da mãe como mais intensivo.

E16 nos anos em que esteve em Angola desempenhou as funções de secretária:

*Eu, portanto trabalhava numa armadura holandesa, como secretária.*

*Portanto uma armadura é quem tá ligado à área marítima de transportes navios, navio com transporte de carga em contentores, navios de longo porto, né, longo curso e onde vinha diversificado o material em contentores de vários agentes, de várias agências, a nível mundial, portanto a nível da Europa, e pronto trabalhávamos também com os agentes, neste caso era (...) que o nosso agente (...) com o Porto de onde se fazia escala dos navios, não é. E por aí fora, enviar mensagens, havia muito que se fazer em trabalho. Tudo mesmo*

*ligado à mercadoria. (E16, 52 anos)*

Os motivos adjacentes à decisão de migrar foram guerra e motivos pessoais. E o discurso sobre o "antes e depois" revela algumas noções por parte de E16 sobre a segmentação do trabalho em Portugal.

*Sem comparação, não tem nada haver é como o sol e a lua, estão tão próximos e tão distantes. Porque a realidade entres os... apesar de termos o mesmo, o mesmo padrão de vida, com a mesma colónia, portanto a pertencemos às Repúblicas Ultramarinas de Portugal. Temos hábitos e costumes semelhantes, simplesmente na área de empregos, aqui é muito difícil também queimei as pestanas, cheguei aqui mas não encontrei um trabalho para trabalhar num secretariado, numa creche, é sempre o mais pesado, normalmente é para o imigrante, sobretudo imigrante que pertenceu aos*

*PALOP's. (...)* (E16, 43 anos)

E17 foi funcionária pública no Ministério da defesa e também trabalhou na Cultura, em Angola. A decisão de migrar foi tomada a partir de uma proposta de trabalho realizada junto do marido. Defende a ideia de que em Portugal a jornada de trabalho é mais dura e com mais horas. Sempre desempenhou trabalhos ligados às limpezas.

E18, é a única entrevistada que tinha um estilo de vida itinerante, também ligado à ruralidade. Segundo é descrito:

*A minha actividade em Cabo Verde, eu trabalhava na horta e depois, vendia também para a ilha de Cabo Verde e comprava lá. Vendia na praia. Comprava comida, feijão. Comprava no Fogo e vendia na Praia e roupa também. E comprava roupa lá, na ilha do Fogo e vendia na Praia.* (E18, 54 anos)

Os motivos desencadeadores de migração estão relacionados com problemas de saúde.

*Venho na 2000, eu vinha em tratamento, em tratamento tinha dor na cabeça e vim depois eu tratei e ficar cá a trabalhar. De vez em quando aparece dor, mas já tá melhor. (E18, 54 anos)*

E18 trabalha na área da limpeza, classifica a experiência de trabalho no país de destino, como mais exigente. Do universo da desta amostra é a mulher que tem que se levantar mais cedo.

*É mais difícil, porque cause a gente levanta 4:00 horas da manhã para ir para trabalho para sair dentro da casa dez minutos para apanhar a camioneta na Cova da Piedade. É muito de noite. (E18, 54 anos)*

E19 associa o país de origem e o país de destino respetivamente a uma dicotomia entre o esforço mental e físico.

E19 foi professora em Angola, e após a migração trabalhou numa horta, limpezas e trabalho doméstico.

*Eu antes eu era... eu dava aulas, professora de física e de educação moral e cívica. Lá não se dá assim física em conjunto com química, né. Lá é separado, por isso ou dá física ou dá química. Eu dava física e depois dava educação moral e cívica. (E19,41 anos)*

Essas actividades eram mais ou menos difíceis do que as actuais? *Hum, a nível do esforço pessoal era menos exigente do que aqui, aqui emprego mais esforço físico do que mental, lá era mais esforço mental. (E19,41 anos)*

Avalia as suas experiências profissionais numa perspetiva de não carreira e precariedade.

*(...) Só tenho feitos trabalhos assim...trabalho, trabalho sério não aparece, mas umas horas aqui, às vezes, uma pessoa precisa que eu vá lá fazer umas horas, umas duas vezes por semana.(...) (E19, 41 anos)*

E20 trabalhou numa fábrica de papel antes de 1975, época em que foi de ir residir para o norte de Portugal onde trabalhou numa fábrica de calçado. E 20 falou abertamente de coacção psicológica por parte do seu marido exercidos naquela data para largar o emprego e demais situações que se caracterizaram por violência psicológica e quase física. Após o divórcio rumou até à margem-sul. Na comparação entre trabalhar como autóctone ou imigrante, não foram estabelecidas diferenças.

*Resolvi sair, porque aquilo era demais era muita violência, não física de vez em quando, porque eu às vezes não admitia, era mais verbal e pronto aquilo...(E20, 59 anos)*

Em termos sintéticos, apenas duas mulheres se encontram satisfeitas com a experiência de imigração no que diz respeito ao trabalho. Uma das mulheres não estabelece diferenças entre. Por último, todas as outras vincularam a sua opinião a dificuldades do trabalho em concreto ou então em relação à segmentação do mesmo.

#### **5.4. Experiências profissionais**

Foram observados alguns casos de entrevistadas, que para auferirem um vencimento pouco superior a 500 euros têm que desempenhar funções em dois diferentes empregos. Houve também situações em que as mulheres em restaurantes, apenas tinham definidas horas de entrada, podendo o horário de trabalho se prolongar pela madrugada fora, deixando de fora o atendimento de necessidades pessoais e familiares.

A comparação entre o país de origem e destino dá enlevo à diferença entre o número de horas de trabalho, havendo em dados casos consciência, expressa através de um discurso crítico sobre a origem das discriminações.

*Em S. Tomé, como era o país dela, era diferente, ela não trabalhava tanto como hoje. A vida era mais desafogada, tinha tempo para as coisas dela (trabalho, a vida/questões familiares e lazer), aqui não quer dizer que não tenha tempo de lazer, que tem, mas a nível de horário de trabalho é muito superior do que aquele que ela tinha em S. Tomé. (E1, 30 anos, sobre sua mãe)*

*Agora é maior, eu penso que a gente trabalha mais e a gente não ganha muito, por isso.... A gente trabalha mais. (E6, 31 anos)*

Em plano de contradição, em tempos de crise, as horas de trabalho são encurtadas, o sobre esforço das mulheres para alcançar o vencimento necessário para face às suas despesas, gera a tendência para a procura de um segundo ou mesmo terceiro trabalho.

*Eu tou a procurar um trabalho para ter para completar esse tempo. Um horário normal, então tou à procura. Tou à luta. (E6, 31 anos)*

A discrepância na distribuição do número de horas de trabalho entre mulheres do Bairro do Chegadinho terá relação com a predominância de redes informais que são responsáveis por grande parte do acesso aos trabalhos. Factor que se caracteriza como externo, logo fora do alcance das decisões e vontade intrínseca.

Muitas das entrevistadas não possuem os apoios necessários da família, porque numa situação de divórcio ou separação do pai dos filhos cabe a totalidade das tarefas de cuidado e educação dos filhos, além do trabalho doméstico. Para a maioria destas mulheres o dia começa cedo.

*Aqui é mais difícil porquê a pessoa tem que se levantar mais cedo, naquela altura não sei, Angola também agora tá praticamente assim, há 11 anos que deixei aquilo, eu na altura que eu tava lá, por exemplo eu trabalha na maternidade Augusto... tava lá a estagiar e eu fazia turnos com forme as enfermeiras efectivas faziam lá e eu entrava às 9:00 e eu saía de casa por aí*

*07:00 e tal, 07:15 e dava à vontade para ir trabalhar e ía nas calma aqui isso não se vê isso, aqui é muita correria, tem que acordar muito cedo pode entrar às 9:00 no serviço, mas tem de sair casa às 06:00 e tal, essa coisa, tem de apanhar muitos transportes, essa coisa toda, e eu vejo que é bocadinho mais difícil, pronto eu vejo isso. (E7, 37 anos)*

Actualmente, E6 trabalha num restaurante na cozinha e E7 é empregada de limpeza numa pousada a tempo parcial, somente no verão tem possibilidade de fazer o horário completo. Estes dois casos e muitos outros são comparáveis a uma tábua rasa, que olvida todas as competências profissionais e pessoais adquiridas ao longo das jornadas de trabalho no país de origem. A grande correlação que se pode estabelecer entre tempo de trabalho e lideranças e ou mesmo empreendedorismo, não parte exclusivamente do contexto vigente, mas sim de diferenças entre ofertas de trabalho do país de origem e de destino. Estas pessoas investem muito tempo e esforço na conquista de estabilidade profissional, pessoal/familiar, o que também influi no desenvolvimento intra e inter pessoal. Pelo que a ideia de preconceito individualismo social constituiu um enviesamento sobre a realidade.

*Hum, a nível do esforço pessoal era menos exigente do que aqui, aqui emprego mais esforço físico do que mental, lá era mais esforço mental. (E19, 41 anos)*

*S. Tomé, eu dava aulas, era professora de francês, fui professora de francês durante cinco anos. (E2, 38 anos)*

E2 na data da entrevista, estava empregada num refeitório de uma escola, o contrato teria o seu término em simultâneo com o ano letivo. Contudo E2 procura um emprego correspondente à sua formação profissional, nível III, Técnica de Contabilidade. Essas mediações com o universo da oferta de trabalho não tiveram qualquer espécie de efeito. Perante tantos não resultados foi feita a questão: "A que se deve não conseguir o trabalho que procura?" A resposta obtida foi a seguinte:

*Depois há outra problema do racismo impede de fazer muita coisa. Encontra-se no centros de trabalho. Como se manifesta? através de candidaturas, via-se candidaturas, vai-se para entrevista, faz-se e eles não chamam, nunca seleccionam, eles não seleccionam. Tenho, tenho, tenho n casos de economista, eu próprio tenho um irmão que é economista. Tenho n casos, mesmo as pessoas aqui do bairro há muita gente aqui formada com licenciatura, mas estão todos quase nas mãos-de-obra. Eu digo-lhe muito sinceramente há certas repartições que eu entro, têm lá pessoas que são de cá, são, são brancas, mas têm menos qualificações do que nós. Digo eu, digo eu, E2! Ali desempenhava melhor função que aquelas funções do aquelas pessoas. Eu sinto isso, na pele, sinceramente. (E2, 38 anos)*

Na prática verificam-se diferenças acentuadas entre tratamento a migrantes e autóctones. A mulher africana na Quinta do Chegadoinho é sem dúvida mais requisitada para trabalhos de maior componente física. Na realidade ainda não foi conquistado o verdadeiro lugar na esfera pública, porque não é apenas suficiente a interacção, mas sim como ela acontece. *Os imigrantes de origem africana e os seus descendentes, fazem parte da esfera produtiva mas, de preferência, em posições afastadas dos olhares e do convívio* (Marques, 2004).

Se nos debruçarmos sobre as questões de género, poder-se-á observar que a mulheres são mais discriminadas no acesso ao trabalho digno do que os homens. E quando a temática é imigração então as diferenças ganham uma dimensão ainda mais efectiva.

Segundo Kóvacs (2005b) o emprego flexível é precário quando não resulta da opção dos indivíduos; oferece uma cobertura deficiente em termos das condições de risco e protecção social; o acesso à formação é reduzido ou inexistente e as relações associativas para defesa dos interesses e direitos dos trabalhadores são também reduzidas ou estão ausentes.

A motivação para o aumento de qualificações e competências cada vez está mais agregada a uma maior conscientização de direitos. As mulheres demonstram confiança nas suas competências ao mesmo tempo que desejam acederem a mercados de trabalho mais diversificados.

*(...) o mais pesado, normalmente é para o imigrante, sobretudo o imigrante que pertenceu aos PALOP's. Digo isso porque já foi vários sectores em que reparei no atendimento das funcionárias, que lá estavam, muitas em inclusive, fiquei uma vez até chocada. Que nem sabia trabalhar como uma máquina fotocopadora, atender o público, se eu precisar daquele emprego lá ali (...), provavelmente não conseguirei entrar para ali. (E16, 51 anos)*

*Eu acho que as horas aqui de são imensas. Trabalha-se mais aqui. Não é o trabalho que é pesado. É a vida em si, nós em S. Tomé saímos para ir trabalhar, temos sempre uma tia, uma avó, que fica connosco, com os nossos filhos sem nós pagarmos nada. Um obrigado já chega. Mas aqui não, aqui, para nós irmos trabalhar, temos que ter uma ama, pagar a essa ama... o salário já é miserável... Depois sai-se desde de manhã.... faz por exemplo o meu caso, eu por exemplo tenho um caso bom, que há pessoas que saem de madrugada, voltam à noite, depois o resto, a lida da casa, nós mesmo é que temos que fazer. Tá a perceber? Em S. Tomé, nós trabalhamos de segunda a sexta, temos o fim-de-semana em casa, aqui já não, aqui por exemplo há pessoas que tem uma folga e essa folga é durante a semana, e fim-de-semana enquanto os miúdos estão em casa sozinhos, os pais tão a trabalhar. Falta muito apoio mesmo, há pessoas que de facto têm aqui um primo ou uma prima e essas pessoas vão dando apoio, como é o meu caso, não tenho ninguém cá próximos, tenho outra irmã que está em Lisboa, mas aqui próximo, não tenho ninguém, não é? Só eu e o marido temos que fazer uma ginástica enorme que é para ter as coisas. (E2, 38 anos)*

De acordo com a concepção de Sara Falcão Casaca (2005), os horários antissociais frequentemente dificultam a gestão e articulação com os tempos familiares, comunitários e sociais, em geral. Acrescentaríamos que proliferação do trabalho doméstico também tem também uma estreita relação com a flexibilização de horários por parte das entidades empregadoras. Porque os horários atípicos não necessariamente tendem a gerar divisões de tarefas domésticas, que são também disciplinadas assincronamente. Em suma a mulher faz a maior parte do trabalho doméstico, não deixando muitas vezes de completar um horário de trabalho completo no exterior. Alcañiz (em Estefânia et al.) reitera que ("*...*) são as mulheres que se dedicam mais

*tempo à esfera doméstica.* Alcañiz (in Estefânia et al., 2010). Em suma o trabalho doméstico é a actividade onde as mulheres ocupam maior número de horas, este facto consertado com uma rede insuficiente de creches, actividades e tempos livres e outras opções de apoio à maternidade e paternidade acabam por atribuir uma pretensa centralização num programa de intervenção social, que não tem espaço para dar respostas eficazes a mais de 100 crianças, jovens e respectivas famílias. Importa reportar que ainda muitos dos moradores do Bairro, por motivos variados nem sempre possuem uma rede informal de apoio à família (o apoio de familiares, amigos, etc).

### **5.5. Pressão e intensidade temporais**

Os resultados apresentados na presente pesquisa estão de acordo com a grande maioria dos reportórios de trabalhos anteriores que atestam a divisão social desigual de trabalhos por parte das mulheres em relação aos homens, em múltiplas actividades, independentemente da classificação acerca da (in)formalização das mesmas. E assim as alocações temporais afectas ao tempo para a família e lazer são construídas em sequências que por vezes se revelam dessincronizadas, logo a expectativa sobre mudanças temporais, seja em relação ao tempo de trabalho ou de lazer tornam-se cada vez mais infrutíferas.

E8, casada, com três crianças, uma delas ainda na idade de infância, com cinco anos. A sucessão de tarefas em intervalos de tempo apertados, visto que E8 tem que realizar deslocações pedonais entre diferentes zonas do Concelho, porque a rede de transportes não tem ligações directas para certos destinos, embora estes sejam próximos: 3 a 5 kms. A distribuição desigual de tarefas domésticas também aparece como um factor de sobrecarga, pode-se observar que não é o conjunto de tarefas complexas que constitui um factor de pressão sobre E8, mas sim a realização de actividades atribuídas a uma rotina caracterizada pela "mesmidade" e sobretudo desigualdade, sem perspectivas visíveis para o futuro.

Quando o presente e futuro passam pelo cuidado dos outros e não pela assunção de tempo livre, pode ser pelo que Núncio refere: dever moral de abnegação, no sentido de negação de si a favor dos outros (Núncio, 2008:69).

*Todos dias passa a correr para mim, todo o dia tenho vida activa, levanta da*

*cama, eu cuida dos miúdos para deixar na escola, deixo esse na escola depois vou deixar outro na escola, sim quando tá férias, eles têm um programa no Laranjeiro é que levar os miúdos e buscar os miúdos. Tenho que preparar almoço para os miúdos. Depois é um bola virar... vai e vem, vai e vem. Depois de ter que cuidar de casa, de roupa, todos dias o tempo corre. (E8, 28 anos)*

*A patroa quis ficar eu mais tempo, e não dava para mim, que eu tenho os miúdos, ou metia os miúdos cá, eu conseguia fazer o horário, que ela tem filhos, dois filhos e conseguia fazer ficar ali o tempo que era, que os miúdos chegava de escola. Os meus chegava, não dava para mim aquele horário, eu não podia ficar mais tempo. A patroa é que me despediu. Tinha de ficar até 6:30. (E8, 28 anos)*

*Para os meus filhos... sim, tentei, mas para os três ía pagar muito caro. Essa quando cheguei, não encontrei vaga para ela na escola, e tive que a pôr na ama ficava na ama, já pagava à ama 100 e pouco por ela e os miúdos também.*

*Não tinha esse valor para pagar para todos.*

*O horário da escola ficavam mas depois da escola ou depois do horário da escola tinha que pagar ATL, atão um pagava mais, mas depois não conseguia. (...) Não compensava fazer mais horas. (E8, 28 anos)*

*É no trabalho evidente, passa a correr que uma coisa doída, quando damos por ela o dia terminou, estamos realmente cansadas, estafadas, rebentadas para não dizer quantos vezes eu chegava do trabalho e dizia: Meu Deus, eu amanhã não consigo andar, nem me consigo mexer, que é tanta dor no corpo, tanta dor, tanta dor, tanta dor, mas eu digo que Deus realmente é maravilhoso, Ele criou-nos de forma atemorizante, só mesmo é Deus é capaz de fazer, porque no dia seguinte a gente levanta-se revigorada novamente estamos na corrida do dia-a-dia para o nosso sustento, para o sustento da nossa família. (E16, 51 anos)*

*(risos) Passa muito depressa... é pá passa muito de depressa depende de dias (risos), no trabalho de vez em quando passa muito depressa e em casa também. Para eu acho que depende da nossa disposição, é conforme os dias. Um dia quando eu tou muito bem-disposta, eu levanto, arrumo lavo, passo num instantinho, mas há dias também por exemplo, tipo hoje, fiquei ali, tou de férias, fiquei ali na cama e tal. Pessoa fica sem vontade, sem estímulo, sem*

*ânimo. Eu acho que por isso depende do tempo, que próprio a condução do país não estimula a pessoa. (E2, 38 anos)*

*Quando não tou a trabalhar a mesma coisa quando estou a trabalhar, tenho três para cuidar, quando os meninos para a escola, tou no curso aqui na Doutora da Doutora Adelaide, curso de informática, depois a fazer a inscrição no centro de emprego para ir estudar na escola aqui do Seixal, curso de culinária. (E8, 28 anos)*

*Para dizer a verdade, não vejo nenhuma actividade em que o tempo passa depressa. Quando a pessoa faz a fé e arranja uma actividade para dizer que o tempo passa depressa, já o tempo se passou. E a pessoa não fez nada e o tempo passa rápido. (E17, 43 anos)*

*Ver televisão. Passa mais depressa a ver televisão porque é uma diversão, as horas vão passando, não é? (E13, 29 anos)*

*Quando faço as coisas que gosto acho que o tempo passa muito rapidamente (atividades de lazer). No período da manhã, tiro uma hora e meia de tempo, para andar e correr e passa muito rápido apesar de ser diário. (E1, 32 anos)*

**Segundo Doob em Pomian: *um intervalo vazio ou sobrepovoado parece longo e o tempo passa então lentamente; se parece curto, pelo contrário, o tempo passa rapidamente quando vemos acontecimentos a sucederem (...)* (Doob in Pomian, 1984:219).**

*Onde é o tempo passa mais depressa? Olha se é no trabalho... a pessoa a trabalhar, né? Se a pessoa tá em casa, o tempo não passa. Para mim não tou fazendo nada o tempo não passa, eu acho que eu se tiver a trabalhar, o tempo passa mais rápido, acho que é isso. Eu a trabalhar é que acho que o tempo passa mais rápido. Se eu tar em casa, acho que o tempo não passa. (E6, 31 anos )*

*Acho que é a trabalhar, se a pessoa não estiver a fazer nada, tá parada, acha que o tempo tá parado ou o quê. (E7, 37 anos)*

*Pronto, por exemplo na cozinha, né. Eu tou lá a fazer as coisas, às vezes trabalho sozinha, tenho que fazer para ver se o tempo passa para me ir embora. Em casa a pessoa vai fazendo as coisas como pode, tem que ser mais apressado para ver se acaba o trabalho, é mesmo assim. (E5, 50 anos)*

*Olha, em restaurantes era quando estava o restaurante cheio, sentia prazer em estar aí a despachar, a cozinhar e a despachar as travessas e tudo para os clientes. Quando não houvesse clientes, pá aquilo era uma desgraça, quando não havia clientes era uma desgraça. Tava ali uma pessoa sem fazer nada, tinha que inventar, limpar isto, fazer aquilo, mais uma coisa. Era assim. (E20, 59 anos)*

*Pronto, por exemplo na cozinha, né. Eu tou lá a fazer as coisas, às vezes trabalho sozinha, tenho que fazer para ver se o tempo passa para me ir embora. Em casa a pessoa vai fazendo as coisas como pode, tem que ser mais apressado para ver se acaba o trabalho, é mesmo assim. (E5, 50 anos)*

*Lá está é na cozinha, vou para cozinha pumba pumba pumba pumba e passa rápido, estar sentado em frente a uma televisão parece que não se sai dali estar ali no facebook na internet... (E12, 50 anos)*

*No dia-a-dia a fazer... lavo loiça um pouco, limpo a casa, quê, descanso um pouco. (E14, 59 anos)*

*Quando tou no computador. A pessoa distrai-se, quando dá por conta, já foram 2/3 horas. As novas redes sociais ... (E10, 32 anos)*

*É quando tou em casa, é quando o tempo passa muito rápido. (risos) (Porquê?)  
No trabalho não... pronto. (E11, 38 anos)*

*Na lida da casa, quando dou por ela já passou. (E9, 35 anos)*

*Hum, onde é que o tempo passa mais depressa? Actividades que eu faço onde tempo passa mais depressa? (sussurrado) (Pausa) Eu acho que é mesmo em casa e no trabalho também, porque em casa... no trabalho, a pessoa... enquanto eu estiver a fazer o*

*trabalho eu me distraio, né, distrai-me às tantas quando que penso já é... já o tempo se foi, passa rápido e às vezes eu quero fazer mais coisas e o tempo já foi então, mas em casa também é... como estou em casa e a fazer o que eu quero e não tem de ninguém andar atrás, nem do tempo, então programo para fazer uma coisa, por exemplo de manhã, quando assuste, já são meio-dia e no fim do meio dia (risos) já tenho muita por fazer e o tempo tá a passar. E eu sei que nessas horas o tempo passa muito rapidamente. Ah, se tiver parada passa lentinho . (E19, 41 anos)*

*Ai, é quando eu não faço nada. Quando tou parada. Quando tou parada fico só mesmo, às até tenho que inventar, então aí gosto de... aquele móvel não tá bem ali tiro, não vou por neste lado só para ter algo para fazer, mudo, mudo tudo que tiver em casa só para ter alguma coisa mesmo... Para não passar depressa prefiro me ocupar... e quando eu vejo: " Ah, ainda essa hora?!" E vou invento mais outra coisa, em vez de eu tar ali sentada, a olhar para a televisão e a hora quando vou ver a hora já tá...! Não é? (estalos de dedos) (E3, 36 anos)*

## 5.6. Pontualidade

Ao afirmar que dada população se rege por maiores ou menores índices de pontualidade, ter-se-á que ter consciência que a difusão global do sistema temporal do ocidente é uma construção recente. Os avôs, tanto paternos e maternos do pesquisador do presente trabalho concertavam suas atividades pelo número de horas de luz solar, era famosa a expressão: "trabalhar de sol a sol", o relógio tinha a função específica de contribuir para a pontualidade em alguns eventos, a missa é um exemplo e encontros, principalmente nos mercados.

Das mulheres da Quinta do Chegadinho, apenas identificamos um traço particular, que diverge um pouco da população autóctone: o planeamento a longo prazo tende a cair no esquecimento. Entre a marcação de entrevista sete dias antes e apenas dois dias antes ou menos de véspera, este último procedimento surtiu maiores índices de sucesso no que diz respeito á adesão. Segundo algumas rotinas descritas por estas mulheres, no domínio da esfera privada o relógio poderá passar para segundo plano. Não é observável um conjunto de sequências adestradas a horas em continuum. Assim E12 tem um concepção heterogénea de tempo: *"Não o que eu faço igual cada dia é um dia cada minuto é um minuto."* (E12, 50 anos) Este facto não corrobora que não existam horas certas para almoçar ou jantar, sobretudo esta última refeição é considerada por muitas das mulheres desta amostra um momento de reunião familiar.

O traço marcante correlativo encontrado sobre pontualidade é a interação com tempo de espera. Por norma quem não gosta de esperar, não faz esperar. A educação e o respeito são os fatores justificativos com maior incidência no discurso das migrantes.

Seria um exagero atribuir as questões relacionadas com pontualidade e espera a tradições dadas a uma cultura, neste caso em particular a Africana, porque o conceito de cultura passa por, segundo a teoria de Denys Cuche *"uma quase permanente em relação ao quadro social ambiente e as modificações deste último"* (2001:171). Esta elaboração sintética não faria mais do que contribuir para o esquecimento da ausência condições estruturais de integração, que passam pela precariedade, horários atípicos e ausência de apoio à família.

Os discursos sobre pontualidade, por vezes são influenciados por aspetos organizacionais, que podem ter em si um constructo de intolerância sobre "a ausência de pontualidade" relativos a outras pessoas, o que poderá dar azo a *enviesamentos*, em suma ao que se pode pensar por evolução civilizacional em diversas situações apenas se caracteriza por pressão temporal, decorrente de um excesso de atividades contribuir uma menor tolerância à espera. A racionalidade presente em discursos do século passado, deram azo uma conceção de tempo desperdício, da qual destacamos uma citação de Thompson a partir de Thomas Wedgwood: "*Quantas horas, dias, meses prodigamente desperdiçados em ocupações improdutivas! (..) Na mente mais bem regulada dos dias de hoje, não houve e não há todos dias algumas horas gastas em fantasias, pensamentos desgovernados e sem rumo?*" (Wedgwood in Thompson, 1998:97).

Os elementos autóctones não possuirão um sistema de valores e atitudes idênticas, nem decerto formarão uma comunidade homogénea. Logo é reiterável que Bairros densamente habitados por população imigrante de diferentes proveniências sejam proliferadas por conexões culturais divergentes. Em todo o caso não se vislumbraram imigrantes detentoras de poder organizacional para a construção ou e negociação de tempos-horários, pelo contrário nas mesmas medidas que são sujeitas a horários antissociais, em simultâneo existe uma proficiência dos empregadores para requerer pontualidade.

*O que é para mim chegar depois do tempo? É pá isso chegar atrasada não é bom, é horrível. Quando se trata do patrão ou dos nosso compromissos, eu tenho que tar à hora não é?* (E17, 43 anos)

Os percursos de legalização ainda colidem com o acaso, ou neste caso específico: passa pela boa vontade do empregador. Nestes termos, a necessidade de trabalhar leva que sejam aceites condições de trabalho precárias:

*O meu primeiro emprego foi no restaurante lá na Costa de Caparica, eu vivia na Costa. Trabalhei no restaurante então aquele senhor, então o patrão não quis fazer coisa, contrato de trabalho, então sai, fui procurar outro trabalho para fazer documentos, nê? Então fui para outro restaurante mesmo na Costa e lá naquele restaurante não fizeram documentos, tão saí fui coisa, Centro Comercial O Pescador.*

*Conhece?* (E14, 59 anos)

*(...) em Portugal as pessoas trabalham muito, principalmente quando as pessoas são estrangeiras trabalham muito. Por exemplo, aqui a gente tem muitas facturas para pagar, é um corre é corre de manhã até à noite, porque aqui a gente não temos um*

*trabalho que suponhamos que por exemplo a gente possa entrar às 8:00 da manhã e sair às 05:00 da tarde? Trabalho repartidos? Praticamente da maioria das pessoas ou trabalham nas limpezas, ou trabalham nos restaurantes, que são horário repartido, entram de manhã, por exemplo, entram de manhã, por exemplo entram às 08:00, saem às 3 da tarde. Costumam entrar às 06:00 da tarde para tarde, para sair às 11:00 da noite. Eu já trabalhei assim. Aqui tem muita gente que trabalha no restaurante. Que o horário é, que quase não têm para ficar com as crianças, quando vêm do trabalho as crianças tão a dormir.*

*Isso já me aconteceu a mim, porque causa desse meu menino de 12 anos, durante um tempo, uns anos atrás não tive para ele, e hoje está a sofrer as consequência, porque tá com problema de aprendizagem na escola, não teve tempo ajudar a fazer os trabalhos para o orientar e hoje menino está mesmo.*

*Já cheguei os deixar em casa muitas vezes sozinho e eu ía trabalhar. (E10, 32 anos)*

A informalidade constituiu uma desvantagem para o trabalho dos imigrantes, onde as decisões são unilaterais que dizem respeito a horários são tomadas pelo patrão, quase sem direito a uma prévia negociação. E9 possuía uma hora certa para dar entrada no local de trabalho, mas não acontecia o mesmo o término do serviço. E o horário a E10 foi imposto. Perante compromisso indexados a uma "rigidez temporal" tão extrema, neste momento, numa fase de desemprego, não é observada uma alocação de tempo para o lazer, as mulheres continuam ocupadas o que no fundo constitui um paradoxo porque são vistas como ociosas "*não fazem nada, podem muito bem participar nas nossas actividades e chegar horas!*" (trabalhadora do projecto social local).

*Não tinha hora de saída, só tinha horário de entrada, já cheguei a sair de*

*lá às 02:00 da manhã, meia-noite. (E9, 35 anos)*

*Ele dizia simplesmente que é esse o horário  
que tem e como eu precisava de trabalhar tinha que aceitar. (E10, 32 anos)*

*Chegar depois do tempo? Chegar atrasada? Não é bom chegar atrasada a lado nenhum, não é? É bom saber, podermos cumprir horários, ao menos que apareça um imprevisto que nos sobrevenha como nos diz Eclesiastes [em 9:11, segundo a entrevistada] (E16, 51 anos)*

*Eu penso que a educação que eu tive, eu é que tenho que me desculpar, eu que me atrasei, eu que me tenho que desculpar. Só se for um atraso, vamos de uma hora é que realmente aí e se não é habitual aquela pessoa atrasar-se tanto, é porque qualquer coisa por ter acontecido. Já esperei... já esperei, já esperei combinarem comigo para ir ver um emprego e dizer às 05:00 horas tou lá e eu passa-se as 05:00, passar-se as 06:00, mas eu preciso de ter continuar à espera (risos) que essa pessoa apareça e diga qualquer coisa, não é? Ou sim ou não. (E16, 51 anos)*

O esperar pode ser negociado, poucos são os casos que foram apresentados casos de irreduzibilidade em relação a tolerância em relação à espera de uma pessoa amiga.

*Ai, tudo bem, então tudo bem, se avisar. Sim, espera, se avisar tudo bem, se não avisar é que a pessoa fica chateada. (...) Isso acontece, também acontece comigo, então, não há problema desde que a pessoa avise, agora o chato é a pessoa está a esperar e não dizer nada, a pessoa não saber dizer que hora a que pessoa vai chegar se vai vir mesmo, se não. Isso é que é chato. (E7, 37 anos)*

O tempo-relógio é mediado com o concreto, ou seja s tarefas do quotidiana. Esperar uma hora em vários casos é plausível, se estiverem reunidas duas condições: o aviso e a disponibilidade.

*Ainda consigo esperar ainda 20 minutos. [esperar uma hora] depende né, se não tenho nada para fazer naquela hora marcada, espero, mas se tiver, já não posso esperar, se tiver coisa marcada não posso esperar, já não posso esperar. (E9, 35 anos)*

E15 ao falar sobre chegar depois do tempo diz que *É um bom bocado chato (risos), eu não gosto de por as pessoas a esperar, nem gosto de esperar muito. E15 espera 5, 10, 15 minutos por uma pessoa: Espero, espero. Tenho muita paciência, por acaso sou muito paciente. E15 disse que reclamava: vinte, meia-hora já é muito....sobre o atraso de uma hora com aviso: Se avisar tudo bem, assim já vou fazendo outras coisas, espero. (E15, 41 anos)*

Nos outros casos a tolerância à espera é mínima.

*Se uma pessoa vier ter consigo 5 minutos depois da hora marcada diz alguma coisa? "Porque chegou atrasada", digo pois, ou digo: "Estava à sua espera, tava marcado para aquela hora, não chegou porque o que se passou." (E20, 59 anos)*

## **5.7. As expectativas em relação ao futuro**

Nesta parte dos resultados iremos abordar em primeiro as ideias mais direccionadas para dinâmicas colectivas e posteriormente será dado mais ênfase ao projecto de vida individual de cada mulher.

As redes informais de circulação da informação e de organização e suporte da deslocação podem desempenhar um importante papel na integração social dos migrantes. Porém a resposta em relação a satisfação de objectivos de migração está de os recursos que a sociedade de destino possa a vir a dispor, outro critério inclusivo será o estilo de vida que a população autóctone. Uma cultura autóctone orientada para o individualismo costuma estar na origem de alguns comportamentos menos solidários e

daí a menor alocação de recursos. A resposta mais abrangente para os problemas de exclusão social podem passar por uma política social concertada, onde a principal ferramenta é a promoção do diálogo inter-cultural (Costa, 1998:74).

### **5.7.1. Relações sociais no Bairro**

O Bairro Social, Quinta do Chegadinho caracteriza-se por um lugar, repleto de não lugares: Espaços vazios, as avaliações negativas sobre as condições oferecidas aos moradores de acordo com o pensamento de Augusto influência a dinâmica social do espaço: *O indivíduo ao avaliar positiva ou negativamente o bairro e demonstrando níveis de satisfação baixos em relação a este, desidentifica-se com o espaço, refugiando-se no alojamento e nas relações familiares (Augusto, 2000:8.)*

*Relação com os vizinhos, muito pouco, aqui as pessoas sei lá hoje em dia, as pessoas tá tipo fechadas, tás a ver? Se não convive muito, as pessoas hoje em dia não dá conviver muito um com o outro. Não convivem, muito pouco mesmo. A gente cumprimenta: "Olá, Bom dia". Agora convivência assim, não tem muito. Todo do prédio eu conheço. Claro a gente cumprimenta, Relacionamento, convívio, não é muito. Por acaso não é muito. Tenho também, tenho amigos aqui, claro. Agora eu tenho dizer mesmo, tipo... cada um tá na sua casa. (E6, 31 anos )*

*Eu não sou muito de frequentar as casas das pessoas, não saio... aliás deixando o serviço vou para casa.(E7,37 anos )*

*Para mim, aqui no bairro... Eu estou bem, não conforme lhe digo: só saio de casa quando é preciso para resolver questões para atrás de emprego. (E16,51 anos )*

### 5.7.2. *Expectativas*

O número de mulheres licenciadas ou com formação nível III com dupla certificação teve um incremento substancial, porém as profissões dominantes continuam a ser limpezas e hotelaria. Perante a presente recolha de dados, decidimos fazer uma pesquisa etnográfica, perguntamos à população do Bairro se haveria alguma mulher do Bairro que fosse médica, professora, enfermeira, etc. A resposta obtida em geral foi idêntica de E1: *"Sim, existe um homem, é Professor em Lisboa. Mulheres várias têm curso superior mas trabalham nas limpezas ou call-centers"* (E1, 32 anos)

*Se estou satisfeita com a vida que levo.... Não posso dizer que estou satisfeita, mas agradeço a vida que tenho mas quero sempre mais, por isso é que faço as formações, estou sempre a pesquisar para saber de mais coisas.*

*Não estou satisfeita de todo...*

*O que penso mudar... Antes de tudo, conseguir o meu espaço, pois tenho 30 anos, como sabe, e vivo com os meus pais. Quero ter o meu espaço, a minha casa.*

*O que estou a projetar... tendo em conta a conjuntura atual do país, pretendo brevemente, caso as coisas não melhorem, imigrar. País de preferência... Luxemburgo, tenho lá familiares e sei que me podem prestar algum apoio no início, até eu encontrar trabalho, só nos primeiros tempos/ano.*

*Sinto que não tenho o meu espaço na casa dos meus pais, pois divido o meu quarto com as minhas duas sobrinhas, e faz-me alguma confusão. Já vivi sozinha alguns anos e voltei para a casa dos meus pais por causa da proximidade da casa com o seu trabalho. (...)*

*O que mudava no Presente... sinto-me satisfeita por trabalhar no projeto "Agir"*

*e gostaria de não ter que ir trabalhar para o segundo trabalho. Gostava de trabalhar só neste emprego, que gosto e sinto satisfação. Que o salário fosse melhor e que deixasse de ser part-time para full-time. O que mudaria ter casa própria! (E1, 32 anos)*

E18 sobre a situação se está satisfeita com a sua situação de vida:

*Não, tá muito satisfeita, a situação tá muito difícil. Vida muito caro, a minha casa é muito pequeno, não tenho espaço de nada . Quando tá a chover, uma vez cai água. Tenho que arranjar... tenho que comprar plástico para meter em casa para água não cai dentro da casa. Isso não gosto. (E18, 54 anos)*

E18 sobre mudanças de vida:

*Penso, mas não posso. Ganhar muito pouco. Se pudesse arranjava uma casa melhor num sitio deste lado. (E18, 54 anos)*

E18 em relação como gostaria como fossem os seus dias:

*Dia para ser normal,  
por ser normal. (E18, 54 anos)*

*Onde estou a morar minha casa, queria ter uma casa que desse para mim e para os meus filhos, não dá e é muito húmida, estamos sempre constipados, doente, com gripe, com essas coisas todas. Desde que tivesse perto de uma escola para os meus filhos, para, mim tanto tanto faz.*

*(...) apesar de estar desempregada, tenho os meus bichitos*

*comigo... ao pé de mim. (E8, 28 anos)*

E18 e E8 residem no Chegadinho velho numa das casas degradadas que se encontram naquela parte do Bairro. A heterogeneidade dos espaços do Bairro constitui um aspecto relevante para identificar algumas das suas condições de habitabilidade, logo quase se torna possível pela referência da morada, elaborar uma descrição sumária de condições ligadas à habitação e a relações sociais.

*Pensa mudar muita coisa, primeira coisa é emprego, tou à procura, estou a fazer pesquisas, embora tá difícil, porque há muitas empresas a fechar eu na net continuo, continuo contínuo há procura, e também epá eu se eu puder, um dia quando eu tiver um melhor emprego, ter uma casa melhor também com outras condições, porque já expliquei também o que se passa aqui, que sendo inquilino da câmara que não é nada bom. Também preferia também mudar este aspecto também. (...)*

*Gostaria que fossem dias felizes, né, sair (risos) para ir trabalhar, fazer alguma coisa que eu gosto, se precisasse, o meu filho precisasse de alguma coisa estar disponível para eles. Por exemplo, ontem o meu filho, surgiu esta situação para saírem com a Carla para irem ver o futebol.*

*Teria logo que ser logo seis euros, muito sinceramente dei-lhe porque eu o queria a vê-lho a sorrir, para mim foi muito difícil só para ele chegar Alvalade. É isso uma independência financeira, ter um trabalho melhor para ganhar mais, no mínimo, epá no mínimo 650 euros pá, já estaria satisfeita, no mínimo, agora uma pessoa sai, trabalha... trabalha tanto, trabalha oito horas, às vezes mais de que oito horas, não consegue um salário, que não chega a quinhentos euros, é super desconfortável, super desconfortável mesmo, não se consegue ter uma independência financeira. (E2, 38 anos)*

*(...) Não era assim, era mulher que trabalhava, pegava dinheiro na mão, esse dinheiro que pegava não era para mim. (...) E era que tivesse trajada, tudo arranjadinho, agora não estou porque o dinheiro que eu ganho não dá nada e eu ... pronto, era activa.*

*Tenho que ter um trabalho e ganhar mais ou menos para resolver a minha vida.*

*E4 disse como procedia para procurar trabalho: Vou sair de casa vou procurando, compro jornal ou vou procurar nas casas das pessoa ou vou a Lisboa, consegui um trabalho só que é no Tojal, não dá. Entrava às 10:00 e saia 11:00 da noite. É no coisa do armazém, para embalar palete, para mim onde moro é longe. Eu aqui para trabalhar, só se da noite tem que ser só aqui, em Lisboa para vir chegar à meia noite... Eu não sei não conheço isto aqui, não sei se como é daqui da meia noite, não conheço. Mas eu já mulher que trabalhei, que já chegou a casa meia noite, uma da madrugada. Já trabalhei na Vasco da Gama.*

*O dia que trabalho fico mais contente e fico mais alegre, mais bonita e ainda mais activa pronto fica mais jovem. Mesmo que trabalhar cansaço, cansado mas eu trabalho na mema, chego cá tomo banho e já tá. É só ter vontade de trabalhar. (...) (E4, 46 anos)*

Os meios para uma mobilidade geográfica do Bairro eficaz são escassos, os transportes são em número escasso. A frequência de autocarros que percorrem o Bairro é de hora a hora.

E5 sobre a sua situação actual de vida:

*Não, neste momento não estou o que eu ganho não me chega para sustentar a minha casa e nem dá pagar as minhas dividas, né, mas pronto, como é assim, não posso de fazer mais de outra maneira, vou, vou vivendo assim mas para mim não é situação: porque já trabalhava, ganhava muito mais que dava para pagar a minha despesa. (E5, 50 anos)*

**Sobre a situação da filha:** *Nem, neste momento está numa Escola, é o..., ela vai e volta, e prontos. Quem me paga é a segurança social. No caso dela, está só com rendimento mínimo. Agora como tá cortado já há quatro meses que não tá a receber nada, também é um bocado complicado, e pois usa fralda usa muitas coisas, tem de comer, tem que fazer esse dias que tá em casa, que não tem que ir para a escola, é mais gasto, não é. Ela lá na escola almoça e vem só à tarde. Em casa já mais difícil, tem que almoçar tem que tomar pequeno-almoço, essas coisas todas. (E5, 50 anos)*

#### **E5 sobre o que pretende mudar na sua vida:**

*Neste momento como não estou a conseguir, quero é procurar mais é emprego. Eu, gosto mais é de cozinha mesmo, de cozinha, como não há outra coisa, eu tou na limpeza. Eu já já procurei, já me inscrevi numa firma onde inscrevi-me, mas eles querem o dia todo, tá a perceber? Mas o dia todo que eles querem é só para fazer férias, fazer essas coisas, que às vezes não aceito, porque pronto já tive no fundo de desemprego, deixei para ir fazer férias e depois fiquei em casa, porque é trabalho temporário, por fiquei em casa há espera que eles me chamavam, ficou uns três me chamaram para ir trabalhar, fui trabalhar tive problema no trabalho, tive uma queda, caí no trabalho. Tive de seguro quatro meses. Ah,*

*depois de sair, fiquei sem emprego outra vez. Como só tive lá dez meses não consegui fundo de desemprego, depois disso é que fui lá ao Fórum trabalhar essas horas, porque não conseguia trabalhar, porque não conseguia trabalho tinha que fazer qualquer coisa que aparecia.*

*A escola vou começar hoje tive mais interessada em arranjar mais horas de trabalho. (...) (E5, 50 anos)*

As diversas situações profissionais das mulheres do Chegadinho caracterizam-se por desemprego e/ou emprego precário. Os períodos de *flexibilidade precária estável*, conceito revisto por Kovács (Kovács, 2005), tem sofrido modificações num prazo bastante restrito. As vinculações laborais são cada vez mais fracas.

Não obstante, a vulnerabilidade associada mais a grupos de mulheres imigrantes, como é destacado por Boaventura Sousa Santos: " *a manipulação discricionária da insegurança das pessoas e grupos sociais vulnerabilizados pela precariedade do trabalho (...) produzindo-lhes elevados níveis de ansiedade e de insegurança quanto ao presente e ao futuro de modo a fazer a baixar o horizonte de expectativas e a criar a disponibilidade de suportar grande encargos para obter reduções mínimas dos riscos e insegurança*" (Santos, 2001). Existem mulheres que não desejam ceder facilmente em aceitar horários de trabalho não coincidentes com o horário escolar dos filhos.

*Eu quero um trabalho a condizer com o horário deles escolar,  
eu não quero ter um trabalho em que os filhos vêm sozinhos  
para a escola, para casa, sozinhos para a escola e eu não sei,  
o meu pensamento é só neles, só neles, só me dedico  
mesmo a eles. Tipo sou daquela mãe que foi filho no pensamento volta filho no  
pensamento. Sou mesmo dessas. Mesmo com o marido em casa se tivesse  
era só isso. Porque eu sei que nem todo o marido tem aquela paciência que a  
mãe tem. Porque eu digo que há homens... há pais e pais e há homens e  
homens. (qual o motivo do homem não ser tão paciente quanto a mulher?)*

*Porque se calhar não sentiu tanto não aquele acompanhamento até aos nove meses, não teve aquela coisa de se dedicar ao bebé, hum, durante a o nascimento dele até a uma certa idade, por exemplo tive com o Américo, o D. nasceu, ele foi aquele pai mesmo, tá a ver? Amável, teve sempre ali. (E3, 36 anos)*

A discussão do tema paternidade leva a diversos entendimentos que passam pelo questionamento sobre "contextos naturais", por outras palavras: a distinção de tarefas no seio do casal, tem sido objecto de modificações (Torres in Pereira, 2009:51). E3 observa o homem como uma construção social e não sexista. E procura individualizar: haverão homens com maior propensão para a paternidade que outros. Porém a gravidez ainda é vista como um elemento mais ligado à natureza do que ao social.

*Só a fazer umas horas e a pessoa não ganha o salário. Tenha uma filha, só a ganhar o salário que tou a ganhar não dá para nada.*

*Epá, eu sinceramente eu penso encontrar um trabalho melhor, é isso que tou a lutar por isso. Eu tou a lutar para conseguir um trabalho melhor que é esse que eu tou. Implica o meu esforço, né? Implica eu procurar, sei lá... o meu esforço. Vou para todos os sítios, além de pôr anúncio no jornal. Além de procurar na internet, tar ir aos sitio, que eu vou à procura, deixo o meu contacto, entrar em cada sitio para procurar, é isso. Tou à luta. Eu sei que vou conseguir né.*

*Uma coisa que eu gostava além de tar com trabalho, o que gostava mesmo era continuar o meu estudo para que acabasse a minha escola. Pois continuar a minha escola, mas para isso também como sou mãe solteira, tou sozinha, não tou com trabalho, de organizar as minhas coisas, tou nessa situação, eu quero continuar o meu estudo para acabar pelo menos a minha*

*escola, pelo menos fazer o 12º, tipo fazer um curso, uma coisa que a pessoa goste. Uma coisa assim que eu quero. E6 disse que gostava de um curso na área da cozinha: Na área da cozinha, eu gosto muito. (...) (E6, 31 anos)*

Segundo o historiador do século XIX, J.A. Froude, a liberdade e vontade são dissonantes: "*Pode ser verdade que agimos como escolhemos. Mas, podemos escolher? Não é a nossa escolha determinada por causas que nos escapam?*" A mobilidade social ascendente é condicionada por factores externos, estudar e ganhar competências são equações e não metas para o futuro. A flexibilidade laboral leva a perdas de sincronias para a vinculação mãe-filho. Já os horários das Escolas ou modalidades formativas são invariavelmente rígidos.

*Por enquanto este horário até tá-me a favorecer-me um bocadinho porque agora tou ali na Escola de Condução a tirar a carta de condução, então pronto, favorece-me mesmo um bocadinho assim agora, porque trabalho quatro hora, depois venho para casa comer qualquer coisa e vou a correr para a escola de condução. Me favorece um bocadinho. Por isso de momento não tou a procurar nada porque me tou a dedicar ali na Escola de condução. Tou a tentar a tirar a carta de condução. (E7, 37 anos)*

*(risos) O grande problema é falta de emprego, posso dizer que a minha vida também não está estável, não é, falta de trabalho, filhos, contas para pagar, e outras coisas então é um bocadinho complicado.*

*(risos) Arranjar um trabalho, em vez de ficar em casa: vou a entrevista, procuro no jornal, ainda na sexta-feira dei uma entrevista ainda na Costa, vou a centro de emprego, vou a internet, é assim que eu procuro*

*trabalho, vou procurando através das outras pessoas. É assim que tenho feito.*

*Melhores, do que estou a viver agora. (risos) (E9, 35 anos)*

E20 também salienta a questão do desemprego:

*Não, nem pensar. Porque*

*não tem, queria era trabalhar, ter uma vida activa e assim tou limitada, então*

*com a idade que tenho com 59 anos, vou fazer sessenta, que conversa é*

*essa? Queria era estar a trabalhar. Ter prazer na vida, mas uma pessoa que*

*trabalha que está activa, ache que tem mais vantagem em pensar em... na*

*vida. A pessoa que não trabalha está mais perto da morte. (risos) Olha, então*

*não trabalha, a pessoa está vincada: "o que estou a fazer neste mundo?" Muita*

*gente pergunta: "O que estou aqui a fazer? Então não trabalho, estou aqui há*

*espera que alguma coisa caia do céu".*

*Gostava que*

*me arranjassem, já não digo emprego, mas trabalho. Olha às vezes recebo*

*mensagens ou bolsa de emprego, eles dizem... olha ele tem ali, tá bem. Vou*

*lá, mas quando chego lá já tá três... dez ou vinte. Isso... isso não dá, depois*

*são vários candidatos, aceitam os que têm menos idade, têm menos idade e*

*então eu como tenho mais idade fico... fico pra reserva.*

*Como gostaria como os meus dias fossem? Olha, se eu trabalhasse, com*

*certeza já gostaria que fossem a trabalhar e depois ter os restos para mim*

*também. É só isso. Trabalhar ou prestar serviços (...) (E20, 59 anos)*

Os grupos etários acima dos 50 anos sofrem maior risco de recorrerem de situações de desemprego de longa duração (Casaca, 2012) .

*Já houve dias melhores, tempos melhores, a crise estragou tudo, não há trabalho, e se houver são com regras é complicado é muito complicado.*

*Pensa em mudar alguma coisa?*

*Acabar os meus estudos, estou há espera, como eu só fiz até ao 10º ano, inscrevi-me no centro do Seixal para fazer o 12º ano -Técnica Auxiliar de acção educativa.*

*(suspiro) E tendo um trabalho, porque com trabalho a gente faz planos, e sem trabalho a gente não consegue fazer nada, nem um plano.*

*Muitas vezes recorro à internet, outras vezes vou ao centro de emprego, isso varia muito.*

*E10 sobre as respostas ao pedido de emprego: Que não há, ou já fui a sítios em que encontro o papel a dizer que precisa de empregada, quando me dirijo lá diz que tá ocupado. (...) (E10, 32 anos)*

E13 sobre o trabalho da mãe, também parte em discurso directo:

*Que tá só a*

*trabalhar e prejudicar a vida dela, mas tem que trabalhar, se ela não trabalhar, não consegue sobreviver. "Ah mãe (...) não é preciso trabalhar tanto."*

*E13 sobre a sua vida actual: Tou, porque encontrei um homem que gosta de mim, também gosto dele. Tou satisfeita. (E13, 29 anos )*

E13 não pensa em muda alguma coisa da sua vida mas gostaria que o seu dias fossem melhores: *Melhores, ter um emprego, sair de casa, trabalhar. Essas coisas. (E13, 29 anos)*

E17 o que faria com mais tempo livre:

*Estudar, até onde der. Assim como*

*tempo fora no... não tenho assim... gosto mais de letras. Gostaria mesmo de*

*estudar, fazer um curso, fazer algo.*

*E17 sobre se manteria a sua profissão actual se tivesse estudos: É assim, isto*

*não é profissão, para eu não trato isso como profissão, eu trato isso como uma*

*actividade. Certo? Por isso ninguém gosta. Eu não gosto. Só tou nela porque,*

*pronts não tenho outros meios. Né? Necessito. Tou aqui por necessidade. E*

*não por vontade.(...)*

*Eu espero um dia voltar para a minha terra. (Quer voltar para Angola?) Eu*

*quero! Não tou aqui a fazer nada né? Só trabalhar para comer. Só? (E17, 43 anos)*

Recuperamos a caracterização de Sara Falcão Casaca sobre o trabalho em Portugal: " *trabalho intensivo, pouco qualificado e remunerado, a braços com tarefas monótonas, simples, repetitivas e desprovidas de conteúdo e de interesse intrínseco*" (Casaca,2012), poderemos, que não dispomos de uma caracterização com indicadores de anos transactos acerca dos moradores do Bairro, apenas é possível observar incongruências entre o que o documento que contém os princípios da flexigurança que foram aprovados e o que a realidade vigente do mundo da empregabilidade.

E15 sobre procura activa de emprego:

*Vou ao centro de emprego ou então*

*pergunto nas minhas amigas ou tem amigo tem pessoas conhecidas nos*

*Correios da Costa e esses pergunto se não foi lá ninguém à procura. Pronts, as*

*pessoas que trabalham lá conheço já há muitos anos do tempo que vivi na*

*Costa, quase trinta anos. Então uma delas é que me arranjou trabalho e se*

*aparecer posso ir lá perguntar se há. (E15, 41 anos)*

E 15 sobre como gostaria como fossem os seus dias:

*Como agora, mas com*

*trabalho, calmos.(...)*

*A gente vai trabalhar, viemos tarde... também se metem a limpar a casa ao fim-de-*

*semana, cuidar da casa, roupa, não sei o quê, não tou a ver. Quando se*

*trata de mulheres, vão trabalhar, vêm fazem logo o jantar, vão logo para a*

*cama. O fim-de-semana é limpar a casa em condições que durante a semana*

*não se limpa bem. A vida da mulher é assim. Há aquelas que gostam de fazer,*

*né, há aquelas que se não importam de fazer nada, vão para discotecas, vão*

*para o Almada Fórum ficar lá o dia todo. (E15, 41 anos)*

*Não, por estar desempregada. Peço a Deus que consiga arranjar um emprego*

*ainda este ano. Como se sente uma pessoa desempregada? Perdida! Ah, sem*

*sossego, desesperada, completamente desesperada. Não desejo a ninguém. É*

*a primeira vez que me encontro numa situação semelhante.*

*Cada dia é um dia diferente, mas se todos esses nesses dias com as nossas*

*tristezas, mágoas e alegrias. Sabe aproveitarmos o máximo que podermos com*

*pensamentos positivos. (E16, 51 anos)*

*Se não fosse o meu pai tar doente a precisar tanto de mim,*

*não estaria aqui neste momento, viajaria para Inglaterra, é um dos*

*países onde sempre estive porque viajei muito pela vida fora. Viajei por muitos*

*países. Neste momento estaria na Inglaterra se não tivesse que tar aqui. Tenho*

*uma irmã lá. E conhece mais alguns países?*

*Conheço muitos. Conheço a Grécia, Roma, Espanha toda, Egipto (Cairo),*

*Jerusalém, Israel, nesse caso. Sei lá... conheço muitos países.*

*Porque viajou tanto?*

*É o conhecimento, a cultura, congressos. Eu gosto de saber, eu gosto de conhecer, ter conhecimento doutros povos, por exemplo outras culturas.*

*Há alguma cultura que goste mais?*

*Eu por exemplo eu convivi muito com os ciganos, e eu acho a cultura deles*

*uma coisa muito fascinaste. É espectacular, muita coisa que... que os outros*

*povos não têm. (...) (E12, 50 anos)*

Da amostra para esta pesquisa, E12 foi a única mulher que mostrou alguma predisposição para emigrar. Ressalvar que as experiências vividas em outros países e durante a infância, onde teve um convívio estreito com ciganos lhe trouxe um maior conhecimento e reconhecimento de aspectos positivos decorrentes das relações interculturais.

*(... )eu sou uma pessoa que consigo estar sempre bem*

*com muito ou com pouco, mas também eu sentir-se bem com muito ou pouco,*

*não pode nos satisfazer. Tou bem e falta-me dinheiro para comprar... pagar as*

*despesas todas antes do dia limite do pagamento, né. E comprar uma coisa*

*quando um filho precisa, mesmo uma comida que se queira naquele dia, né.*

*Acho que isso acho faz uma pessoa sentir-se satisfeita, mas quando isso nos*

*falta, conseguir deixar algum poucocito para guardar, para ir fazendo uma*

*poupança, isso já... acho que traz uma maior satisfação. Mas não, não*

*satisfeita, só que não tou é assim deprimida com essa situação. Consigo estar*

*bem com isso. Mas satisfeita, satisfeita, não.*

*Se penso mudar alguma coisa? Olha penso, penso mudar indo bater às portas,*

*né para conseguir emprego que dê um orçamento superior àquele que eu tenho, mas assim mais de concreto, fora de isso, não tenho mais nada assim.*

*Estratégias de E19 para procurar emprego: É levar currículos e deixar nas empresas que eu quero conseguir emprego, não só, aonde eu tenho assim um palpite que de que é possível sair alguma coisa, então ir entregando mesmo.*

*Começassem logo pela manhã, né. Fazer o trabalho e terminassem, parece que é um bocado difícil de responder (risos) É mais um trabalho assim mesmo fixo, um trabalho efectivo, gostaria que eu tivesse um, de eu ter um trabalho efectivo. Um trabalho no qual eu me sentiria que estou a fazer esse trabalho, estou a ganhar esse ordenado e consigo, né com esse rendimento satisfazer todas as minhas despesas e ajudar também os filhos e ter alguma poupança.*

*Sei lá, conseguir comprar aquilo que eu quero, mas que ao mesmo tempo, eu não me deixasse levar só pelas coisas que eu tenho. Eu se conseguisse sentir que o verdadeiro signi... valor da vida, o verdadeiro sentido da vida está naquilo*

*que, que nós temos e nos faz bem interiormente e outras coisas vêm completar, porque às vezes conseguimos tudo de bom e melhor e não estamos satisfeitos, né? Uma casa boa, tem um carro bom, tem muito dinheiro consegue-se satisfazer todas as necessidades materiais, mas depois espiritualmente connosco próprios, não tem aquela angústia, eu sei lá... Então*

*eu gostaria que tudo, todos os campos da minha vida tivessem assim equilibrados de uma forma que eu me sinta bem para viver, tanto material e espiritual, intelectual, né, emocional, assim economicamente tudo estivesse assim ao nível que eu me sentisse mesmo que vale a pena. (...) (E19, 41 anos)*

E14 disse que tinha só reformas por invalidez:

*Eu não tenho, só a reforma por*

*invalidez, por invalidez. Por causa da idade, porque ainda não tenho idade.*

*E14 sobre se aprecia a sua vida actualmente: Com a minha vida? Então como*

*eu de facto tenho, tem de ser... Eu não me posso enervar, eu gostaria de*

*trabalhar, mas não posso trabalhar, não posso ficar de pé muito tempo. Dantes*

*ficava sempre nervosa, sempre nervosa, porque eu passei dias assim no*

*hospital mas agora... tomo medicamento para ficar calma. Todos dias tenho de*

*tomar medicamento senão... (...)*

*Para a minha idade, bom eu não sou analfabeta, né. Já consigo fazer alguma*

*coisa, pessoa analfabeta precisa de ir aprender, fazer: letras, coisa mais. Eu*

*não sou analfabeta já consigo ler alguma coisa.*

*[mexer no pc] aprender mais não é, aprender mais não é. A gente aprender até*

*morrer, não é. A gente aprende até morrer. (E14, 59 anos)*



## 6. Considerações finais

O desemprego, o trabalho precário e intensivo são os factores reportados pelas Mulheres Imigrantes oriundas de África que contribuíram uma avaliação negativa sobre a experiência migratória. No entanto encontram-se bastantes relatos que descrevem a actividade profissional, o lugar onde o tempo passa mais depressa, que no capítulo anterior deduzimos que poderia provir do facto de existirem multiplicidade de responsabilidades, sejam elas domésticas ou familiares.

Já sobre pontualidade, são observados alguns registos ligados a uma enculturação, ou seja uma transmissão inter-geracional de factores ligados ao chegar a horas e evitar "atrasos".

A criação de normas e o planeamento urbano juntamente com um modelo de integração são premissas para a coesão social que contribui para o papel dos cidadãos num plano reivindicativo. Estas políticas estabelecem então a diferença entre a proliferação de lugares destinados à inclusão social de todos e *“um conjunto demasiado vasto no interior do qual as pessoas se sentem perdidas, estranhas”* (Rémy; Voyé, 1994: 128).

Nesse sentido o realojamento das pessoas da Costa da Caparica para o Chegadinho segundo alguns de relatos por parte de locais apresentou um carácter demasiado institucionalizado, faltou uma margem para uma escuta activa e discussão pública do mesmo. Desconhecendo-se o carácter mais ou menos participado do referido processo de realojamento, constata-se que não existem associações, nem movimentos associativos que promovam o bem-estar da população. Esta situação foi detectada pela população que não deixa de ter noção do trabalho que as associações de moradores fazem noutros bairros.

O trabalho junto dos jovens, por parte do Projecto AGIR, independentemente do esforço de dinamização por parte da equipa local, parece existir um défice de envolvimento mais abrangente da população em actividades de carácter mais intergeracionais. Magalhães afirmou que *“Aproximar gerações é objetivo do trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações”* (Magalhães, 2000, 153).

Durante os meses em que foi desenvolvido o trabalho junto da população da Quinta do Chegadinho, percebendo que o suporte documental quer teórico ou aquele proveniente da análise de discurso não eram suficientes, decidi visitar associações dadas a

actividades com imigrantes e defesa dos seus direitos, observamos então pessoas de várias proveniências e com histórias por vezes "sofridas" mas que mesmo assim se assumiam como responsáveis pelo seu desenvolvimento psico-social e onde colaboradoras das mais variadas partes do mundo, desde Itália, Alemanha ao Azerbaijão deram e dão expressão a um trabalho sustentado. As Mulheres do Chegadinho têm condições para aprender com diferentes culturas, sabendo-se que mantêm um interesse bastante acentuado em conhecer situações ocorridas noutros países, ou prossecução de passados não distantes mas que parecem cada vez mais irrepetíveis, como será o caso de E12 que tenta concretizar os primeiros passos para uma liderança feminina, ou seja levar a bom porto o projecto da criação da associação de moradores.

Outro caso relevante foi o de E16 que demonstrou enorme sensibilidade para a defesa dos direitos humanos, além do enorme interesse pela leitura e cinema. Porém estes interesses mantêm-se longe do conhecimento comum. Porquê? No caso do Chegadinho, poder-se-á afirmar que os esforços para a mudança, que passam pelo aumento de qualificações escolares e ou académicas não têm a devida correspondência. Após várias incursões pelas ruas do Bairro, apenas encontrei uma jovem que tendo o curso superior não faz limpezas, nem trabalha em restauração, mas sim em telemarketing. Bastantes pessoas dizem: *"Ah isto, está mal para todos...."* Ao que se pode responder: *"Sim, é verdade, no entanto independentemente do PIB ou de outros indicadores económicos, estas mulheres, por serem imigrantes têm sido alvo de discriminações, constituindo um grupo vulnerável, desde do momento da sua chegada"*. Recordamos que uma das entrevistadas pediu para não serem realizados registos de áudio de algo que no entanto queria dizer. O pedido foi respeitado, então em off record foi descrita uma situação, em que no trabalho, num restaurante esta Mulher recebia o tratamento de "macaca" em tons lascivos. Porém não terminamos sem deixar uma sugestão: Se Durhheim e Parsons abordaram os papéis de género a partir de uma perspectiva de complementaridade, Sartri identificou as relações a partir do género e sua articulação na definição de papéis sexuais no seio da família por via da reciprocidade (Parsons, 1955) (Sartri, 1989). Assim para nós, a reciprocidade é um conceito merecedor de extensibilidade, que para ser congruente não é compatível com hierarquias. Surge na memória de terreno, o facto de apenas duas das mulheres ao longo das entrevistas me chamaram de doutor e outras tantas trataram o investigador por "tu". Algumas das entrevistadas realizaram perguntas mais pessoais: a morada que constava na documentação, e sobre as temáticas que me interessavam, etc. Para que a intersecção de

narrativas, histórias de vida através da incentivação de lideranças comunitárias que consigam promover condições para novas aprendizagens (*A gente aprender até morrer, não é. A gente aprende até morrer.* (E14, 59 anos), é necessário também um trabalho de mediação intercultural, onde os problemas se discutam de forma aberta e se consertem soluções práticas, aplicadas no imediato.

Outra questão pertinente é sobre a localização privilegiada junto ao Parque da Paz, que se encontra defronte ao "Chegadoinho Velho", no entanto separado por quatro faixas de tráfego automóvel bastante intenso. Algumas mulheres deslocam-se ao maior parque verde do Concelho de Almada, em grupo ou individualmente para actividades lúdicas com as crianças ou práticas desportivas, contudo ao tempo de lazer seria profícuo associar uma actividade económica, que passaria pela venda de produtos artesanais feitos pela população do Chegadoinho, que poderia passar por uma amostra de pratos africanos. Estes eventos seriam regulares, com datas anunciadas na Agenda Cultural do Município.

Outra conclusão: Não existe um espaço físico de referência que tenha a utilidade de servir para encontros, reuniões, convívios. O projecto da construção de uma parque infantil ou um Fórum não deixa de estar associado à falta de centralidade de locais que vão ao encontro dos gostos/interesses das mulheres.

A ausência de condições por parte de algumas habitações no "Chegadoinho Velho", por motivos de infiltrações e humidade são o motivo de queixas sobre problemas de saúde. As pessoas que residem nesta parte do Bairro estão sujeitas a um processo de realojamento mais moroso.

As mulheres que integraram as amostras não mostraram especial aptidão por "histórias de Príncipes Encantados". Apenas uma destas mulheres fazia face a um luto amoroso por separação, foi a única a reclamar a necessidade de um parceiro masculino para poder assegurar uma educação melhor para os seus filhos.

Por último deixaria a sugestão para a criação de um Observatório do Tempo das Mulheres Imigrantes do Concelho de Almada aliada à criação de uma rede de Centros de Tempo.



## **Bibliografia:**

Adam, Barbara (2004), *Time*, Cambridge: Polity Press.

Adam, Barbara (1995), *Time watch: The Social analysis of Time*, Cambridge: Polity Press.

Adam, Barbara (1990), *Time and Social Theory*, Cambridge: Polity Press.

Adam, Barbara and Chris Groves (2007): *Future Matters. Action, Knowledge, Ethics*. Leiden: Brill. S.1-38.

Achotegui, J., (2009), *Cómo evaluar el estrés y el duelo migratorio. Escalas de evaluación de factores de riesgo en la migración. Aplicación al estrés y el duelo migratorio. Escala Ulises*, Llançá, El mundo de la mente.

Alcañiz, 2008 em Silva, Estefânia Gonçalves et al, (2010). não está correcta esta referencia

Agostinho, Santo (1984), *Confissões*, São Paulo: Paulus.

Augusto, N. (2000), *Habitação social – da intenção de inserção à ampliação da exclusão*. Actas do IV Congresso Português de Sociologia. Coimbra: Faculdade de Economia.

Bachelard, Gaston (1988), *A Dialética da Duração*. São Paulo: Ática.

Bachelard, Gaston (1982), *A formação do espírito científico : contribuição para uma psicanálise do conhecimento*, Lisboa: Edições 70.

Bachelard, Gaston (2007), *A Intuição do Instante*. Campinas: Verus.

Bezerra, Roselane Gomes (2011-08-10), "NOvos Espaços Urbanos" in CONLAB (org.)  
Salvador: CONLAB, 1 -12.

Carmo, Hermano; Ferreira, Manuela Malheiro (2008), Lisboa: Universidade Aberta.

Carmo, Renato Miguel do (2006), Contributos para Uma Sociologia do Espaço-Tempo,  
Oeiras: Celta Editora.

Oliveira, Catarina Reis (org.), (20079, Revista Migrações, Número Temático: Imigração  
e Saúde, Lisboa: ACIDI (1).

Clavel, Gilbert (1998), A Sociedade da Exclusão: Compreendê-la para dela sair, Porto:  
Porto Editora.

Costa, Alfredo Bruto da (1998), Exclusões Sociais, Lisboa: Gradiva.

Cova, Anne e Pinto, A. Costa (1997d), —O Salazarismo e as Mulheres: uma abordagem  
comparativa, in *Penélope*, nº 17, pp. 71-94.

Cunha, Teresa (2005), Uns & Outras, Lisboa: Temas e Debates.

Cuche, Dennys (2006), A Noção de Cultura nas Ciências Sociais, Lisboa: Fim do  
Século.

Durkheim, Emile (1984), A divisão social do trabalho social, volume I, Porto: Presença.

Elias, Norbert (1984), Sobre o tempo, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Engels, Friedrich (1976), A origem da família da propriedade privada e do estado,  
Lisboa: Presença.

Flaherty, M.G. and Fine, G.A. (2001) Present, Past and Future – Conjugating George  
Herbert Mead's perspective on time. *Time and Society*, 10:2/3, 147-61.

Flick, Uwe, (2005), Métodos Qualitativos na Investigação Científica, Lisboa: Monitor.

Friedan (1963), Friedan, Betty, London: Penguin Books.

Guerra, Isabel (1997), «Um Olhar Sociológico Sobre o Alojamento»,  
in: in: Sociologia, Problemas e Práticas, nº 24, Lisboa, pp. 165-181.

Goff, Jacques Le (2000), História e Memória. Lisboa: Edições 70.

Grint, Keith (2008), A Sociologia do Trabalho, Lisboa: Jean Piaget.

Gurvitch, Georges (1964), The Spectrum of Social Time, Dordrecht: D. Reidel  
Publishing Company.

Hall, Edward T. (1994), A Linguagem Silenciosa, Lisboa: Relógio D'Água.

Hall, Edward T.; Hall, Mildred, Reed Hall, Underlying Structures of Culture; Martin, N.  
Judith et al (2002), Readings in Intercultural Communication: Experiences and  
Contexts, San Francisco: MacGraw-Hill Higher Education.

Hirata, H (2002), Nova divisão do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade,  
São Paulo. Boteimpo Editorial.

Hofstede, Geert, We, and They; Martin, N. Judith et al (2002), Readings in Intercultural  
Communication: Experiences and Contexts, San Francisco: MacGraw-Hill Higher Education.

Huntington, Samuel(1999), O choque das civilizações e a mudança na ordem mundial,  
Lisboa:Gradiva.

Kagame, Alexis (1978), A apercepção empírica do tempo e a concepção da história no tempo  
bantu. In Rincoeur (Org.) As culturas e o tempo. Petrópolis: Vozes.

Kóvac, I. (2005b). «Emprego flexível em Portugal: alguns resultados de um projecto de investigação», in Illona Kóvac, Flexibilidade de Emprego - riscos e oportunidades, Oeiras: Celta Editora.

Leach, Edmund (1989), A diversidade da antropologia, Lisboa: Edições 70.

Leach, Edmund (1961), Rethinking anthropology, London: Athlone Press

Levine, Robert (1997), A Geography of Time, New York: Basic Books.

L.W. Doob (1971), Patterning of Time, New Haven-Londres, Yale University Press. em

Krysztof, Pomian (1984), L'ordre du temps, Paris: Gallimard.

Magalhães, Dirceu Nogueira (2000). Intergeracionalidade e cidadania. In: Paz, Serafim. Envelhecer com cidadania: quem sabe um dia? Rio de Janeiro: CBCISS-ANG/RJ.

McGrath, Joseph E.(Ed.),1988, The Social Psychology of time, New perspectives, New Delhi: Sage.

Mead, G.H. (1936) Movements of Thought in the Nineteenth Century. Chicago: University of Chicago Press.

Michon, John A. (1988), Guyau's ideia of time: a cognitive view. In J.A. Michon, V. Pouthas and J.L. Jackson (eds), Guyau and the Idea of Time, 162-197. Amesterdam: North-Holland.

Neto, F. (1986), A migração portuguesa vivida e representada: Contribuição para o estudo dos projectos migratórios, Porto: Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas: Centro de estudos.

Núncio, Maria José da Silveira (2008), Mulheres em Dupla Jornada - A Conciliação entre o Trabalho e a Família. Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Nowotny, Helga (1996), *Time, The Modern and Pos Posmodern Experience*, Malden: Polity Press.

Oliveira, Catarina Reis (org.), (2007, *Revista Migrações, Número Temático: Imigração e Saúde*, Lisboa: ACIDI (1).

Paiva, Rita (2005), *Gaston Bachelard: a imaginação na ciência, na poética e na sociologia*, São Paulo Annablume.

Paterman, Carole (1994), *The Sexual contract*, Cambridge: Polity Press.

Pereira, Patrícia (2009), *Frutos do Amor, quando dois passam a três*, Lisboa: coisasdeler.

Peixoto, J ou João. & et. al, 2006. *Mulheres Migrantes: percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*, Lisboa, Portugal: ISEG.

Pena, Pires (2003), *Migrações e Integração: Teoria e Aplicações à Sociedade Portuguesa*, Oeiras: Celta Editora.

Perista, Heloísa (1999), *Os Usos do Tempo e o Valor do Trabalho. Uma Questão de Género*, MTS, Lisboa: CITE.

Pinheiro, Bruno Miguel (2007), *Elementos para uma compreensão das estruturas do mundo social no pensamento de Alfred Schutz*, Porto: Campo das Letras.

Parsons, Talcott (1955), *Family, Socialitation and Interaction Process*, New York: The Free Press.

Parsons, Talcott (1974), *O Sistema das Sociedades Modernas*, São Paulo, Pioneira Editora.

Pomian, Krzysztof (1984), *L'ordre du temps*, Paris : Gallimard.

Poirier, Jean et al (1999), *Histórias de vida - Teoria e Prática*, Oeiras: Celta Editora.

Pritchard, Evan, The Nuer: Time and Space; Grinker, Richard et al (ed.), (1997) Perspectives on Africa: a reader in culture, history, and representation, Oxford: Blackwell.

Quivy, Raymond (2008), Manual de Investigação em Ciências Sociais Lisboa: Gradiva.

Rebello, Emília (2006), Planeamento Urbano para a Integração de Imigrantes, Lisboa: ACIME.

Rémy, Jean, Voyé, Liliane, 1994, A cidade: rumo a uma definição, Porto: Afrontamento.

Rosseti, Regina. Bergson e a Natureza Temporal da Vida Psíquica. Psicol. Reflex. Crit.[online]. 2001, vol.14, n.3, pp. 617-623. ISSN 0102-7972.

Santos, Boaventura de Sousa (2006), A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política, Santa Maria da Feira: Edições Afrontamento.

Saussure, Ferdinand de (2002), Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Editora Cultrix.

Silva, Augusto Santos (1994), Entre a razão e o sentido: Durkheim, Weber e a Teoria das Ciências Sociais, Porto: Afrontamento.

Simmel, Georg (1997), “A metrópole e a vida do espírito” In Fortuna, Carlos (org.). Cidade, cultura e globalização. Oeiras: Celta Editora.

Simmel, G., A Metrópole e a Vida Mental (1979), in Velho, Otávio Guilherme (org.), O Fenómeno Urbano, 4ª Edição da Zahar Editores, Biblioteca de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Brasil.

Sorokin, PA; Merton, RK (1937), O tempo social: uma análise metodológica e funcional. O American Journal of Sociology, 42 (5), 615-629.

Sue, R. (1995). *Temps et ordre social*. Paris: PUF.

Tiryakian, Edward. (1980), Emile Durkheim Durkheim. In Bottomore, Tom e Nisbet, Robert (orgs.). *História da Análise Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Zimbardo, Philip; Boyd, John (2008), *The Time Paradox: The New Psychology of Time That Will Change Your Life*, Reno: Sierra Nevada Books.

### **Artigos consultados**

Adam, Barbara (2005), *Futures told, tamed and traded*. ESRC Professorial Fellowship Project In Pursuit of the Future.

Adams, Matthew e Hanna, Paul, Your past is not their present: Time, the other, and ethnocentrism in cross-cultural personality psychology, *Theory & Psychology* 21 February 2012 20: 835-854, DOI: 10.1177/0959354311412107, disponível em: [http://brighton.academia.edu/MatthewAdams/Papers/1475925/Your\\_past\\_is\\_not\\_their\\_present\\_Time\\_the\\_other\\_and\\_ethnocentrism\\_in\\_cross-cultural\\_personality\\_psychology](http://brighton.academia.edu/MatthewAdams/Papers/1475925/Your_past_is_not_their_present_Time_the_other_and_ethnocentrism_in_cross-cultural_personality_psychology).

Alcañiz, M. (2008), Las Políticas de conciliación entre el ámbito laboral y el familiar. Cambio o continuidad en el sistema de Género? *Ex-Aequo*, 18, 85-102.

Araújo, Emília Rodrigues (2004), A (a)sincronia dos tempos e a flexibilidade: algumas reflexões, Covilhã: Centro de Estudos Sociais da Universidade da Beira Interior, Working paper 23.

Araújo, Emília Rodrigues (2005), O conceito de futuro. Actas do Seminário 'O futuro não pode começar'. Braga, Portugal: Universidade do Minho.

Carlos, Ana Fani Alessandri (2007), O lugar no/do mundo. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p. Casaca, Sara Falcão. 2009. Revisitando as teorias sobre a divisão sexual do trabalho. Instituto Superior de Economia e Gestão – SOCIUS Working papers nº 4-2009.

Casaca, Sara Falcão (2012) A propósito do Ano Europeu do Envelhecimento Ativo e da Solidariedade entre Gerações (2012) Uma reflexão sobre a situação das mulheres, disponível em: <http://barometro.com.pt/archives/761>, acessado em: 1 de Outubro de 2012.

Casaca, Sara Falcão (2005). “Flexibilidade, Trabalho e Emprego. Ensaio de conceptualização”. Socius, Working Papers, nº 10/2005.

Costa, Marcos Roberto (2010), Tempo e Eternidade na Idade Média, Revista Mirabilia, Jun/Dez. Acedido no dia 11 de Setembro de 2012, disponível em: [http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2010\\_11/07.pdf](http://www.revistamirabilia.com/nova/images/numeros/2010_11/07.pdf).

Ferreira, Virgínia (Cor.), (2010), A Igualdade de Mulheres e Homens no Trabalho e no Emprego em Portugal: Políticas e Circunstâncias, Estudos 7, Lisboa: CITE.

Freitas, Maria João (2004). Por onde passa a satisfação residencial. In Congresso português de Sociologia (2004), 5, Braga: Actas do Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção [Recurso eletrónico]. Braga, Universidade do Minho - Campus Gualtar.

Giovinazzo Jr., Carlos Antônio, História e necessidades: a formação dos indivíduos à luz do marxismo de Herbert Marcuse [Recurso Eletrónico]. Comunicação apresentada no 4º Colóquio Marx e Engel – GT2 Marxismo e teoria social, promovido pelo Centro de Estudos Marxistas (CEMARX) da UNICAMP de 8 a 11 de Novembro de 2005.

Grisci, Carmem e Bessi, Vânia (2006), Trabalho imaterial e resistência na contemporaneidade. Boletim de saúde, v.20, nº1, p.35-47, jan/jun, Porto Alegre.

Acedido no dia 10 de Setembro de 2012, disponível em [http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/v20n1\\_05trabalhoimat.pdf](http://www.sumarios.org/sites/default/files/pdfs/v20n1_05trabalhoimat.pdf).

Hassard, J. (2001). Construção mercantilização e compressão: Uma revisão das metáforas de tempo em análise organizacional *International Journal of Comentários Gestão*, 3 (2), 131-140.

Herbert Mead's perspective on time, *Time and Society*, 10(2/3) 147-161.

Lechner, Elsa (2007), "Imigração e saúde mental", in DIAS, Sónia (org.), *Revista Migrações - Número Temático Imigração e Saúde*, Setembro 2007, n.º 1, Lisboa: ACIDI, pp. 79-101.

Leopoldo e Silva, Franklin (1996) Bergson e Jankélévitch. *Estud. av.* [online], vol.10, n.28, pp. 333-345. ISSN 0103-4014.

Marques, João Filipe (2004) "Os dois racismos dos portugueses", *Actas dos Ateliers do Vº Congresso Português de Sociologia*, Braga.

Miranda, J. (1998). Comportamento intergrupar – revisão da literatura. *Análise Psicológica*, 4, XVI, 599-614.

Menezes, Marluce (1994), *Ecologia social e reabilitação urbana : curso de introdução à reabilitação urbana*, Lisboa : Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Peixoto, João (Coord.), (2002), *Relatório de Mulheres – Mulheres Migrantes: Percursos Laborais e Modos de Inserção Socioeconómica das Imigrantes em Portugal*, Projecto PIHM/SOC/49765/2003 Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) / Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (CIDM).

Rossetti, Regina. Bergson e a Natureza Temporal da Vida Psíquica (2001), *Psicol. Reflex. Crit.* [online]., vol.14, n.3, pp. 617-623. ISSN 0102-7972.

Santos, Boaventura de Sousa (1996), «A queda do Angelus Novus: para além da equação moderna entre raízes e opções», *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 45, 5-34.

Santos, Boaventura de Sousa, 1993 (editado em nov. 1994) Modernidade, identidade e a cultura de fronteira. *Tempo Social; Rev. Sociol. USP, S. Paulo*, 5(1-2): 31-52.

Sarti, Cynthia A.. Reciprocidade e hierarquia: relações de gênero na periferia de São Paulo. *Cad. Pesqui.* [online]. 1989, n.70, pp. 38-46. ISSN 0100-1574.

Silva, Estefânia Gonçalves; Nogueira, Maria da Conceição; Neves, Ana Sofia Antunes das. (RE) Conciliação dos usos do tempo: Imigração, Género e Trabalho-Família. *Revista Psico Porto Alegre*. vol 41, n. 4, out/dez. 2010, pp.455-461.

Telles, André (2009), *Geração Digital: como planejar o seu marketing para uma geração que pesquisa no Google, se relaciona no Orkut, manda mensagens pelo celular, opina em Blogs, se comunica pelo MSN e assiste vídeos no YouTube*. São Paulo: Landscape.

Thompson, E. P. (1967) "Time, Work-discipline, and Industrial Capitalism", *Past and Present*, 36; 52-97.

Zukin, Sharon (2000), *Paisagens do século XXI: notas sobre a mudança social e o espaço urbano*. In: Arantes, Antonio A. (org.) *O espaço da diferença: Campinas, Papyrus*, Acedido no dia 03 de Julho de 2013, disponível em <http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/107-gentrification-processo-global-especificidades-locais>.

Wall, K., C. Nunes, et al. (2005), *Immigrant Women in Portugal: migration trajectories, main problems and policies*. Lisboa, working paper, Instituto de Ciências Sociais.

### Hiperligações consultadas:

*Cancian, André, Ateísmo e Liberdade (2012), disponível em:* [http://books.google.pt/books?id=mw9skEBV4sIC&pg=PA277&lpg=PA277&dq=Pode+ser+verdade+que+agimos+como+escolhemos.+Mas,+podemos+escolher?+N%C3%A3o+%C3%A9+a+nossa+escolha+determinada+por+causas+que+nos+escapam?+\(+J.A.+Froude\)&source=bl&ots=4NZlkrk7i3&sig=V4lKf-FvbTlu9taNA\\_mzd2XbYcg&hl=pt-PT&sa=X&ei=OA57UMjsNoOWhQeYz4HYBA&ved=0CGIQ6AEwCQ#v=onepage&q=Pode%20ser%20verdade%20que%20agimos%20como%20escolhemos.%20Mas%20%20podemos%20escolher%3F%20N%C3%A3o%20%C3%A9%20a%20nossa%20escolha%20determinada%20por%20causas%20que%20nos%20escapam%3F%20\(%20J.A.%20Froude\)&f=false](http://books.google.pt/books?id=mw9skEBV4sIC&pg=PA277&lpg=PA277&dq=Pode+ser+verdade+que+agimos+como+escolhemos.+Mas,+podemos+escolher?+N%C3%A3o+%C3%A9+a+nossa+escolha+determinada+por+causas+que+nos+escapam?+(+J.A.+Froude)&source=bl&ots=4NZlkrk7i3&sig=V4lKf-FvbTlu9taNA_mzd2XbYcg&hl=pt-PT&sa=X&ei=OA57UMjsNoOWhQeYz4HYBA&ved=0CGIQ6AEwCQ#v=onepage&q=Pode%20ser%20verdade%20que%20agimos%20como%20escolhemos.%20Mas%20%20podemos%20escolher%3F%20N%C3%A3o%20%C3%A9%20a%20nossa%20escolha%20determinada%20por%20causas%20que%20nos%20escapam%3F%20(%20J.A.%20Froude)&f=false) ou em <http://www.emooby.com/pt/pages/about>, acessido em: 25 de Setembro de 2012.

Câmara Municipal de Almada: Almada num Minuto, consultado nos dias 30 de Setembro de 2012 e 17 de Dezembro de 2012, disponível em: [http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage\\_gry=BOUI=5771022&actualmenu=5770956](http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_gry=BOUI=5771022&actualmenu=5770956).

Junta de Freguesia do Feijó, consultado no dia 17 de Outubro de 2012, disponível em: [http://www.jffeijo.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=68:caracterizacao&Itemid=127](http://www.jffeijo.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=68:caracterizacao&Itemid=127).

Pimentel, Irene (2008), A situação das mulheres no século XX em Portugal (1), acessido no dia 20 de Maio de 2012, disponível em: <http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2008/07/07/a-situacao-das-mulheres-no-seculo-xx-em-portugal-1/>.

Paulos, M. R. Consequências da flexibilidade. *MPRA*, paper n. 7043, 2007, consultado a 30 de Setembro de 2012, disponível em: <http://mpra.ub.uni-muenchen.de/7043/>.

Sítio de frases:, consultado no dia 10 de julho de 2013, disponível em: <http://kdfrases.com/frase/159746>.

Wikipédia: A Enciclopédia Livre, consultado no dia 12 de Agosto de 2012, disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Propaganda>.

## Anexos

### Anexo I. Inquérito de Caracterização das entrevistadas

Data da entrevista: \_\_\_\_\_ 2012, Hora: \_\_\_\_\_

Entrevista número: \_\_\_\_\_

#### A- Caracterização das entrevistadas:

1- Nome: \_\_\_\_\_

2- Data de nascimento: \_\_\_\_\_ 2.1. Idade: \_\_\_\_\_

3- Naturalidade: \_\_\_\_\_

4- Nacionalidade: \_\_\_\_\_

5- Escolaridade: \_\_\_\_\_ 5.1. Profissão: \_\_\_\_\_

6- Composição do agregado familiar: \_\_\_\_\_

7- Estado civil: \_\_\_\_\_

8- Ano de Chegada a Portugal: \_\_\_\_\_

9- Tempo de residência em Portugal: \_\_\_\_\_ anos

10- Assinale com uma cruz o seu rendimento individual (em euros):

9.1.	0-300	
------	-------	--

9.2.	300-600	
9.3.	600-900	
9.4.	900-1100	
9.5.	Superior a 1100	

11- Assinale com uma cruz o rendimento do aglomerado familiar:

10.1.	0-300	
10.2.	300-600	
10.3.	600-900	
10.4.	900-1100	
10.5.	Superior a 1100	

12. Pertence a alguma associação: Sim \_\_\_\_\_ / Não \_\_\_\_\_

12.1. Qual/Quais? \_\_\_\_\_

12.2.

Porquê? \_\_\_\_\_

## **Anexo II. O Guião de Entrevista**

### **B- A decisão de migrar:**

- 1 - Quais eram as suas/da família actividades antes de vir para Portugal?
  
- 2- Esse número de actividades diárias era mais elevado ou mais baixo do que na actualidade?
  
- 3- O que levou a pensar em vir para Portugal?
  
- 4- Quem a ajudou nos primeiros tempos em Portugal?

### **C- O quotidiano**

- 1- Quais são os locais onde trabalha?
  
- 2- A deslocação entre os locais onde trabalha faz-se com facilidade?
  
- 3- Quanto tempo demora por dia na lida da casa?

4- Tem alguém a seu cuidado?

4.1. Quais são as ajudas que tem?

4.2. Trabalhar fora ou em casa, o que é mais aprecia?

5. Se não tiver de trabalhar, o que prefere fazer para passar o tempo?

5.1 Quanto tempo costuma ter para essas actividades?

6. Quais são as actividades onde sente que o tempo passa mais depressa?

7- Como pode descrever o seu dia típico durante a semana?

7.1- Como pode descrever um seu dia típico ao fim-de-semana ?

8. Qual é actividade que repete todos dias?

8.1. E todas as semanas?

8.2 E todos os meses?

## **D- Horários**

- 1- Qual é para si o melhor horário de trabalho?
  - 1.1. E de descanso?
  
2. O que é para si “esperar muito tempo”? Em que situações?
  
3. O que é para si chegar “depois do tempo”?

**E- Expectativas em relação ao futuro**

- 1- Está satisfeita com a sua situação actual de vida?
  
- 2- Pensa em mudar alguma coisa?
  - 2.1. o quê? Quais? Como?
  
- 3- Como gostaria que fossem os seus dias?